

LIANA RIBEMBOIM FELDMAN

**RIR PARA NÃO CHORAR: ANÁLISE E AUTOCRÍTICA NO HUMOR
JUDAICO**

RECIFE, 2008.

LIANA RIBEMBOIM FELDMAN

**RIR PARA NÃO CHORAR: ANÁLISE E AUTOCRÍTICA NO HUMOR
JUDAICO**

Dissertação em psicologia clínica
referente à conclusão do programa de
mestrado na Universidade Católica de
Pernambuco e requisito para a obtenção
de grau pretendido. Dissertação orientada
por Prof. Dr. Zeferino Rocha.

RECIFE, 2008.

F312r Feldman, Liana Ribemboim
 Rir para não chorar : análise e autocrítica no humor judaico / Liana
 Ribemboim Feldman ; orientador Zeferino Rocha, 2008.
 103 f.

 Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
 Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Psicologia Clínica,
 2008.

 1. Psicologia clínica. 2. Psicanálise. 3. Riso. 4. Humorismo judaico.
 4. Prazer. I. Título.

 CDU 159.964.2

LIANA RIBEMBOIM FELDMAN

**RIR PARA NÃO CHORAR: ANÁLISE E AUTOCRÍTICA NO HUMOR
JUDAICO**

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM:

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DRA. BETTY BERNARDO FUKS

PROF. DR. ZEFERINO ROCHA

PROF. DRA NANETTE FREJ

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

RECIFE, 2008.

À David, Bernardo e Igor - as três gerações do humor.

AGRADECIMENTOS

O humor-amor

Sorte de quem ri e ama
Ama rir e ri do amor
Do amor que faz rir e unir
Que afaga e tira da dor

Sorte de quem cuida do riso
Sem braços e gestos, só os olhos imperam
Só sonhos e mistérios
E sorri

Sorte de quem gera o calor
Das palavras sozinhas, da ironia tão surda
O amor que nos banha de graça
O calor de dizer o amor

Sorte de quem faz a graça
E que graça, esse amor
Passado e presente, atrás e em frente
Que guia os dias de cor

Sorte de quem tem as letras
No passo e no ritmo
Gracejo, afago e sorriso
Que cercam os tempos sem flor

Sorte de quem consegue falar
E rir sem chorar, ou chorar sem matar
Não medir a voz sem senhor
Nem mandar nos versos do amor

Sorte de quem pega no amor
No amor sem limites, sem regras ou mágoas
Sem tudo e sem nada
Só vida de ar e piadas, só o riso e o prazer
De ser e querer
De conhecer o humor do amor.

Preciso me encontrar
Cartola e Antônio Candeia
1976

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer, quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar

Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer, quero viver

Deixe-me ir, preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Introdução | 8 |
| Parte 1 - Os chistes, o cômico e o humor em Freud com referências a Bergson | |
| Introdução para a Parte 1 | 11 |
| 1.1. Caracterização e função dos chistes | 12 |
| 1.2. Os chistes judaicos em Freud | 19 |
| 1.3. Os mecanismos inconscientes e de prazer nos chistes | 26 |
| 1.4. Descrição dos termos: o cômico e o risível em Bergson | 31 |
| 1.5. O efeito cômico nos chistes | 39 |
| 1.6. A economia da compaixão e o prazer humorístico | 43 |
| 1.7. O humor na segunda tópica | 47 |
| Parte 2 - O humor judaico | |
| Introdução para a Parte 2 | 50 |
| 2.1. O 'ser judeu' | 51 |
| 2.2. Tradição oral e identificação | 64 |
| 2.3. A festa de Purim | 71 |
| 2.4. Características fundamentais do humor judaico | 76 |
| 2.5. O humorista judeu do séc. XX/XXI - <i>The Nanny</i> | 88 |
| Conclusão | 99 |
| Referências | 101 |

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito caracterizar o humor judaico com base na psicanálise freudiana. Para tanto, o conceito de chistes e de humor desenvolvidos por Freud foram explanados. Visando uma complementação teórica para este estudo, as referências ao cômico encontradas na obra de Henri Bergson também foram utilizadas, de modo a promover uma compreensão mais ampla sobre a questão do humor judaico. Esta pesquisa situa a necessidade do humor judaico em três grandes pólos: como forma de defesa do ego em situações difíceis, como liberação de agressividade por uma via lícita e, finalmente, como narrativa oral passada transgeracionalmente, realizando assim uma identificação grupal no povo judeu.

Palavras-chaves: humor, chistes, witz, comicidade e judaísmo.

ABSTRACT

This research has the purpose to characterize the Jewish mood based on the freudian psychoanalysis. For that, the concept of chistes and mood developed by Freud were explained. Aiming a theoretical complementation for this study, the references of the comic mood found in the work of Henri Bergson were also used, in order to promote a wider understanding on the topic of the Jewish mood. This reserach points out the need of the Jewish mood in three great areas: as a form of ego defense in difficult situations, as release of aggressiveness in a licit way and, finally, as a verbal narrative passed on from generation to generation, thus carrying through a group identification among the Jewish people.

Keywords: humour, chistes, witz, comic and judaism.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado em psicologia clínica tem a finalidade de compreender o humor judaico, suas características, funções e necessidades. Os motivos pelos quais as pessoas fazem uso do humor, e não necessariamente o humor judaico, estão impressos neste trabalho. A leitura psicanalítica freudiana deu o respaldo fundamental para a realização dessas explanações, especialmente a partir dos estudos dos chistes e do humor empreendidos pelo próprio Freud.

Esta pesquisa busca compreender as formas de utilização do humor judaico, e se inicia com três hipóteses interligadas: usa-se o humor como forma de preservar o ego de situações indesejadas, como forma de desempenhar agressividade sem transgredir as leis vigentes e, como forma de manter o grupo unido por meio da identificação e da narrativa passada de geração a geração.

A metodologia desta pesquisa tem como orientação os moldes da pesquisa em psicanálise, exclusivamente bibliográfica e sem estudos de casos clínicos. Ela se divide em duas grandes partes, cada qual com os seus tópicos pertinentes. A primeira parte trata os conceitos psicanalíticos dos chistes e do humor vistos em Freud. Além disso, nesse primeiro momento do trabalho, há a contribuição de grande valor oriunda do texto do filósofo francês Henri Bergson, que será abordado mais adiante, ainda nesta introdução.

A segunda parte da dissertação tenta dar conta das características do povo judeu, de alguns traços culturais e religiosos e, após essas referências, do humor judaico propriamente dito - o foco da pesquisa. O caminho escolhido se deu para haver uma melhor compreensão do leitor, pois primeiramente se debatem os conceitos de Freud e de Bergson, e só depois de firmar esse conhecimento, a questão judaica se inicia.

Como todo trabalhado acadêmico, foi necessário realizar muitas delimitações do campo de pesquisa, até que o texto pudesse ganhar uma forma mais coerente de ser lida e pensada. Portanto, infelizmente, muitos conceitos além dos impressos aqui poderiam ter sido abordados, assim como muitos outros autores. Sabe-se que os estudos sobre o humor já foram considerados secundários pelos psicanalistas e acadêmicos, porém nos últimos anos esse assunto tem vindo à tona por intermédio de grandes autores e, assim, despertado interesse no público em geral. É possível citar, somente entre os brasileiros,

nomes como Renato Mezan, Daniel Kupermann, Moacyr Scliar, Abrão Slavutzky e Betty Fuks, que abordam os temas ligados ao judaísmo e, diretamente ou não, o humor judaico.

Seria bastante enriquecedor expor as perspectivas de todos esses autores nesta dissertação, porém somente a última, Betty Fuks, tem algumas citações impressas nesta dissertação. Por conta da delimitação que se impõe ao texto, já no projeto de pesquisa ficou claro que somente Freud e Bergson seriam detalhadamente trabalhados, e assim foi feito. O projeto de pesquisa elaborado com antecedência guiou a dissertação com firmeza, pois foi possível realizar tudo aquilo que estava proposto a se colocar no texto. Portanto, mais uma vez, infelizmente e por conta da delimitação escolhida, os autores brasileiros não puderam ter suas idéias incluídas diretamente aqui, embora as tenham em partes, ao compactuar com a obra de Freud.

Por outro lado, a presença de Bergson pareceu muito oportuna, pois embora somente um livro desse filósofo tenha sido explanado, ainda assim foi de uma valia impressionante. A compreensão da comicidade em sua leitura filosófica ajudou a dar consistência ao texto, de modo a auxiliar o entendimento sobre as concepções freudianas do chiste e do humor.

Ainda sobre a segunda parte, ao tratar o judaísmo, apresentou-se a festa de Purim e um seriado norte-americano chamado *The Nanny*. Este, escolhido como exemplo entre tantas manifestações do humor judaico vistas nos meios de comunicação, parece ser o que mais ilustra tudo o que foi relatado ao longo da dissertação. Assistir *The Nanny* é como ver os conceitos de Freud e de Bergson, ao mesmo tempo, personificados em roteiro e atuações brilhantes, dando vida às teorias de mais de um século atrás.

Vale salientar que, ao longo de todo o texto, quando foi necessário citar D'us por escrito, a palavra foi propositalmente escrita com uma letra a menos. Isso se dá por conta de um ensinamento judaico que orienta os judeus a não falar o nome de D'us em vão. Como este é um trabalho acadêmico, e não um momento de reza e contemplação do divino, o nome escrito sem falhas pode ser considerado em vão. Esse cuidado foi tomado na dissertação, mas o sentido da palavra continua sendo exatamente o mesmo.

Sobre as palavras em hebraico e ídiche, elas foram traduzidas no corpo do texto, seja por meio de uma tradução literal ou com o seu sentido agregado à frase. Pensou-se ser mais fácil incluir esse vocabulário estrangeiro ao longo da narrativa, da mesma forma que é feito no meio judaico e no humor judaico. Além disso, usando a tradução incorporada à frase, evita-se que o leitor consulte constantemente um glossário ao final

do texto, interrompendo assim a leitura e a linearidade das idéias. Ainda sobre a tradução, a dissertação manteve as mesmas expressões usadas na edição Standard brasileira da obra de Freud, feita por Jayme Salomão. É sabido que há outras possibilidades para melhor traduzir algumas palavras de conceitos freudianos, mas aqui se fez a opção de manter as citações exatamente como está apresentado no texto publicado pela Imago.

Esta dissertação teve como estímulo principal as muitas questões que ligam judaísmo e psicanálise. Após pensar sobre a vastidão de temas que poderiam ser pesquisados, foi decidido que o humor judaico precisava de uma atenção maior, pois essa manifestação é vista constantemente nas comunidades judaicas. Trata-se de uma motivação teórica e de transferência com as temáticas que rodeiam o povo judeu, da observação cotidiana de tudo o que foi relatado neste estudo. O humor judaico se mostrou como sendo um tema vivo, observável constantemente, e com uma função social bastante importante. Por essas razões, entre as inúmeras relações possíveis entre psicanálise e judaísmo, se escolheu o humor judaico.

Para finalizar a introdução, espera-se que este trabalho possa fazer emergir no leitor a sensação de compreensão do texto, das idéias expostas e, acima de tudo, que permita debates e mais estudos sobre o tema.

Parte 1 - Os chistes, o cômico e o humor em Freud com referências a Bergson

Introdução para a Parte 1

Para dar início aos estudos sobre o humor judaico, é necessário expor os motivos pelos quais esses tópicos foram escolhidos e a razão do seu ordenamento.

A Parte I se chama *Os chistes, o cômico e o humor em Freud com referências a Bergson*. Tal título tenta comprimir aquilo que se segue nos primeiros tópicos. Ao pensar o final da frase - *com referências a Bergson*, a intenção principal é mencionar o autor claramente, embora não se tenha uma dimensão de toda a obra de Bergson no presente estudo.

Somente o livro *O riso*, de Bergson, foi trabalhado nesta dissertação, mesmo sabendo que a sua obra abrange temas diversos e densos que merecem uma atenção muito maior. Porém, como o objetivo principal desta pesquisa é estudar o humor judaico, e como o mestrado em questão é em psicologia clínica, não em filosofia, somente o referido texto bergsoniano precisou ser utilizado. Não que a escolha do texto invalide toda a obra, ao contrário: somente está aqui o conteúdo que foi pensado detalhadamente, com a finalidade de não desmerecer a importância desse filósofo ao tratar rapidamente as suas teorias.

Esta Parte I pretende fornecer o embasamento teórico necessário para a compreensão da Parte II, bem como do texto como um todo, portanto cada tópico está disposto visando uma evolução natural do tema. Inicia-se então com as conceituações dos chistes, e aos poucos os ditos de Bergson surgem, do mesmo modo que os chistes judaicos vistos em Freud e as observações sobre o prazer humorístico.

1.1. Caracterização e função dos chistes

"Só é um chiste o que eu permito que seja um chiste."
Freud, 1905, p. 126.

Em seu livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905, Freud empreendeu um trabalho minucioso de caracterização dos chistes e descrição de sua técnica peculiar. Abordou palavras de duplo sentido, gracejos, raciocínios falhos, jogos de palavras, palavras criadas especialmente para formar um chiste e até mesmo o *nonsense*, de modo que as maneiras de entendimento acerca dos chistes se mostram bastante amplas. Por isso, não é possível delimitar uma única regra para descrever sua formação e suas características - trata-se de um conjunto de idéias e possibilidades. Apesar dessa referida amplidão, Freud se ocupou de traçar o que se chama de técnicas dos chistes, para que fique claro como esse tipo de narrativa se forma e se conceitua. Para esta pesquisa, interessam primordialmente os capítulos do texto de 1905 em que Freud trata os propósitos dos chistes e o mecanismo de prazer gerado por eles.

Para começar a explanação sobre os chistes na obra freudiana, faz-se necessário expor a necessidade do chiste, a motivação que o leva à sua execução. Aqui, entende-se como um dito chistoso aquele que é capaz de expor algo proibido sem que uma lei seja quebrada, bem como é capaz de fazer os envolvidos terem um ganho de prazer, que auxilia a manutenção do ego. Com isso, os chistes em situações extremas da vida cotidiana - como perdas, violência ou afins, fazem o narrador sentir-se melhor ao proferir frases hostis visando amenizar o momento de dor, medo ou angústia. Como exemplo, certa vez uma jovem de família abastada soube que precisaria dirigir seu carro de madrugada por uma via estranha e perigosa, quando a colega lhe disse: "tome muito cuidado, trata-se de uma área sem movimento e famosa por ser local de prostituição". Com medo do que lhe poderia suceder, mas sem ter a opção de fazer outro trajeto, a moça respondeu: "tudo bem, eu precisava mesmo ganhar um dinheirinho."

Além do auxílio ao ego nas situações extremas ou difíceis, como a narrada acima, o chiste se destaca também como álibi para uma liberação de agressividade dentro do contexto cultural. Um sujeito que faz chistes tem a possibilidade de falar sobre temas sem que pareçam obviamente ofensivos ou ilícitos. Assim, mais uma vez, o ganho de prazer surge como um ótimo atrativo ao feitio dos chistes. E dessa forma as

peçoas encontram um alívio ao proferir frases chistosas, pois encontram uma forma socialmente aceita de criticar alguém. Esse mecanismo beneficia também o povo judeu ao longo de sua história, pois é notório o uso demasiado de material chistoso em narrativas comunitárias, passadas oralmente ou escritas.

O foco desta pesquisa é pensar nas razões do humor judaico, onde claramente as agressões sutis, o fortalecimento do ego e o prazer gerados por ele estão incluídas. Para entender melhor os motivos dos chistes nos grupos judaicos, bem como as principais formas dessas manifestações, mostra-se necessário citar algumas caracterizações dos chistes propostas por Freud no seu texto de 1905. Ele inicia o terceiro capítulo da parte analítica fazendo a distinção entre chistes inocentes e tendenciosos. Os inocentes terminam em si mesmos, são a forma mais pura de um chiste, pois não têm um objetivo particular ao serem proferidos, embora, mesmo despreziosamente, façam gerar prazer. Já os tendenciosos - que serão mais frequentes ao longo da pesquisa, servem a uma finalidade específica e implicam um direcionamento intelectual para a obtenção do sentido do chiste.

O agradável efeito dos chistes inocentes é em regra um efeito moderado: um nítido sentido de satisfação, um leve sorriso, é tudo o que em geral podem obter de seus ouvintes. (...) Um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna dos chistes tendenciosos assim irresistíveis. Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso. (FREUD, 1905, p. 116)

Embora tenha feito esta distinção, mais adiante, ainda no livro de 1905, Freud entende que não é possível haver chistes que não sejam tendenciosos, porque direta ou indiretamente, todos servem a um propósito. Mesmo que sejam proferidos de modo leve e aparentemente sem objetivo, todo chiste tem uma função. Entre elas, a liberação de agressividade e a geração de prazer que satisfazem o ego são certamente as mais trabalhadas nesta pesquisa. Vale ressaltar que, com essa liberação da agressividade tão sutil, o sujeito permanece obediente a sua cultura, pois não precisa ferir fisicamente alguém e nem proferir calúnias, pois o chiste tem um caráter lúdico que se introduz perfeitamente no meio social. Portanto, ele tem uma função muito importante para o coletivo, pois o sujeito não precisa transgredir, ser punido e nem se marginalizar para fazer um bom chiste.

Os chistes possuem uma técnica bastante clara e detalhada por Freud logo no primeiro capítulo de *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Há várias formas de identificar uma narrativa chistosa, e em resumo é possível citar algumas. Um chiste tende a ser breve, sem muitas explanações, pois o ouvinte deve tirar suas conclusões daquele conteúdo que fica subentendido. Longas narrativas tiram a rapidez com que o chiste é feito, pois ele se forma de súbito, como uma imposição do inconsciente à consciência de quem fala. Um chiste não pode ser previsto, ele somente se faz e escapa aos domínios do superego.

Outro ponto visto nas técnicas dos chistes é que, como já foi dito, eles são uma forma velada de falar o que não se pode formalmente, portanto o sujeito formula sentenças de sentido dúbio para que a frase não se torne óbvia e proibida. Por esta razão, Freud sugere que é necessário haver uma considerável capacidade intelectual por parte do narrador do chiste, e completa dizendo que nem todas as pessoas são capazes de fazê-lo.

Também se vê nos chistes algo como um supetão, um conteúdo surpresa que é dito no final da narrativa, e é este conteúdo que dá certo brilho às palavras, bem como forma um apanhado de sentido para o seu fechamento. Assim, percebe-se que os chistes possuem um término delimitado no qual o riso acontece, e não durante a sentença. E sobre o acontecimento do riso, este só será possível se o ouvinte houver compreendido a narrativa, e o referido ouvinte é quem vai validar se aquilo foi um chiste ou não. Ou seja, para se entender um determinado chiste, é necessário estar inserido no seu ambiente e/ou cultura em questão, caso contrário não será possível concebê-lo como tal. Para um chiste ser chiste, mesmo com toda a sua técnica cumprida, é necessário que ele seja capturado pelo ouvinte. Caso contrário, o sujeito que fez o chiste rirá sozinho da sua própria articulação.

Como exemplo, parece muito difícil que um senhor de Porto Alegre capte um chiste sobre um vereador de Limoeiro, interior de Pernambuco, sem que o conteúdo tenha sido noticiado em rede nacional. Assim, o gaúcho não acessaria as sutilezas do chiste como um pernambucano o acessa, porém ambos são brasileiros e falam português, o que já facilita e torna o chiste menos distante.

Os chistes são diferentes de piadas e anedotas, bem como do cômico, embora essa diferenciação não seja vista com frequência nos dicionários de língua portuguesa. A piada, a anedota e o chiste parecem ser sinônimos, mas Freud faz a distinção em toda a sua explicação, pois submete regras à formulação dos chistes que são dispensáveis

para as piadas e anedotas. Vê-se no Dicionário on line Priberam de língua portuguesa a palavra anedota como sinônimo de "narração sucinta de um facto jocoso", ou "particularidade engraçada, histórica ou lendária". Na mesma publicação, a palavra piada pode ser "pio das aves" ou "gracejo". E nela, chiste equivale a "dito gracioso, graça, facécia". No Grande Dicionário Larousse Cultural de Língua Portuguesa, anedota significa "episódio histórico curioso e pouco divulgado" ou "narrativa curta, divertida, picante; piada". Já a palavra piada é tida como "pio, piado, pieira" ou "dito espirituoso e picante; pilhéria, anedota, zombaria e conversa fiada". E o chiste, "expressão que provoca o riso; graça, pilhéria, facécia". Como se vê, os três verbetes parecem ser sinônimos para o senso-comum, embora várias pesquisas indiquem que há diferenças entre eles. Esta pesquisa não se propõe a fazer uma minuciosa descrição dos termos, mas sim a dar uma noção geral daquilo que será tratado ao longo deste estudo. Por esta razão, não será possível adentrar nos termos e em suas traduções, pois o que realmente importa para o desenvolvimento do presente trabalho é a compreensão geral do que vem a ser o humor judaico em suas variadas manifestações.

Mesmo com tanta proximidade entre o chiste, a piada e a anedota, sabe-se que essas últimas não possuem a riqueza e a técnica dos chistes, como também não precisam de uma súbita ultrapassagem do recalque para existir. É certo que o inconsciente está freqüentemente vindo à tona para qualquer pessoa, em qualquer situação em que ele se encontre. Porém o chiste requer um movimento do inconsciente à consciência mais notório, pois a crítica fica menor em virtude do desejo de fazer o chiste, e observa-se que nem todos são capazes de fazê-lo também por conta das inibições superegóicas, além da capacidade intelectual citada anteriormente. Já os gracejos são possíveis de serem feitos por um número maior de pessoas, pois não exigem a mesma elaboração dos chistes. Mesmo assim, os gracejos, as piadas e as anedotas não são desprezíveis ao humor judaico, ao contrário, elas também fazem parte das narrativas e suspeita-se que são maioria.

Para sintetizar a descrição dos termos, pode-se dizer que o chiste é aquele que precisa de um acesso significativo ao inconsciente para acontecer. A piada pode ser repetida exaustivamente, várias e várias vezes em *shows* de humor ou conversas informais, o gracejo também, mas os chistes se diferenciam disso. Os chistes precisam de uma sintilação, de um *insight* que dê um rumo à narrativa. Eles têm um elemento surpresa característico, pois os chistes surgem em meio às frases quase que

incontrolavelmente e de supetão, e o locutor não segura o seu rápido raciocínio, que ultrapassa a censura do superego e se realiza, gerando um intenso prazer.

Assim, o chiste é mais especial e exigente do que a piada e o gracejo. Outro ponto que os diferencia drasticamente, além da surpresa impressa no chiste, é a aceitação do dito humorístico. Este tópico se inicia com a frase de Freud, que fala do chiste como algo que foi aceito pelo ouvinte, como já foi citado neste tópico. "Só é um chiste o que eu permito que seja um chiste", isso porque só é possível considerar um chiste como tal, se ele atende às exigências que o caracterizam, e isso inclui o entendimento da frase. Se o locutor fala um chiste, e o ouvinte não o compreende, então não foi um chiste, e isso precisa ficar claro. O chiste precisa ser compartilhado porque ele remete a uma função social e não existe sozinho, portanto, se o ouvinte não o entendeu, para esse ouvinte, o suposto chiste é apenas uma piada ou uma hi(e)stória engraçada.

Ao longo desta pesquisa, os termos piada e chiste são bastante usados. Porém, como a piada é uma narrativa engraçada que acessa mais pessoas, pois não precisa de todas as regras que norteiam os chistes, ela será mais utilizada. É possível dizer que as piadas judaicas serão mais apresentadas que os chistes judaicos, pois para a piada não é necessário haver surpresa, sintilação e acessos ao inconsciente para a sua realização. A piada também não precisa ser inédita e nem surgir num momento oportuno. Em geral, ela é uma narrativa que se repete e se transmuta, pois cada contador acaba alterando alguma coisa.

Sobre a comicidade, pode-se dizer que os chistes se diferenciam do cômico pela presença de um endereçamento a uma terceira pessoa. Além de quem fala e quem ouve, o chiste se comunica com um terceiro nessa relação. Já o cômico é mais simples, se faz somente entre dois e não necessita de mecanismos inconscientes ou mesmo verbais para existir, pois depende apenas de um mero gesto desajeitado ou uma encenação individual que faça uma pessoa parecer um objeto inanimado. Portanto, enquanto o cômico se faz entre dois - quem parece uma coisa e quem ri disso, o chiste precisa de três: quem fala, quem ouve e a quem o chiste é remetido. Desse modo, a formação de um chiste está longe de ser fruto de uma distração como sugere Bergson em relação ao cômico. O chiste se presta a uma construção racional muito mais elaborada do que simplesmente uma queda que um passante na rua venha a sofrer. A graça de um chiste não está somente no corpo que perde a elegância com uma possível falha, ou nas caretas de um palhaço, ao contrário, o chiste exige um processo intelectual apurado para a finalidade

da obtenção de prazer, bem como um desprendimento do pensamento concreto, de modo que nem todas as pessoas adultas são capazes de realizá-lo.

A atividade chistosa não deve ser, afinal, descrita como inútil ou desinteressada, já que tem o propósito inequívoco de suscitar prazer em seus ouvintes. Duvido que estejamos em condições de empreender *qualquer coisa* sem ter uma intenção em vista. Se não solicitarmos nosso aparato mental no momento de prover uma de nossas satisfações indispensáveis, permitimos-lhe operar na direção do prazer e procuramos derivar prazer de sua própria atividade. (FREUD, 1905, p. 115)

Mais adiante, Freud refere que o chiste tendencioso pode ser hostil ou obsceno - o hostil inclui agressividade, sátira ou defesa em suas narrativas; e o obsceno objetiva o desnudamento de um desejo recalcado. Os chistes obscenos, também conhecidos como *smut*, tratam das motivações sexuais presentes nas narrativas, de modo a causar riso para alguns e constrangimento para outros. Esse tipo de atividade chistosa não será trabalhada aqui porque pouco interessa ao tema geral da pesquisa, pois dificilmente - ou quase nunca, considerando a totalidade - se encontra um chiste obsceno entre os chistes judaicos. Já os chistes hostis, incluindo toda a sua agressividade lícita possível, podem ser vistos como a maior parte da manifestação do humor para os judeus.

Freud inicia o desenvolvimento acerca dos chistes hostis com a comparação entre eles e as tendências sexuais, ambos sujeitos ao mesmo tipo de restrições e repressões exercidas pelo meio social. Assim, a hostilidade brutal é substituída pelo discurso, embora ele não fique totalmente desprovido de agressividade. O chiste permite que os impulsos indignos socialmente, estúpidos e mal educados sejam expressos por meio de uma narrativa socialmente aceita. Afinal, trata-se de uma ficção que não aponta um culpado a ser punido, pois é algo que circula nas comunidades de mesma cultura e idioma. Ou seja, o meio em que essas narrativas circulam, aceitam os seus conteúdos e os repassam, repetindo-as. Algumas vezes, quando a tradução não deteriora o chiste, é possível que o mesmo seja encontrado em várias formas e/ou em diversos idiomas, e assim ele pode acessar mais pessoas e tornar-se socialmente válido em outros âmbitos.

Em tempos de guerras, opressões e insatisfações políticas, um chiste sempre surge para manter a dignidade dos grupos que sofrem com os algozes. O mesmo pode ocorrer numa simples relação entre patrão e empregado, professor e aluno, lei e cidadão. O chiste tendenciosamente hostil fornece a chance de o sujeito criticar as várias camadas ou regimentos sociais que lhe são incômodas sem que, com isso, seja

penalizado. Assim, mesmo em momentos difíceis, o prazer da contação de um chiste está assegurado; e o ego, confortavelmente íntegro.

Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo - fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso. (...) Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, o chiste evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis. (FREUD, 1905, p. 123)

Os chistes tendenciosos são especialmente utilizados para possibilitar a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas, que reivindicam o exercício da autoridade. O chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade, uma liberação de sua pressão. O fascínio das caricaturas baseia-se no mesmo fator: rimos delas, mesmo se mal-sucedidas, simplesmente porque consideramos um mérito a rebelião contra a autoridade. (FREUD, 1905, p. 135)

Assim, o ouvinte e o narrador conseguem garantir um prazer que serve de auxílio ao ego enfraquecido. O chiste pode ser visto como um mecanismo de defesa, que resguarda o ego das sanções impostas pelos algozes, e além disso, permite que o narrador continue inserido dignamente em sua cultura, sem que seja considerado um perigoso transgressor. Portanto, o chiste se configura como uma alternativa bastante saudável ao sujeito, que tem a chance de se defender por meio de uma sutileza verbal.

1.2. Os chistes judaicos em Freud

Está *meshugenes*?

No livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud exemplifica suas observações com chistes que colecionou durante vários anos, ou mesmo com chistes que ele mesmo presenciou. Tal forma de teorizar - com descrição, análise e exemplos, torna o texto mais rico e compreensível ao leitor. Ele cita chistes dos mais diversos, porém dá uma ênfase notável aos chistes feitos por judeus, e estes são justamente os que mais interessam ao desenvolvimento do presente trabalho. Por esta razão, foi feita a escolha de trabalhar unicamente com os chistes de Freud que tratam dos conteúdos judaicos. Muitos dos seus exemplos serão repetidos a seguir.

Viu-se anteriormente que os chistes tendenciosos e hostis têm como uma de suas funções a liberação da agressividade contra os possíveis algozes, mas Freud faz lembrar que alguns desses chistes são direcionados a pessoas consideradas inferiores, às pessoas indefesas tais como o *shadchen*, o *schnorrer* e o *meshugenes* tão presentes no folclore judaico. Ele questiona os motivos da obtenção de prazer com os chistes hostis direcionados a esse grupo, já que não são algozes e nem hierarquicamente superiores ao povo em geral.

Não será antes o caso de que os chistes só trazem ao primeiro plano os agentes matrimoniais para ferir algo mais importante? Não será o caso de dizer uma coisa e significar outra? Realmente não é possível rejeitar essa perspectiva. (FREUD, 1905, p. 125)

De fato, não é possível rejeitar essa perspectiva. Também não é possível afirmar o que o próprio Freud quis dizer com esse questionamento, mas talvez esta pesquisa alcance alguma dimensão cabível como argumento. A hostilidade para com as figuras folclóricas judaicas - o agente matrimonial, o mendigo e o louco, mesmo sem que elas ofereçam males ou poderes contra os demais, pode ser explicada pelo ponto central deste trabalho, que é pensar o humor judaico como completamente autocrítico. Então, fazer uso dos chistes para rebaixar o judeu que tem como profissão fazer casamentos arranjados, pode ser uma forma também de apontar as pessoas que ganham algum dinheiro com isso e aquelas que pagam para ter uma noiva ou um noivo sem nem mesmo se afeiçoar por eles. Trata-se de uma crítica contra a cultura judaica feita pelos

próprios judeus, pois de alguma forma é preciso mostrar que, mesmo dentro de um grupo, as pessoas divergem em conceitos e opiniões.

De qualquer modo, essa questão dos casamentos arranjados parece obscura tanto na concepção freudiana quanto no folclore judaico, que obviamente - como boa parte das expressões humorísticas, se sustenta no exagero. Sabe-se que muitas moças e rapazes religiosos, ainda hoje, se submetem a encontros para conhecer possíveis maridos ou esposas, mas os encontros não são obrigatórios e o casal só se compromete se realmente encontrar afinidades entre si. Ao que parece, não existe mais o *schadchen* como profissão, ou pelo menos não tem sido uma prática comum mesmo para as famílias mais tradicionais. Existem pessoas que se conhecem, têm os mesmos hábitos, apresentam amigos uns aos outros, e assim os encontros e as conversas naturalmente acontecem, como em qualquer outro grupo de pessoas e em qualquer lugar do mundo. A diferença se encontra entre os mais religiosos, pois o contato íntimo com o pretendente será uma etapa a ser cumprida após o casamento.

Freud dá uma atenção especial ao *schadchen* e desenvolve sua análise de modo a articular o raciocínio falho do agente matrimonial a uma distração que o faz livrar-se da mentira. Como algo que é proibido de se dizer, pois não se pode apontar as prováveis falhas do seu próprio emprego e nem da cultura no qual ele está inserido, mas o chiste permite essa ultrapassagem.

O noivo presuntivo lamentava-se que a noiva tivesse uma perna mais curta que a outra e mancasse. O *Schadchen* contrapôs-lhe: "Você está errado. Suponha que despose uma mulher com pernas direitas, saudáveis. Que ganha você com isso? Não há de ter nunca a certeza de que algum dia ela não caia, quebre a perna e torne-se coxa pelo resto da vida. Imagine o sofrimento, o transtorno, a conta do médico! Mas se você aceita esta noiva, isso não pode acontecer-lhe. Eis aqui um *fait accompli*" ' (FREUD, 1905, p.80)

'Um *Schadchen* devendo propor a alguém uma noiva levou consigo um auxiliar, que confirmasse tudo o que ele tinha a dizer. "Ela é esbelta como um pinheiro", disse o *Schadchen*. - "Como um pinheiro", repetia o eco. - "E tem uns olhos que merecem ser vistos!" - "Que olhos ela tem!" confirmava o eco. - "Melhor educada que qualquer outra!" - "Que educação!" - "Bem, é verdade que há uma coisa", admitiu o agente, "ela tem uma pequena corcunda" - "E que corcunda!" o eco confirmou uma vez mais.' (FREUD, 1905, p. 82)

'O noivo, ficando muito desagradavelmente surpreso quando a noiva lhe foi apresentada, chamou o agente a um canto e cochichou-lhe suas censuras: "Por que você me trouxe aqui?" perguntou recriminadoramente. "Ela é feia e velha, vesga, tem maus dentes e

olhos remelentos..." - "Não precisa abaixar a voz", interrompeu o agente, "ela é surda também".' (FREUD, 1905, p. 82)

'O noivo fazia sua primeira visita à casa da noiva em companhia do agente, e enquanto aguardava no *salon* que a família aparecesse, o agente chamou sua atenção para um armário com portas de vidro onde se exibia o mais fino conjunto de peças de prata. "Veja! Olhe lá! Por estas coisas você vê como são ricos." - "Mas", perguntou o desconfiado jovem, "não seria possível que estas coisas finas tivessem sido reunidas apenas para esta ocasião - que elas fossem tomadas emprestadas para dar a impressão de riqueza?" - "Que idéia!" protestou o agente. "Quem você acha que emprestaria alguma coisa a essa gente?" ' (FREUD, 1905, p. 82)

Assim, após citar os chistes de *schadchen*, Freud questiona se essas histórias são apenas cômicas ou chistosas e, mais adiante, na página 126, ele desenvolve:

Só é um chiste o que eu permito que seja um chiste. Aquilo que é chiste para mim pode ser meramente uma história cômica para outras pessoas. Mas se um chiste admite essa dúvida, só pode ser pela razão de que tenha uma fachada - nestes casos, cômica - cuja contemplação satisfaz uma pessoa enquanto outra pode tentar inquirir por trás dela. Emerge, além disso, a suspeita de que tal fachada tencione deslumbrar a mirada inquisitiva, tendo essas histórias alguma coisa a ocultar.

De qualquer modo, se nossas anedotas de agentes matrimoniais são chistes, graças a sua fachada, elas estão em condições de ocultar não apenas o que tenham a dizer mas também o fato de que haja algo - proibido - a dizer. A continuação da interpretação - que descobre o sentido escondido e revela essas anedotas com uma fachada cômica como sendo chistes tendenciosos - seria a seguinte. Quem quer que permita à verdade escapar em um momento de distração, em realidade se alegra por livrar-se da mentira. Eis um correto e profundo *insight* psicológico. Sem essa concordância interna ninguém se deixa controlar pelo automatismo que nestes casos traz a verdade à luz. Isso converte a risível figura do *Schadchen* em simpática, merecedora de pena. Quão feliz o homem deve estar por ter podido afinal se descartar da carga de mentira, já que utiliza a primeira oportunidade para proclamar algum fragmento de verdade! (FREUD, 1905, p. 126)

Visto deste modo, as narrativas sobre os *schadchen* não são contadas com hostilidade para com o próprio agente, e sim para com o seu trabalho e a repercussão dos casamentos arranjados como algo aquém do amor entre homem e mulher, porém fortemente utilizado na cultura judaica em outras épocas. O *schadchen*, é freqüentemente retratado como alguém que faz o trabalho, mas não acredita nele, e por isso está sempre à beira de palavras que possam denegrir a imagem da noiva, de sua família, do noivo, ou mesmo desse costume, sem que essa seja a sua intenção

consciente, afinal, deixaria de ganhar seu sustento caso fosse. Freud lembra que o objeto de ataque dos chistes também pode ser as instituições, as pessoas que as representam, as crenças e dogmas morais e religiosos, de modo que a crítica a tudo isso só poderia ser feita por meio de um chiste, já que falar abertamente não seria possível e/ou lícito.

Outro personagem do folclore judaico que merece atenção é o mendigo, o *schnorrer*. Sabe-se que ele é figura constante nas manifestações do humor judaico, e as narrativas que o trazem geralmente se enquadram nos chistes cínicos, de acordo com a descrição freudiana acerca das técnicas dos chistes. Esse personagem depende da doação financeira que outras pessoas fazem, e muitas vezes passa a viver disso, como se fosse sua própria renda mensal e tivesse pleno direito ao recebimento dela.

'Um *schnorrer*, que era admitido como conviva na mesma casa todo domingo, apareceu um dia acompanhado de um jovem desconhecido que dava sinais de estar pronto para sentar-se à mesa. "Quem é este?" perguntou o dono da casa. "É meu genro desde a semana passada", foi a resposta. "Eu lhe prometi pensão durante o primeiro ano." '

'O *schnorrer* pediu ao Barão algum dinheiro para uma viagem a Ostend; seu médico recomendara-lhe banhos de mar como remédio de seus males. O Barão achou Ostend um balneário particularmente dispendioso; um mais barato resolveria igualmente. O *schnorrer*, entretanto, rejeitou a proposta com essas palavras: "Herr Barão, não considero nada caro demais quando se trata de minha saúde." '

'Um *schnorrer* em seu caminho até a escada de um homem rico, encontrou um colega de profissão que lhe aconselhou a não prosseguir: "Não suba hoje", disse ele, "o Barão está de mau humor: não está dando a ninguém mais que um florim." - "Subo lá de qualquer jeito", disse o primeiro *Schnorrer*. "Por que devo dar-lhe um florim? Ele *me* dá alguma coisa?" ' (FREUD, 1905, p. 133 e 134)

Esse tipo de história cínica e que beira o absurdo por parte do mendigo se baseia claramente na lei judaica da *tsedaká*. Freud afirma que "a indignação suscitada por esse chiste é naturalmente dirigida contra a Lei, altamente opressiva mesmo com pessoas piedosas" (Freud, 1905, p. 133). Com esta frase, o próprio Freud está em oposição aos princípios da *tsedaká*, que muitas vezes é traduzida como caridade, mas na verdade significa justiça. A Torá diz que os judeus devem fazer justiça para com os necessitados, e assim devem doar 10% do seu lucro. Isso não significa doar 10% do seu salário mensal, daquilo que é esperado como renda familiar e já tem destino programado. Trata-se da doação de 10% exclusivamente em cima de lucro extra, especialmente aquele que surgiu inesperadamente. " 'Realmente não há nenhuma

vantagem em ser rico quando se é um judeu. A miséria dos outros torna impossível desfrutar a própria felicidade' " (Freud, 1905, p. 134)

Existem várias instituições judaicas que organizam donativos aos mais necessitados, mesmo àqueles que não são judeus; e existem doadores já famosos por sua gentileza, que são frequentemente consultados pela comunidade em ocasiões diversas. O *schnorrer* que Freud cita já não existe como meio de vida, pois com a proliferação de organizações filantrópicas, as pessoas que precisam de ajuda podem recorrer a elas sem precisar pedir humildemente aos mais ricos - coisa que o *schnorrer*, totalmente cínico, já não fazia.

Ainda sobre os chistes cínicos, que muitas vezes se confundem com o raciocínio falho visto nas piadas de *schadchen*, pode-se citar a estória do '*Kück*' do rabino, ou seja, sua perspicaz visão a longo alcance:

No templo da Cracóvia o Grande Rabino N. estava sentado a orar com seus discípulos. Repentinamente emite um grito e exclama em resposta às ansiosas perguntas de seus discípulos: "Neste exato momento morreu o Grande Rabino L. em Lemberg." A comunidade vestiu luto pelo morto. Poucos dias depois indagou-se de pessoas recém-chegadas de Lemberg como morrera o Rabino, o que lhe sucedera de mau; tais pessoas nada souberam informar, pois tinham-no deixado no melhor de sua saúde. Afinal, ficou-se sabendo com certeza que o Rabino L. de Lemberg não morrera no momento em que o Rabino N. telepaticamente assistira a sua morte, já que estava ainda vivo. Um forasteiro aproveitou a oportunidade para zombar de um dos discípulos do Rabino da Cracóvia a respeito da ocorrência: "Seu Rabino cobriu-se de ridículo em ter visto a morte do Rabino L. de Lemberg. O homem está vivo até hoje." "Isso não faz diferença", replicou o discípulo. "Seja o que for que você diga, foi magnífico o *Kück* da Cracóvia a Lemberg." ' (FREUD, 1905, p. 80)

Nesse caso, o discípulo não se importa se o Rabino L. de Lemberg morreu ou não, a verdadeira façanha e motivo de admiração passa a ser a sua visão a longa distância, independente do que o Rabino da Cracóvia conseguiu avistar. Vê-se que realidade e fantasia se equivalem nesse chiste, que tem como objetivo criticar a crença religiosa nas pessoas com poderes especiais. Ele "desloca então a ênfase da condição necessária para a admiração que a façanha mereceria para uma incondicional admiração da façanha." (Freud, 1905, p. 81) O mesmo ocorre na piada da noiva coxa, onde há o deslocamento do relato de um defeito físico até o desenvolvimento do raciocínio falho que beira o cinismo.

Esses chistes cínicos já citados, oriundos do folclore judaico, são dirigidos exclusivamente contra o sujeito em questão ou mesmo contra o sujeito que representa algo ou se assemelha a uma pessoa coletiva, vinculada a traços da religião, de um povo e de um modo de vida. Tal tipo de chiste revela um conteúdo intensamente autocrítico, exagerado, caricato e, ao mesmo tempo, totalmente inserido nos padrões de conduta da população judaica. Dessa forma, ao representar um grupamento social, a terceira pessoa a quem o chiste naturalmente se dirige é, no humor judaico, um judeu ou sua representação cultural. Nesse caso, a pessoa-social encarnada no judeu recebe a carga autocrítica com poucas amarras, pois um judeu faz chistes do outro e ao mesmo tempo de si mesmo, e, com isso, a censura fica menor.

A ocorrência da autocrítica como determinante pode explicar como é que inúmeros dos mais adequados chistes (dos quais temos uma grande quantidade de exemplos) tenham germinado no solo da vida popular judia. São chistes criados por judeus e dirigidos contra características dos judeus. Os chistes sobre judeus elaborados por estrangeiros são em geral histórias brutalmente cômicas em que o chiste é tornado dispensável pelo fato de que os judeus são considerados pelos estrangeiros como figuras cômicas. Os chistes judeus, originários de judeus, admitem isso também, mas conhecem seus verdadeiros defeitos tanto quanto a conexão destes com suas boas qualidades e a parte em comum entre o sujeito do chiste e a pessoa flagrada em erro cria o determinante subjetivo (usualmente, de difícil acesso) da elaboração do chiste. Incidentalmente não sei se há muitos outros casos em que as pessoas fazem troça, em tal grau, de seu próprio caráter. (FREUD, 1905, p. 132)

Com vista em tal argumentação de Freud, percebe-se que o humor judaico adquire a nomeação de autocrítico por colocar em evidência os aspectos da vida judaica entre o próprio povo. Freud assinala que quando uma narrativa com ênfase nos hábitos judaicos é realizada por uma pessoa alheia à comunidade, esta pode parecer "brutalmente cômica" (Freud, 1905, p. 132) porque talvez não eleve a narrativa à especificação do chiste, que é gerar uma reflexão com bom humor. E este parece ser também o mote do humor judaico, que é provocar um pensamento sobre si mesmo com base num dito espirituoso, aparentemente desvinculado de grandes debates sobre o modo de ser judeu. Freud ainda avança naquele parágrafo quando fala que não sabe "se há muitos outros casos em que as pessoas fazem troça, em tal grau, de seu próprio caráter". (Freud, 1905, p. 132).

Assim, percebe-se que o povo judeu se identifica enquanto grupo por meio das suas narrativas particulares, aqui importando apenas as chistosas e humorísticas. Os demais grupos ou nações não necessariamente fazem uso desse artifício e, se o fazem, parece ser de modo mais discreto. Com isso, tal reflexão será bastante útil ao final desta pesquisa, na qual o conceito e as possíveis caracterizações do humor judaico serão melhor trabalhadas.

1.3. Os mecanismos inconscientes e de prazer nos chistes

"O homem é um incansável buscador do prazer"

Freud, 1905, p. 149.

Em todo o livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud dá a entender que existem motivações para a realização de um determinado chiste. Ele desenvolve a estreita relação que os chistes têm com os sonhos, porém tal aproximação não se mostra fundamental ao estudo do humor judaico, e por esta razão ela não será desenvolvida aqui. A presente pesquisa não pretende realizar uma análise minuciosa do livro dos chistes, mas considera que o seu entendimento é de fundamental relevância às considerações que serão feitas posteriormente. Assim, tanto os sonhos quanto os chistes obscenos não serão tratados nesta dissertação com a mesma relevância que o assunto exige, pois não serviriam diretamente, como já foi dito, ao estudo do humor judaico em questão.

A obra de Freud, como um todo, tem a atividade inconsciente como o grande mote de estudo, isso já é sabido, mas cabe pesquisar os motivos inconscientes que levam um sujeito a realizar um chiste. Até agora, se viu que a censura imposta socialmente muitas vezes não permite que alguém teça críticas abertas a outros, e por isso as narrativas mais sutis - tais como ironia, metáfora ou chistes, se desenvolvem. No caso dos chistes, já foi visto que os tendenciosos se direcionam a um alvo e não são somente um apanhado de palavras que fazem graça, mas algo que tem uma finalidade. No início do livro, Freud fez a distinção entre os chistes inocentes e os tendenciosos, porém nos momentos finais do seu trabalho, ele entendeu que na verdade não existem chistes inocentes, exceto os gracejos, pois mesmo aqueles considerados mais simples em sua técnica, têm alguma função relevante.

Os chistes nunca são efetivamente não tendenciosos, mesmo se o pensamento neles contido é não tendencioso e apenas serve aos interesses intelectuais teóricos. Eles perseguem um segundo objetivo: promover o pensamento, aumentando-o e guardando-o da crítica. Aqui eles estão novamente exprimindo sua natureza original, antepondo-se ao poder inibidor e restritivo - que é, agora, o julgamento crítico. (FREUD, 1905, p. 155 e 156)

Desde modo, todo chiste se dirige a alguma coisa, pessoa ou instituição social, e existe porque seu conteúdo não pode ser dito diretamente. O inconsciente auxilia o pensamento no momento oportuno e, sem que haja um planejamento prévio das palavras a serem utilizadas pelo narrador, um chiste se forma rapidamente. Freud usa uma pequena fórmula ao comparar os chistes com os sonhos, mas explicita que tal hipótese é unicamente para os chistes: *"um pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente."* (Freud, 1905, p. 190). Outro ponto que remete ao inconsciente no detalhamento dos chistes é o fato de nem sempre eles estarem disponíveis à memória para serem contados outra vez, e em outros momentos eles ressurgem sem que haja uma necessidade clara. Além disso, os mecanismos inconscientes presentes no chiste não são exclusivamente vistos nos chistes. A condensação, por exemplo, está tão presente nos chistes quanto nos sonhos, bem como a alusão, entre outras formas. Para a formação de um chiste, Freud situa:

Pode-se admitir com certeza que os chistes são formados no inconsciente quando se trata de chistes a serviço de propósitos inconscientes ou de propósitos reforçados pelo inconsciente - isto é, a maior parte dos chistes 'cínicos'. Em tais casos, o propósito inconsciente draga o pensamento pré-consciente no inconsciente e lhe dá uma forma nova. (FREUD, 1905, p. 202)

Ainda no livro dos chistes de 1905, Freud observa ao longo de todo o texto, e especificamente no decorrer da parte sintética, a questão do prazer gerado ao fazer um chiste, prazer este desfrutado tanto pelo narrador quanto pelo ouvinte. Percebe-se que a obtenção de prazer está intimamente ligada ao propósito da sentença, bem como a quem se direciona, mas aqui o importante é notar o processo econômico que se forma, estritamente ligado aos mecanismos inconscientes.

Já foi mencionado anteriormente que os chistes hostis, por exemplo, servem a uma agressão que não pode ser feita conscientemente ou por meio de palavras sérias, pois não seria de bom tom. Falou-se também dos chistes cínicos e do raciocínio falho, nos quais quem profere o chiste parece estar numa outra ordem de pensamento, julgando-a correta. Mas para que tudo isso ocorra, é fundamental que haja um acúmulo de energia e posteriormente uma liberação desta em prol do chiste, na qual a *"produção de prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada"* (FREUD, 1905, p. 140). E, com isso, "devemos atentar para o fato de que *'a economia na despesa relativa à*

inibição ou à supressão' parece ser o segredo do efeito de prazer dos chistes tendenciosos e se transmite ao mecanismo dos chistes inocentes." (Freud, 1905, p. 141)

Freud fala da condensação de pensamentos em palavras e do sentimento de familiaridade e reconhecimento como fatores que privilegiam a economia de despesa psíquica, e refere que quanto mais idéias estejam articuladas ao contexto do chiste, "maior é a economia que o método técnico do chiste fornece ao curso do pensamento." (Freud, 1905, p. 142). Em outras palavras, quanto maior a cadeia associativa e de sentidos que se forma ao redor do chiste, maior é a obtenção de prazer. Quanto maior for a multiplicidade de possibilidades para a captura de um chiste, maior é a sua riqueza e o prazer gerado por ele.

Freud trata ainda o reconhecimento das temáticas do chiste como fonte de prazer - os sons, as expressões conhecidas, as alusões ou citações, todo o reconhecimento como familiar é gratificante ao sujeito e isso o faz sentir prazer. Com base em tal colocação, pode-se entender o humor judaico como muito prazeroso aos judeus porque ele fala do próprio povo em questão, que se conhece em suas formas de viver mais íntimas e corriqueiras. Existe um compartilhamento das informações contidas e condensadas nos chistes, que só as pessoas inseridas nas temáticas das narrativas conseguem acessar. Mais uma vez, pode-se apontar a função social do chiste também nesse sentido, quando o sujeito tem a sensação de pertencer a um grupo. As características detalhadas do humor judaico ainda serão vistas mais adiante, no próximo capítulo.

Um ponto que é pertinente e trata de uma possível diminuição do prazer nos chistes é a questão da temporalidade. Um chiste datado, em que o foco é uma opinião política ou mesmo um modo de vida que já se desfez, pode ter seu efeito de geração de prazer reduzido, embora a técnica permaneça a mesma. Um chiste tecnicamente perfeito - que se enquadra nas características propostas por Freud para se fazer um chiste, pode não ser mais risível quando se passa de uma geração a outra. Mesmo um chiste que tem a técnica bem feita, não necessariamente garante a sua finalidade, porque narrador e ouvinte precisam se situar na realidade momentânea para que haja um entendimento mútuo e, com isso, o efeito do chiste.

Tal fato leva ao pensamento de que um chiste político se diferencia de um chiste de caráter religioso, pois os preceitos religiosos são imutáveis e atemporais, enquanto as sociedades mudam bruscamente a cada década, ou menos. Assim, um chiste judaico, que privilegia narrativas oriundas das escrituras sagradas, ou mesmo do modo de vida

do povo judeu, dificilmente se torna incompreensível ao longo dos anos, ao contrário, serve explicitamente como herança oral para as demais gerações; enquanto os chistes de cenas políticas, midiáticas ou esportivas, certamente perdem parte do seu sentido com o passar do tempo. Porém, a todo momento, o sujeito recorre aos chistes para sentir prazer, sejam eles de quaisquer âmbitos, portanto sempre haverá novos chistes, chistes atuais chamados por Freud, circulando entre os locais e culturas que cercam os seus conteúdos.

Após tratar a questão da temporalidade do chiste, Freud entra na descrição do *nonsense* enquanto técnica e enquanto evolução dos prazeres infantis. Na infância, ao aprender sua língua materna, a criança brinca com as combinações de palavras e com os sons originários delas, sem a preocupação de haver um elo que faça algum sentido. Aos poucos, com a formação da censura, a criança passa a falar apenas aquilo que forme uma frase contextualizada, e assim abandona os experimentos com a voz, rimas e jogos de palavras sem sentido. Mas, em momentos oportunos e como forma de transgredir as normas vigentes, a criança, o adolescente ou o adulto, podem fazer uso do *nonsense* tanto para rememorar o passado das brincadeiras infantis e seus descompromissos, quanto para manipular as palavras e suas faltas de sentido como bem entendem, mostrando um sutil exercício de poder implícito às narrativas.

Qualquer que seja o motivo que leva a criança a iniciar esses jogos, creio que, em seu desenvolvimento posterior, ela própria desiste deles pela consciência de que são absurdos, divertindo-se algum tempo com eles devido à atração exercida pelo que é proibido pela razão. Usa agora tais jogos para se evadir da pressão da razão crítica. Muito mais poderosas são as restrições impostas à criança durante o processo educacional, quando se a introduz no pensamento lógico e na distinção entre o que é falso e verdadeiro na realidade; por essa razão a rebelião contra a compulsão à lógica e da realidade é profunda e douradura. (FREUD, 1905, p. 148)

Freud lembra que o uso de substâncias tóxicas, tais como o álcool, ajudam a reduzir as forças inibidoras que poderiam vir a cessar os chistes, especialmente os de conteúdo *nonsense*, tão mais censurados. E logo depois da referência ao álcool, Freud faz uma rápida e significativa distinção entre os chistes e o humor, na qual revela que os chistes param à medida que o sujeito fica de bom humor, ou seja, mais feliz. Supõe-se, então, que o chiste parece ser usado por pessoas amarguradas, que precisam dele para satisfazer um pouco que seja às suas demandas de prazer. E quando tais pessoas

melhoram seu estado de humor, por meio do álcool como parece propor Freud, ou por outros meios, os chistes passam a ser dispensáveis, pois outras formas de prazer podem ser conquistadas.

É muito instrutivo observar como os padrões de chiste se extinguem à medida que o humor melhora. Pois bom humor substitui o chiste assim como os chistes devem tentar substituir o bom humor, onde as possibilidades de prazer - entre elas, o prazer no *nonsense* - por outra parte, inibidas, podem recuperar-se: 'Mit wenig Witz und viel Behagen'. Sob a influência do álcool o adulto torna-se outra vez uma criança, tendo de novo o prazer de dispor de seus pensamentos livremente sem observar a compulsão da lógica. Nota de rodapé em Freud: 'Com pouco espírito e muito prazer' - Mefistófeles na Adega de Auerbac *Faust*, parte I, cena 5'. (FREUD, 1905, p. 150)

Assim, o prazer nos chistes se faz com a economia na despesa psíquica e com o alívio da censura. Quanto maior for a proibição do conteúdo abordado pelo chiste, maior será o prazer gerado com ele, independente de ser um chiste de *nonsense* ou um totalmente tendencioso a um propósito claro. Em 1912, Freud fez um acréscimo ao texto de 1905 e colocou, numa nota de rodapé, que o *nonsense* é uma 'idiotice mascarada de chiste'. Porém, ainda no texto original, ele já remete à idiotice que se mescla com a rebeldia e citou exemplos da formação do *nonsense* vista nos rapazes universitários, usuários de álcool ou não. Portanto, o *nonsense* se mostrou como um instrumento bastante viável para a formação de prazer tanto no locutor quanto no ouvinte, e por isso essa parte da análise do livro dos chistes foi finalizada com exemplos desse gênero, marcando a ênfase dada por Freud. Pode-se citar todo o seu acréscimo feito em 1912, que consta na nota de rodapé da página 162:

'Um homem que, na mesa de jantar, estava sendo servido, apanhou o peixe, mergulhou as duas mãos na maionese e passou-as pelo cabelo. Diante do olhar perplexo de seu vizinho, pareceu notar seu equívoco e desculpou-se: "Sinto muito, pensei que fosse espinafre." ' Ou: ' "A vida é uma ponte suspensa", disse o homem. "Por que?" perguntou outro. "Como posso saber?" diz o primeiro.' Esses exemplos extremos operam porque suscitam a expectativa de um chiste, de modo que é tentador buscar um sentido oculto por trás do *nonsense*. Mas não se acha nada: são realmente *nonsense*. A aparência chistosa possibilita por um instante liberar o prazer no *nonsense*. Tais chistes não são inteiramente desintencionados; constituem um 'logro' e proporcionam à pessoa que os conta certo grau de prazer por enganar e irritar seu ouvinte. Este último diminui seu aborrecimento planejando contá-las, por sua vez, numa outra ocasião. (FREUD, 1905-1912, p. 162)

1.4. Descrição dos termos: o cômico e o risível em Bergson

Do humano.

A obra de Henri Bergson como um todo não será analisada nesta pesquisa. Somente os textos reunidos em *O Riso*, de 1899, terão uma maior atenção, e ainda assim não por completo. Como o presente estudo precisa estabelecer um recorte e direcionar as teorias em função do interesse geral, que é o humor judaico, apenas as significações que Bergson dá ao cômico e ao risível serão observadas agora. Elas se configuram como referência importante a este estudo e mesmo exibidas em análise tão reduzida, tais perspectivas não poderiam deixar de ser mostradas.

Para que haja um melhor entendimento, os chistes já foram previamente abordados de acordo com a obra freudiana, de modo a embasar o leitor da presente discussão. Parte-se então para o cômico em Bergson, visto como a grande contribuição do autor para este estudo.

Henri-Louis Bergson, filósofo francês nascido no séc. XIX, escreveu três artigos que se encontram reunidos no livro *O riso - Ensaio sobre a significação da comicidade*, de 1899. Sua obra é bastante diversa de modo geral, porém o que mais interessa aqui é o desenvolvimento das concepções de comicidade encontradas em *O riso*. Como já foi dito na introdução desta dissertação, não se pretende realizar uma análise minuciosa do texto citado, tampouco comparativa com a teoria freudiana, mas é notório que existe a necessidade de ao menos desenvolver os termos encontrados.

Para compreender melhor todos os aspectos da comicidade abordados por Bergson, é preciso ter em vista que, para ele, a comicidade é algo do humano, é viva e não cabe numa definição apenas. Somente o homem pode rir, e quando, por ventura, algo não-humano parece engraçado, é porque se assemelha aos atos ou formas do homem. Assim, o homem é quem ri e produz efeitos risíveis, pois algo inanimado não poderia ser cômico.

Outro ponto bastante relevante para o início da definição dos termos é a questão da separação entre razão e emoção no riso. Se alguém sofre uma queda e, ao cair no chão se assemelha a uma coisa, isso é risível. Assim, "as atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica." (Bergson, 1899, p. 22) Mas se essa pessoa caída imediatamente chora ou exhibe um machucado, a cena deixa de ser risível porque

envolve a emoção. Se há sentimentos de pena, compaixão ou qualquer chance de comoção por conta da queda, o riso se esvai. Para rir é preciso um relaxamento, bem como ser insensível e intelectualmente irresponsável por algum período de tempo, pois o riso também pode ser injusto e, muitas vezes, serve como forma de humilhação. Portanto, se o expectador se preocupar com os danos aos ossos ou à pele do outro caído, não haverá situação cômica alguma.

Parece que a comicidade só poderá produzir comoção se cair sobre uma superfície d'alma serena e tranqüila. A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção. Não quero com isso dizer que não podemos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, por exemplo, ou mesmo afeição: é que então, por alguns instantes, será preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade. Numa sociedade de puras inteligências provavelmente não mais se choraria, mas talvez ainda se risse; ao passo que almas invariavelmente sensíveis, harmonizadas em uníssono com a vida, nas quais qualquer acontecimento se prolongasse em ressonância sentimental, não conheceriam nem compreenderiam o riso. (BERGSON, 1899, p. 3)

Após entender a necessidade desse distanciamento da emoção e a prevalência da inteligência pura no riso, outro ponto se mostra fundamental: "o riso precisa de eco" (Bergson, 1899, p. 4). Essa frase está de acordo com as concepções do chiste em Freud, já citadas anteriormente. "O riso precisa de eco" remete a uma atividade em grupo, cultural, a algo de pertença. O riso está inserido nas situações de um determinado local e implica compreensão mútua entre os ridentes, idéia também desenvolvida por Freud, que mostra ser necessário haver semelhanças culturais entre os envolvidos para que o chiste seja compartilhado e assimilado. Fatos engraçados no Brasil podem parecer simplesmente incompreensíveis em outros países. Desta forma, observa-se que o riso tem uma função social e integra as pessoas com os mesmos conhecimentos, e estes podem vir a gerar algo cômico. Embora haja essas semelhanças entre as teorias do riso e dos chistes, de Bergson e Freud respectivamente, é importante salientar que elas partem de pressupostos totalmente diferentes, e eles serão demarcados mais enfaticamente adiante.

Passemos à sociedade. Vivendo nela, vivendo por ela, não podemos abster-nos de tratá-la como um ser vivo. Risível será, portanto, uma imagem que nos sugira a idéia de uma sociedade fantasiada e, por assim dizer, de uma mascarada social. (BERGSON, 1899, p.32)

A repetição dos jargões da comédia é outro elemento abordado pelo autor. "Numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos presentes: um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma idéia que se diverte a comprimir de novo o sentimento." (Bergson, 1899, p 54). Percebe-se que esse elemento narrativo é muito comum às contações dos piadas e anedotas, especialmente em relação ao número três. Frequentemente, mas não em todas as narrativas, há três momentos até chegar à questão central do chiste, ou até o seu desfecho. Ressalta-se também que os seriados humorísticos, humoristas profissionais ou mesmo filmes e peças que têm como gênero a comédia, em geral são repetitivos em seus temas. Abordam quase sempre as mesmas questões dentro do seu próprio contexto, pois a comédia naturalmente se funda na repetição daquilo que é propositadamente estereotipado, e o humor judaico não foge a esse modelo. Então, o humor judaico pode ser chistoso, cômico ou humorístico, pois tais categorizações dependem das formatações vistas em cada narrativa.

Seguem abaixo dois exemplos de narrativas oriundas do humor judaico que se destacam pelo número três no desfecho. Essa consideração, de que muitas piadas têm três tempos, é oriunda da leitura de várias fontes, em que o término acontece após o terceiro tempo, porém isso não é uma regra. É somente uma particularidade percebida ao longo deste estudo, que não poderia deixar de ser citada. O primeiro exemplo abaixo possui três tempos e características de *nonsense*; e o segundo, é uma narrativa com conteúdos hostis.

Na antiga União Soviética, quatro amigos estão sentados ao redor de uma mesa.

- Oy!...- diz um.

- Oy vei!... - suspira outro.

- Nu... - geme o terceiro.

O quarto se levanta e diz:

- Ouçam, rapazes, se vocês não pararem de falar de política, eu vou-me embora.

Qual a diferença entre um casamento judaico Ortodoxo, Liberal e Reformista?

No Ortodoxo, a mãe da noiva entra na sinagoga grávida.

No Liberal a noiva entra grávida.

E no Reformista a rabina está grávida.

De acordo com esses exemplos, é possível observar a ênfase nas três etapas, bem como alguns outros elementos: as narrativas têm curta duração, mostram uma inserção social - pois são destinadas a pessoas que têm algum conhecimento da cultura judaica

em questão, permitem uma crítica aos demais, além de fazer uso do *nonsense* no primeiro exemplo e de hostilidade no segundo, como já mencionado. Essas narrativas foram escolhidas somente para exemplificar como se dá o desfecho após o terceiro momento, porém alguns aspectos saltam aos olhos e se tornam chamativos demais para desviar a atenção deles. Sabe-se que este tópico pretende tratar a comicidade em Bergson, mas não é possível mostrar esses exemplos sem situá-los também com base em Freud. Por essa razão, abre-se um espaço aqui, neste tópico, para explicar detalhadamente os conteúdos que estão por trás dessas sentenças acima.

Antes de realizar uma rápida análise das narrativas que serviram de exemplo, deve-se deixar claro que quando um chiste é explicado, ele perde seu potencial risível porque passa a ser racionalizado, e não emocionalmente descoberto. A tradução de um chiste anula parte dele, pois se a pessoa que escutou não entendeu o seu direcionamento, então o elemento surpresa que o destaca também fica esvaído. É necessário que o ouvinte entenda a narrativa, caso contrário o chiste perde o seu efeito, como já foi dito.

Se o leitor conhece algumas expressões em ídiche, dialeto usado pelos judeus do leste europeu, entende que "Ov" e "Ov Vei" são expressões de desânimo, desolamento, e "Nu" é uma expressão de aceitação e continuidade, semelhante a "sim, e?". Dessa forma, os personagens da narrativa *nonsense* podem estar falando de política como também sobre qualquer outra coisa, mas essa sutileza lingüística só é compreendida por quem tem um mínimo conhecimento do dialeto. Mesmo que a boa compreensão leve ao *nonsense*, mas se o propósito é ser *nonsense*, significa que a narrativa foi entendida.

O mesmo ocorre no segundo exemplo, que precisa ser explicado. Dentro do judaísmo há várias correntes: o judaísmo ortodoxo segue à risca os preceitos da Torá, livro sagrado dos judeus; as linhas liberais acreditam na Torá, mas subvertem certos trechos e mandamentos de acordo com suas demandas; e já a linha reformista pretende mudar grosseiramente os mandamentos bíblicos e suas interpretações. Portanto, essa adivinhação do segundo exemplo funciona como um chiste por fazer uso do tempo curto, da agressão lícita, da condensação, das três etapas e do desfecho no final (essas duas últimas características não são vistas no texto de Freud), mas ela se destaca especialmente pela necessidade de compreensão sobre os mais variados grupos religiosos (ou não) judaicos.

Portanto, se a pessoa que escuta a narrativa não tem relação alguma com a comunidade judaica, certamente não acessará todo o potencial crítico e delicadamente

hostil que ela exhibe. Então, para o leigo nas tradições judaicas, a adivinhação acima não é um chiste, é somente um trecho cômico, porque o sentido não é alcançado metaforicamente. Há apenas um alcance da imagem a ser pensada, uma imagem engraçada extraída do texto, pois se torna altamente cômico imaginar casamentos com inúmeras mulheres grávidas, e mais, um casamento realizado por uma rabina grávida, uma vez que rabinas não existem no judaísmo, mas as linhas reformistas insistem em formar esse conceito feminino de líder religioso, travestindo as mulheres com vestimentas e mandamentos da Torá que são explícitos aos homens.

Dessa forma, fica bastante claro que, para a inteira compreensão de um chiste, é necessário que o sujeito esteja inserido no grupo em questão, e essa premissa está em acordo com as teorias de Freud e de Bergson. Além das similaridades teóricas entre os dois autores, há uma diferença básica entre um chiste e algo cômico: o chiste possui um direcionamento, bem como um objeto de ataque, uma finalidade. O cômico não precisa disso, basta apenas que uma pessoa pareça mecanizada e dê a impressão de coisa para que seja considerado cômico. Essa diferenciação ajuda a compreender a análise da narrativa configurada como adivinhação, mais acima.

Voltando unicamente a Bergson, ele qualifica o riso como um gesto social, tornando a comicidade abrangente em suas várias significações e perspectivas. Assim, uma narrativa tem potencial risível por ser engraçada a várias pessoas, é algo socialmente compartilhado. O humor judaico existe porque também é social, é parte do povo judeu, embora nem todas as narrativas provoquem risos. Mas, nesse caso, a questão é mais abrangente: o humor judaico chama o leitor ou ouvinte a uma reflexão séria acerca do modo de vida do povo judeu, não é só chiste ou só cômico, há um sentido muito forte para a realização das narrativas, que será exibido posteriormente neste trabalho.

Ao longo do texto de Bergson, é possível perceber várias aproximações e distanciamentos da obra freudiana. Não cabe a esta dissertação realizar uma análise comparativa entre eles que vá além do necessário para o entendimento do humor judaico. Por essa razão, em prol do entendimento do humor judaico, deve-se enfatizar o aspecto social da comicidade em Bergson, que se mostra semelhante à descrição dos chistes em Freud, por serem colocados como fruto da sociedade:

Há, pois, uma lógica da imaginação que não é a lógica da razão, que até se opõe a ela às vezes, mas com a qual a filosofia precisará contar, não só para o estudo da comicidade como também para outras investigações da mesma ordem. É algo como a lógica do sonho, mas de um sonho que não estaria entregue ao capricho da fantasia individual, visto ser o sonho sonhado pela sociedade inteira. (BERGSON, 1899, p.31)

Portanto, além de situar o aspecto social do cômico, Bergson se aproxima da teorização dos chistes ao comparar o cômico com os sonhos, tal qual Freud o fez ao comparar os chistes às elaborações oníricas.

Outro ponto que merece destaque no estudo do cômico é a questão das palavras e dos gestos nos momentos engraçados. Muitas vezes, em *shows* de humor, nos quais o apresentador faz performances ou mesmo nas tradicionais comédias, e a fala não se separa do movimento corpóreo, pode-se ver uma peculiar concorrência entre o dito e o encenado. Bergson diz que o gesto rivaliza com a palavra, e "com ciúme da palavra, o gesto corre atrás do pensamento e exige servir também de intérprete." (Bergson, 1899, p. 23). Assim, quando os gestos perseguem a palavra e automaticamente se tornam repetitivos, é sinal de que já existe algo de automático no discurso: "já não é vida, é automatismo instalado na vida, imitando a vida. É comicidade. (Bergson, 1899, p. 24)

Bergson continua atentando à necessidade de vínculo a um grupo social para que determinadas narrativas ou gestos sejam considerados cômicos. Fala da moda, daquilo que se usava no passado e que em tempos atuais se torna risível por ser como uma fantasia. Exemplifica que alguém usando uma cartola estaria fantasiado à época em que o livro foi escrito - e certamente hoje, no século XXI, estaria mais fantasiado ainda. A moda também tem o seu tempo, e se usada depois, com ou sem as releituras feitas por estilistas famosos, quem a usa corre o risco de parecer ridículo. Esse ponto relativo à temporalidade faz lembrar a já citada passagem de Freud, quando ele trata dos chistes de conteúdo histórico ou político, nos quais somente as pessoas que viveram aqueles momentos ou naquelas localidades poderiam compreendê-los.

Em relação ao duplo sentido das frases e palavras que Freud menciona no texto de 1905, muito comuns aos chistes; Bergson também o enfatiza no estudo da comicidade ao afirmar que: "*Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes.*" (Bergson, 1899, p. 71) Essa formatação é vista constantemente nas comédias, nos momentos em que um

personagem fala algo e o outro entende tudo "errado", porque entende de acordo com suas expectativas ou rotinas. Por isso uma informação pode conter um ou mais sentidos, e estes se tornam cômicos ao serem incompreendidos. Repete-se aqui a citação de Freud explicitada anteriormente: "Só é um chiste o que eu permito que seja um chiste. Aquilo que é chiste para mim pode ser meramente uma história cômica para outras pessoas." (p. 126). Então, a história pode ser cômica e risível se não for compreendida, mas para ser um chiste precisa de algo maior e de todo o entendimento acerca do fato ou da questão, pois o chiste remete a um sentido a mais que o cômico por tentar colocar na narrativa os conteúdos proibidos pelo meio social, ou pelo inconsciente do locutor.

De acordo com a elaboração acima, o humor judaico pode representar um conjunto de histórias ou fatos engraçados e cômicos para as pessoas que não fazem parte da comunidade judaica; mas para quem está inserido nela, os sentidos colhidos das narrativas dão a dimensão mais exata do que eles são: histórias de pessoas de um mesmo grupo sócio-religioso, nas quais os estereótipos mais bizarros surgem a fim de configurar as características do povo. A necessidade desse tipo de narrativa será vista mais adiante, o que importa agora é pensar que é possível nomear o humor judaico como cômico e como chistoso ao mesmo tempo, pois vai depender do ponto de vista de cada ouvinte ou leitor. Uma coletânea de narrativas pode ser chamada de piadas ou anedotas, mas quando se entende o que há por trás delas, então automaticamente são chistes, logicamente se estiverem em acordo com as técnicas descritas por Freud que formatam a sua constituição - e quase sempre estão.

Um chiste não precisa possuir todas as técnicas ao mesmo tempo, não precisa ter tudo de uma vez para ser um chiste. Há histórias chistosas também, assim como pessoas chistosas, que fazem chistes frequentemente e são conhecidas por isso. Da mesma forma há as pessoas cômicas, que têm trejeitos mecanizados e estão sempre à beira de um movimento risível, tanto para agradar o seu público, quanto por distração, já que a distração é uma das características básicas do cômico - a pessoa se distrai de si mesma.

Freud dá a entender no texto de 1905, na página 149, como já foi dito, que o chiste é usado por pessoas aparentemente amarguradas, pois o autor refere que quando o estado de humor - nesse caso o psicopatológico - melhora, os chistes tendem a diminuir. Ele exhibe uma relação de troca, pois os chistes tentam substituir o bom humor; e o bom humor substitui os chistes. Tal relação parece pertinente ao estudo do humor judaico, pois as histórias encontradas dizem respeito a críticas ferrenhas do povo judeu para outros membros do próprio povo, de modo que se todos estivessem felizes com a

situação comunitária, essas histórias ou estórias não existiriam. Ou seja, falar da mãe judia em tom crítico, fazer chistes sobre o agente matrimonial ou sobre os demais membros folclóricos do judaísmo são formas de exhibir descontentamento e de operar uma separação entre o contador e o seu alvo. Todos são judeus do mesmo jeito, mas quem conta o chiste hostil, ao mesmo tempo em que gera prazer e riso, também gera uma premissa indireta tal qual "faço parte, mas não concordo".

Já na parte final de *O Riso*, Bergson coloca o *humour* em oposição à ironia e esclarece:

Pode-se enunciar o que deveria ser, fingindo acreditar que isso é precisamente o que é: nisso consiste a *ironia*. Pode-se, ao contrário, descrever minuciosa e meticulosamente o que é, fingindo acreditar que assim as coisas deveriam ser: desse modo procede freqüentemente o *humour*. O *humour*, assim definido, é o inverso da ironia. (BERGSON, 1899, p. 95)

O autor continua o raciocínio ao dizer que a ironia é meramente de ordem oratória, enquanto o *humour* - escrito assim, sem a tradução do original em francês, é mais científico, porém não se aprofunda nessa diferenciação da mesma maneira que o fez com a comicidade e o risível.

1.5. O efeito cômico dos chistes

O cômico como fachada do chiste.

Após os esclarecimentos oriundos da obra de Bergson acerca do riso e do cômico, será feito um retorno ao livro dos chistes para entender as referências ao cômico na obra de Freud.

Primeiramente, deve-se destacar outra vez que o chiste e o cômico são manifestações completamente diferentes em sua constituição. Ao longo deste trabalho, apenas aproximações entre os dois são feitas, não pretendendo em momento algum realizar uma análise comparativa ou colocar os termos em uma mesma cadeia de sentidos. Eles são distintos, e novamente será feita a merecida diferenciação, para depois se pensar as citações freudianas.

Para iniciar a exposição de suas diferenças básicas e constituintes, pode-se falar sobre as pessoas envolvidas em cada processo. Como já foi dito, no cômico apenas duas são necessárias, uma delas faz a ação e a outra considera tal ação como cômica. Trata-se de um processo simples e desprovido de significações maiores como foi visto no estudo dos chistes. E no acontecimento de um chiste, três pessoas são necessárias à cena para completar o processo de produção de prazer: quem narra, quem ouve e a quem o chiste se direciona. Esse é um ponto fundante.

Outro ponto observado por Freud, já no final do seu livro de 1905, é o fato de o chiste fazer uso do inconsciente para se realizar, enquanto o cômico precisa apenas do pré-consciente. De acordo com ele, o chiste e o cômico "distinguem-se principalmente em sua localização psíquica; *pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente*" (Freud, 1905, p. 236)

Depois, a questão da elaboração onírica pensada por Freud, se difere totalmente daquela concepção de Bergson sobre o "sonho sonhado por uma sociedade inteira", remetida ao social. Enquanto Freud afirma que os chistes têm propósitos inconscientes e os compara com os sonhos, Bergson não nega tais afirmativas, mas as trata de modo diferente de acordo com esta passagem já citada antes: "É algo como a lógica do sonho, mas de um sonho que não estaria entregue ao capricho da fantasia individual, visto ser o sonho sonhado pela sociedade inteira." (Bergson, 1899, p. 31). Assim, os dois autores de aproximam e se distanciam em vários pontos dos seus respectivos livros, porém ambos focam tanto os chistes quanto o cômico como inseridos no laço social,

observação essa de imensa importância à presente pesquisa, especialmente porque a concepção de sujeito desenvolvida por Freud remete a um atravessamento da cultura no sujeito - ele faz parte e se constitui numa cultura qualquer que seja.

De acordo com o que já foi falado, as elaborações de Freud acerca da comparação dos sonhos com os chistes não serão trabalhadas neste texto por não serem aparentemente de extrema relevância ao todo do trabalho, que é o humor judaico. Portanto, as análises minuciosas do texto freudiano, bem como do bergsoniano, não serão contempladas, embora seja necessário expor ao menos a idéia central argumentada por Freud em relação às comparações feitas entre os chistes e os sonhos. Freud diz que mesmo realizando a comparação, não significa que todos os elementos dos sonhos são vistos nos chistes.

Algumas das características dos sonhos são tão estranhas aos chistes que a parte da elaboração onírica correspondente a tais características não pode ser transferida à formação dos chistes. Sem dúvida a regressão do curso do pensamento à percepção está ausente dos chistes. Mas os outros dois estágios da formação onírica, o mergulho de um pensamento pré-consciente no inconsciente e sua revisão inconsciente, desde que ocorram na formação do chiste, apresentariam o mesmo resultado que podemos observar nos chistes. Decidamo-nos, então, a adotar a hipótese de que é dessa forma que os chistes são formados na primeira pessoa: *um pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente.* (FREUD, 1905, p. 190)

Assim, com as descrições dos termos bem demarcadas, torna-se possível realizar algumas aproximações sem que seus sentidos sejam deturpados ou mesmo colados. Em toda a obra de Freud, ele escreve de uma determinada forma no início dos seus trabalhos, e ao longo do texto vai acrescentando informações até, ao final, ter uma concepção bastante diferenciada daquela vista no início. Trata-se de um trabalho em que o movimento do raciocínio e da escrita são extremamente presentes, e por esta razão alguns ditos freudianos serão revistos agora, pois a descrição do livro de 1905 está perto do final.

No capítulo *Os chistes e as espécies do cômico*, o autor volta ao estudo do raciocínio falho para repensar se uma narrativa que contém tais características pode ser considerada um chiste ou meramente uma história cômica. São histórias que muitas vezes exibem o desmascaramento de uma certa questão, uma verdade que vem à tona

como no caso das histórias de agentes matrimoniais, causando um efeito cômico nos chistes. Mais uma vez ele dá a entender que a pessoa ouvinte da narrativa é quem vai "decidir" se aquilo é um chiste ou somente uma história cômica. Tudo depende se a narrativa foi capturada sem tradução pelo ouvinte, pois traduzir um chiste o desfaz.

Esse "efeito cômico" citado por Freud diz respeito ao trânsito livre de pensamento inconsciente, pois o sujeito da narrativa simplesmente fala como bem quer, e sua fala assim tão livre e transitória pode ser considerada um chiste de efeito cômico.

Um chiste que utiliza o raciocínio falho como sua técnica, parecendo portanto absurdo, pode desse modo produzir simultaneamente um efeito cômico. Se deixarmos de detectar o chiste, somos novamente deixados com a história cômica ou engraçada. (FREUD, 1905, p. 232)

E sobre se as narrativas de agentes matrimoniais, seu desmascaramento e a necessidade de inserção numa cultura para compreender se suas histórias são chistes ou não, segue mais uma citação de Freud:

Quem quer que atente para o significado oculto das anedotas de agentes matrimoniais, verificará que, no todo, persiste sendo um chiste admiravelmente representado; aqueles que não penetrarem tão longe serão deixados com a história cômica. (...) Aqui, o chiste e o cômico se combinam ensinando-nos que o mesmo comentário pode ser ambas as coisas simultaneamente. (FREUD, 1905, p. 230)

Só acidentalmente, o desmascaramento se relaciona aos chistes, servindo a alguma outra técnica de chiste, tal como a representação pelo oposto. Mas no caso de dar livre trânsito aos modos inconscientes do pensamento, a convergência dos chistes e do cômico é *necessária*, já que o mesmo método, usado aqui pela primeira pessoa do chiste como técnica de liberação do prazer deve produzir, por sua própria natureza, prazer cômico na terceira pessoa. (FREUD, 1905, p. 234)

Com isso, não importa determinar se este trabalho visa tratar as anedotas, a comicidade, os chistes ou as piadas do povo judeu. Por esse ponto de vista, e exclusivamente assim, respeitando todas as nomenclaturas e seus significados, tanto faz qual delas são usadas, pois o julgamento dependerá exclusivamente de quem lê a narrativa, mesmo sabendo que cada termo possui uma vasta teorização que o qualifica. Portanto, o presente trabalho se preocupou em mencionar os termos mais utilizados na

psicanálise e na filosofia para que haja um entendimento maior, porém não é possível dizer se o humor judaico é um conjunto de anedotas, de piadas, gracejos ou chistes. Não é essa a questão central, já que cada ouvinte ou leitor acessa ou não as histórias ou estórias aqui contadas.

Freud situa os chistes também articulados à memória dos conteúdos infantis, especialmente no *nonsense*, e retoma essa afirmação no texto *Escritores Criativos e Devaneios*, de 1908, quando diz que a evolução da brincadeira infantil é o humor. Já na comicidade, tal lembrança da infância não se faz necessária, e com isso as concepções de Freud se distanciam mais uma vez das de Bergson.

Se prosseguimos com nossa tentativa de descobrir a essência do cômico em uma conexão pré-consciente com o infantil, devemos dar um passo além de Bergson e admitir que a comparação não necessita, para produzir o cômico, despertar os antigos prazeres e o jogo infantil; bastará para isso tocar na natureza infantil em geral e talvez, mesmo, no sofrimento infantil. Aqui nos afastamos de Bergson mas permanecemos em concordância com nós próprios, ao conectarmos o prazer cômico não a um prazer recordado, mas, novamente, a uma comparação. (FREUD, 1908, p. 254)

Visto o breve comentário sobre o efeito cômico dos chistes, agora é possível falar sobre o humor em dois textos de Freud, tanto ao final do livro dos chistes de 1905 quanto na segunda tópica, no texto de 1927 intitulado somente de *O humor*.

1.6. A economia da compaixão e o prazer humorístico

O prazer da defesa.

Antes de iniciar a explanação acerca das concepções freudianas do humor na segunda tópica de seu trabalho, mostra-se necessário finalizar as observações oriundas do texto de 1905, para que depois se possa adentrar no texto de 1927.

Freud faz uso das características dos chistes e do cômico para pensar o humor. Ele retoma a concepção da comicidade já citada, em que não pode haver emoção no surgimento do cômico, pois é necessário ser insensível para rir de alguém que se machuca, por exemplo. E continua a observação com uma diferenciação básica - se no cômico não é possível sentir pena, no humor o prazer pode vir através da dor, e isso se revela na *"liberação de afeto que não ocorre: procede de uma economia na despesa de afeto."* (Freud, 1905, p. 257)

Assim, Freud se aproxima de Bergson nesse ponto, pois tanto na comicidade quanto no humor, não se pode ter pena ou ser sensível com aquele que é o objeto do chiste ou o foco da situação engraçada. A compaixão deixa de existir por algum momento para dar lugar ao riso ou à elaboração chistosa. Trata-se de uma economia da compaixão, porque o ridente precisa se privar desse sentimento para transformá-lo em prazer humorístico. Ele precisa rir sem pena ou conseqüências, pois caso haja uma grande racionalização do ocorrido, não haverá a menor graça.

Vale ressaltar que, ao longo de toda a obra de Freud, existem menções ao termo economia, e várias pesquisas são realizadas para tratar o tema. Porém, nesta dissertação, fala-se apenas da economia de afeto que visa o prazer gerado por um chiste ou situação cômica, portanto a palavra economia está aqui somente citada, e não revisada a fundo. Portanto, para citar a economia do afeto neste trabalho, só é mencionado o que se vê no livro de Freud de 1905 sobre os chistes, mesmo sabendo que é uma mínima parcela de toda a teoria freudiana.

Para acontecer o prazer nos casos de chistes, o humor se coloca no lugar dos afetos dolorosos e "a pessoa que é vítima da ofensa, dor, etc. pode obter um prazer *humorístico*, enquanto a pessoa não envolvida ri sentindo um prazer *cômico*." (Freud, 1905, p. 257). Freud dá continuidade ao pensamento dizendo que o prazer humorístico se faz em apenas uma pessoa, e que a participação de outra não faz diferença. Alguns *insights* podem ser observados no decorrer do prazer humorístico quando seu conteúdo

é comunicado a outras pessoas, e o famoso chiste do homem que vai ser executado numa segunda-feira é tido como exemplo: 'É, a semana está começando otimamente'. Freud informa que esta frase é um chiste, porém o prazer humorístico gerado por ele se faz somente no homem que a profere, e posteriormente o comunica a outras pessoas. O humor está presente na confecção deste chiste, pois o sujeito precisa negar a morte eminente para obter alguma preservação egóica e, conseqüentemente, algum prazer por meio da sua narrativa. É uma evitação do desespero que se instaura e faz a pessoa se sentir íntegra por mais tempo, como um mecanismo de defesa.

Esse fato é bastante observado no humor judaico, pois nos momentos mais difíceis da história do povo, tais como momentos históricos de perseguição religiosa, sempre alguma piada surge entre o grupo. Mesmo que o sujeito não tenha a possibilidade de realizar ditos humorísticos no exato momento em que sofre uma violência, algum tempo depois alguma narrativa com esse contexto se desenvolve e se perpetua. Como exemplo desse tipo de transmissão, sabe-se que atualmente, passados sessenta anos do holocausto, há várias piadas que ridicularizam Hitler e seus comparsas. Ainda que essa temática exista nos livros de piadas, mostra-se improvável que tais narrativas de conteúdo chistoso, cômico ou humorístico tenham surgido nos momentos (in) oportunos a que remetem. Ou seja, alguém que sofre uma violência tão grande como a exercida pelo ingresso sem saída numa câmara de gás, não consegue desenvolver uma atividade chistosa em prol de um pouco de prazer para aquela situação. O sujeito alvo dessa violência fica desprovido de um laço social quando passa a ser visto tão somente como um objeto e, por essa razão, o chiste não pode se constituir.

Por outro lado, ainda sobre o nazismo, Freud conseguiu formular um chiste que se tornou histórico e bastante emblemático. Quando ele se preparava para deixar a Áustria, a Gestapo solicitou a sua assinatura para um documento que comprovaria suas boas condições físicas e o bom tratamento oferecido pela polícia nazista. Altamente chistoso, Freud assinou e escreveu que recomendaria a Gestapo a todos, num ato de ironia - o contrário da afirmação, chiste e hostilidade para com o grupo de algozes. Vale ressaltar que a capacidade chistosa de Freud emergiu porque ele pôde se livrar dos maus tratos físicos realizados contra os judeus daquela época, porém, aqueles que não tiveram o mesmo destino - o exílio - certamente não puderam desenvolver as narrativas chistosas da mesma forma.

Voltando ao texto de 1905, Freud atenta que o humor pode surgir misturado a chistes ou histórias cômicas, e que deve tentar se livrar de possíveis manifestações de afeto, solidárias ao outro, tais como sentimentos de afeição, pena, dor, luto e etc. Essa manifestação de afeto pode ser detida completamente ou parcialmente, e a segunda forma é mais comum, de modo a gerar um "humor interrompido", em que uma parte do afeto é retirada e em troca surge o humor, como visto na página 261. Trata-se do "humor do sorriso entre lágrimas", tão sutil e lindamente qualificado por Freud ainda na página 261.

Esse procedimento utilizado para o surgimento de um prazer humorístico é semelhante às descrições sobre o deslocamento, e se destaca como um processo defensivo, como já foi dito antes, pois uma de suas funções é a preservação e a manutenção da integridade do ego.

Os processos defensivos são os correlativos psíquicos de um reflexo de fuga e realizam a tarefa de impedir a geração do desprazer a partir de fontes internas. Ao cumprir esta tarefa servem aos eventos mentais como uma espécie de regulação automática, que no fim, incidentalmente, torna-se prejudicial e tem que ser sujeitada ao pensamento consciente. Indiquei uma forma particular dessa defesa, a repressão fracassada, como o mecanismo operativo do desenvolvimento das psiconeuroses. O humor pode ser considerado como o mais alto desses processos defensivos. Ele desdenha retirar da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz a repressão, e assim domina o automatismo da defesa. Realiza isto descobrindo os meios de retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-o pela descarga em prazer. (p. 262)

Após situar o humor como um mecanismo de defesa, Freud volta à comparação entre humor e conteúdos infantis, e diz que o adulto ri de afetos dolorosos passados na infância, tal qual o humorista ri de seus afetos atuais. É como se o adulto, somente enquanto adulto, pudesse dizer a si mesmo que aquilo tão ruim passado na infância é algo que não o atinge, porque hoje ele é 'grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas'. (Freud, 1905, p. 263).

Para Freud, o humor é mais semelhante ao cômico do que aos chistes, pois compartilha com o cômico a localização psíquica no pré-consciente, enquanto os chistes são "formados como um compromisso entre o inconsciente e o pré-consciente" (Freud, 1905, p. 263). Mas ainda assim, o autor nega que existam comparações possíveis entre o

humor, o cômico e os chistes, porque o deslocamento humorístico visto no humor é diferenciado dos demais, pois um afeto desagradável é economizado e outra coisa o substitui - uma despesa é liberada para ser usada de outra forma, nesse caso, o humor e o prazer que o acompanha.

Com tal diferenciação em vista, é possível chegar ao final do texto com as concepções freudianas esclarecidas. Para concluir o estudo de 1905, o autor fez um apanhado dos mecanismos de geração de prazer nos três termos trabalhados - os chistes, o cômico e o humor; e ainda chamou a atenção para os conteúdos infantis não mais presentes nos adultos. Segue abaixo o último parágrafo do livro, que sintetiza boa parte das idéias e permite novas articulações a partir daquelas que já foram explicitadas:

Chegamos agora ao fim de nossa tarefa, tendo reproduzido o mecanismo do humor a uma fórmula análoga àquelas referentes ao prazer cômico e aos chistes. O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com o sentimento. Em todos os três modos de trabalho do nosso aparato mental o prazer derivava de uma economia. Todos os três concordavam em representarem métodos de restabelecimento, a partir da atividade mental, de um prazer que se perdera no desenvolvimento daquela atividade. Pois a euforia que nos esforçamos por atingir através desses meios, nada mais é que um estado de ânimo comum em uma época de nossa vida quando costumávamos operar nosso trabalho psíquico em geral com pequena despesa de energia - o estado de ânimo de nossa infância, quando ignorávamos o cômico, éramos incapazes de chistes e não necessitávamos do humor para sentir-nos felizes em nossas vidas. (FREUD, 1905, p. 265)

1.7. O humor na segunda tópica

Adorável superego.

Depois de vinte e dois anos, Freud retoma os estudos sobre o humor e, em 1927, escreve o artigo chamado *O humor*, de modo a repetir algumas de suas descrições vistas em 1905 e a recapitular outras, pensando-as não somente do ponto de vista econômico, mas também considerando pela primeira vez o superego como bondoso. O autor mantém muito daquilo que já havia sido dito e acrescenta informações bastante pertinentes ao humor, pois agora ele privilegia as atividades do ego de forma ainda maior do que anteriormente.

Para uma melhor compreensão, o texto sobre o humor será abordado aqui de acordo com a ordem dos parágrafos escritos, forma adotada também no estudo dos chistes e ao longo desta pesquisa.

Inicialmente Freud volta à questão da atitude humorística como dirigida ao próprio sujeito que a profere ou a outros. O prazer gerado nessa situação satisfaz tanto o narrador quanto quem o ouve, e esse fato está em plena concordância com o texto de 1905. Freud descreve ainda o percurso do prazer humorístico dizendo que, ao invés de ouvir reclamações, queixas e sofrimentos, o ouvinte recebe uma pilhéria e assim o gasto de sentimento é economizado, se transformando em prazer humorístico, tanto para quem narra quanto para quem ouve.

A ênfase dos estudos acerca do prazer humorístico deve ser, sem dúvida, voltada ao personagem humorista, aquele que narra os fatos, pois o narrador possui algo que o liberta, bem como grandeza e elevação, que não são vistas nas outras formas de obtenção de prazer pelas vias intelectivas.

Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor. (...) O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais. (FREUD, 1927, p. 191)

Essa evitação do sofrimento exhibe o humor como um mecanismo de defesa de sucesso, pois o ego pode permanecer íntegro mesmo nas situações de vida mais extremas e dolorosas, sem ultrapassar os limites da saúde mental, como refere Freud na página 191. O mesmo diz que os chistes servem somente ao propósito de gerar prazer e possíveis agressões, e isso os difere da atitude humorística, pois ela se dá numa recusa ao sofrimento e numa superioridade identificada ao papel do pai, consideração esta não vista em Freud até então.

O autor quer deixar claro que o humorista se sente superior, como o adulto se sente diante de uma criança. Por essa razão, o humorista se identifica com a figura paterna obviamente adulta, e considera que todos os outros, incluindo os ouvintes das narrativas, são as crianças e os trata como tais. Essa formulação naturalmente é inconsciente e parece inicialmente desconexa, pois o humor pode ser feito somente com uma pessoa, e essa pessoa representaria um adulto e uma criança ao mesmo tempo. Freud adentra na questão para explicá-la de modo claro e inovador: o ego possui o superego em seu núcleo, e "geneticamente o superego é o herdeiro do agente paterno" (Freud, 1927, p 192). Assim, pode-se dizer que o superego trata o ego como se fosse o seu pai, que o comanda, afaga e dita regras.

Para pensar a atitude humorística com base nessa definição, supõe-se, portanto, que o humorista tira a ênfase do ego e a passa para o superego. Com o superego inflado, o ego se torna pequeno e todos os seus interesses parecem triviais, por isso é muito mais fácil ter uma atitude humorística quando não se dá tanta importância ao fato. Trata-se de uma nova distribuição de energia, em que o superego consegue "reprimir as possibilidades de reação do ego." (Freud, 1927, p. 192)

Freud põe em questão se poderia fazer um deslocamento como esse, do ego ao superego, e depois refere que essa prática é nova para o seu estudo sobre o humor, mas já existe em outros estudos psicopatológicos. Como exemplo, cita as crises paranóicas e as alternâncias entre melancolia e mania. Ele indica que, no humor, o indivíduo hiperinveste o seu superego e, por essa razão, as reações do ego podem ser alteradas.

Freud fala do humor e do chiste com diferenças básicas entre eles: nos chistes, um "pensamento pré-consciente é entregue por um momento à revisão inconsciente. Um chiste é, portanto, a contribuição feita ao cômico pelo inconsciente" (Freud, 1927, p. 194) e no humor, "exatamente do mesmo modo, *o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego.*" (Freud, 1927, p. 194)

Para Freud, o superego no humor atua como se dissesse a todos que nada é tão perigoso ou hostil, já que ele se comporta como um adulto superior às outras pessoas, vistas como crianças. Dessa forma, o superego, no humor, é bondoso e tranquiliza os narradores e ouvintes, embora exija uma capacidade intelectual e com isso nem todos sejam capazes de fazê-lo, da mesma forma que se exige para a formulação dos chistes.

Se é realmente o superego que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego. Ademais, nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. E finalmente, se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno. (FREUD, 1927, p. 194)

Parte 2 - O humor judaico

Introdução para a Parte 2

Após toda a explanação acerca dos chistes, do humor, do cômico e do prazer vistas na Parte I, é possível tratar agora as significações do judaísmo para o humor judaico.

Para dizer o que é o humor judaico, é preciso entender juntamente com esse conceito o que é ser judeu e em que universo histórico, religioso e cultural esse povo se insere. Obviamente, não será possível dar conta de tantas e tão amplas dimensões nesta dissertação, mas ainda assim é provável que uma breve elaboração possa contribuir com o entendimento do que é ser judeu tido por cada leitor. Certamente, todos já ouviram falar sobre os judeus, já tiveram contato próximo com algum ou puderam acessar meios de comunicação que os retratam. Aqui, algo se difere do corriqueiro - a estereotipia.

O cômico lida com exageros, e o humor judaico não se afasta disso. Esta Parte II fala e retrata, por meio das piadas citadas, um povo judeu altamente folclórico e com características aumentadas, generalizadas e grosseiras. Apesar de não serem qualificações totalmente reais, ao contrário, estão mais próximas do lúdico, são elas que compõem o humor judaico.

2.1. O 'ser judeu'

Os judeus se ocupam tanto, mas tanto com a questão da própria identidade - o que significa ser judeu? - que acontecem coisas como esta: um célebre explorador, após permanecer vinte anos na África equatorial estudando os hábitos dos elefantes, ao retornar com farta documentação publicou um livro intitulado "Os Elefantes e a Questão Judaica". (As melhores piadas do humor judaico, Abram Zylbersztajn, 2001, p. 116)

Este tópico busca mostrar como a religião judaica forma os seus membros, com base nos ditos religiosos sagrados e nos aspectos sócio-históricos. O judaísmo possui vastas referências escritas e orais sobre os preceitos religiosos e seus hábitos corriqueiros que, fundidos, formam as manifestações culturais do povo judeu. Mesmo sem adentrar nas concepções antropológicas do termo cultura, sabe-se que esta se produz a partir de inúmeras características de um povo, e isso inclui a crença religiosa, a posição geográfica e a alimentação, entre vários outros aspectos. Todos os sujeitos estão inseridos numa cultura, seja ela ocidental, oriental, indígena, africana ou mesmo nômade. As exigências da vida em comum tecem as obrigações de cada um e o seu modo de estar na coletividade, seja por meio do direito, da filosofia, das artes ou da religião. Para esta pesquisa importam os aspectos religiosos judaicos, com eles, os hábitos dos judeus são moldados e um 'ser judeu' se realiza enquanto grupo.

'Ser judeu', de acordo com a Torá, é nascer do ventre de uma mãe judia, pois é a mãe quem passa a alma judaica ao filho. Qualquer bebê nessa condição é judeu e, mesmo que posteriormente não siga a religião, esse é um fato irreversível, pois não existe um ex-judeu. Um ponto bastante peculiar que merece ser abordado é a questão dos filhos de pais judeus com mães não-judias, ou seja, aqueles que não são judeus à luz da Torá. Mesmo sem se enquadrar na definição de judeu vinda da religião, muitas dessas crianças nascem e crescem dentro da cultura judaica - freqüentam as escolas, os grupos de dança, os movimentos juvenis e até fazem intercâmbio cultural em Israel, sem que isso os diferencie na prática. Esses filhos de pais judeus se consideram judeus da mesma forma que os nascidos de um ventre judaico, e muitas correntes religiosas mais flexíveis os aceitam como membros, incluindo todos os direitos e deveres que tal nomeação pode trazer.

Essas pessoas integram as comunidades judaicas de muitas formas, quase sempre as mesmas que um judeu nascido de mãe judia integra - pela via religiosa, cultural, política ou mesmo econômica. É sabido que, mesmo não sendo "judeu da *halachá*", ou seja, de acordo com a lei judaica, não se pode excluir esses membros por uma razão muito óbvia: não é possível tirar de alguém o sentimento de ser judeu, mesmo se formalmente ele não o é. O Estado de Israel não os exclui, ao contrário, faz valer a Lei do Retorno. Trata-se de uma lei que dá o direito de obter a cidadania israelense até para netos de judeus, mesmo que netos de homens judeus somente. Assim, eles podem retornar àquele país que, em algum momento da história de cada família judia, já foi um lar, e ao longo do tempo não foi possível continuar lá.

Dessa forma, esta pesquisa nomeia como judeu aquele que se considera judeu, mesmo que essa não seja a posição correta encontrada na Torá. É preciso deixar claro que a lei judaica institui como judeu somente o filho de mãe judia, ou então as pessoas que passaram por uma conversão considerada adequada - a que é sincera em espírito e hábitos. Portanto, mesmo sabendo da lei judaica, esta pesquisa pode englobar como judeu as pessoas que vivem no ambiente judaico e se vêem como parte dele, porque tal posição é somente um recorte metodológico, sem desmerecimento ou contradições à religião. Sabe-se que o foco deste trabalho não é teológico, e sim psicanalítico, e por essa razão não se pode deixar de considerar o desejo da pessoa que por definição não é judia, mas assim se classifica. O que importa prioritariamente é entender o humor judaico situado nas comunidades judaicas e em seus membros, sem qualificar exatamente quem é judeu de ventre, compulsório, de vontade própria, ou apontado como tal pelos demais.

Esse tema, ser ou não ser judeu "de verdade", sempre provocou intensos debates na comunidade judaica, e mesmo assim ainda há algo muito curioso para ser pensado: os judeus ateus - o que parece altamente contraditório, especialmente quando algumas pessoas se auto-demoninam dessa forma. Ser judeu ateu é o judeu que não acredita em D'us, mas o próprio 'ser judeu' já implica alguma crença, ou caso não implicasse, o sujeito judeu ateu diria que é apenas ateu, o mais óbvio. Talvez o tal judeu ateu tenha consciência da irreversibilidade existente em nascer de uma mãe judia. Para ilustrar essa problemática, seguem duas narrativas abaixo:

Um judeu muito progressista e completamente ateu decidiu dar uma educação esmerada a seu filho. Assim, mandou-o para a maior escola laica da cidade, que fora, anteriormente, uma escola de padres.

Ao fim de alguns dias, Jacozinho volta e declara ao pai:

- Papai, já sei o que é Santíssima Trindade: é o pai, o filho e o espírito santo!

O pai, atingido no mais fundo de suas concepções laicas, tem um rompante de fúria:

- Jacozinho! Mete na cabeça que nós só temos UM D'us! E não acreditamos nele! (ZYLBERSZTAJN, 2001, p. 46)

Dois judeus se encontraram num sábado na rua.

Stein: Cohen, eu ouvi dizer que você parou de acreditar!

Cohen: Sim.

Stein: Mas diga-me; você ainda acredita em D'us?

Cohen: Vamos falar de outras coisas.

No Domingo eles se encontraram de novo:

Stein: Cohen, eu não consegui dormir à noite. Você acredita ou não em D'us?

Cohen: Não.

Stein: Por que você não me disse isso ontem?

Cohen: Você está *meshugnes*? No *Shabat*?

Essas narrativas mostram o conflito entre crer e não crer, embora pareçam representar tão somente algo ideológico ou uma simples decisão de não mais crer, quando na verdade executar isso é impossível para os personagens. No segundo exemplo, um dos envolvidos não cogitou tocar no assunto durante o dia do descanso, o *Shabat*, sempre sagrado para os judeus, e ainda mencionou que só um louco o faria - "está *meshugnes*?".

Uma reflexão bastante pertinente sobre esse segundo exemplo é o fato de o suposto descrente se chamar Cohen. Os *cohanim* - plural de Cohen, representavam a casta mais especial e refinada do antigo Tempo de Jerusalém, e eles precisavam, bem como até hoje precisam, ser mais puros do que os demais judeus. Como exemplo, um Cohen não pode ouvir alguns trechos de rezas e não devem entrar em cemitérios, pois tais atitudes podem prejudicar a sua pureza. E na narrativa citada, justamente um Cohen é quem diz 'estar' descrente, pois essa descrença é irreal. Vale lembrar que, pelo fato dessas narrativas - chistes ou piadas - transitarem, não é possível averiguar se o nome Cohen foi o original desse texto, ou se ao longo de suas publicações e contações ele foi transformado. De qualquer modo, mesmo transformado, justamente o nome Cohen foi usado e esse fato por si só já é significativo, pois automaticamente surge a questão: por que alguém, ao escrever ou transcrever uma piada, usaria justamente o nome Cohen

para um descrente? Talvez para impressionar ainda mais o leitor, dando ênfase ao fato, como se não crer fosse uma verdadeira infâmia, ainda mais vindo de um Cohen, tão puro e estimado.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é o fato de alguns chistes ou piadas terem uma referência bibliográfica, porém nem todos. Isso acontece porque algumas narrativas estão presentes em livros de piadas judaicas, em coletâneas publicadas formalmente, e outros somente circulam pela internet, ou nos jornais comunitários, revistas, enfim. A autoria formal dessas narrativas simplesmente não existe, não se sabe quem escreveu, nem quando, ou onde buscar a fonte para fins de citação científica, como neste trabalho, por exemplo. Por essa razão, aqueles exemplos que fazem parte de um livro editado nos moldes formais de publicações, têm a origem citada, mas ainda assim não foi o organizador da coletânea que o escreveu.

Continuando nessa questão da autoria, mesmo que não haja um nome ou uma data para se agregar a cada piada, mesmo sem um dono legalmente empossado, sabe-se que o anedotário judaico pertence ao próprio povo judeu. É um aspecto da cultura que transita socializado juntamente com os outros saberes, e cada narrativa se funda como parte de um todo, que é o humor judaico de todos os judeus - autores ou propagadores dessas narrativas.

Após citar o Cohen como a mais elevada casta no judaísmo, mostra-se necessário expor um pouco sobre o começo da diáspora do povo judeu, para entender melhor a formação dos grupos judaicos de hoje em dia. Depois da destruição dos dois Templos de Jerusalém, as funções das castas Cohen, Levi e Israel deixaram de existir. Ao mesmo tempo houve os massacres e a expulsão dos judeus de Jerusalém, imposta pelos romanos em 70 da Era Comum, e a partir daí a diáspora se fez. Com isso, os judeus se dividiram, passando a habitar os mais diferentes locais no mundo. Diáspora quer dizer dispersão, exílio, a divisão geográfica do povo judeu. Assim, para manter os rituais que eram realizados nos Templos já destruídos, os judeus criaram as sinagogas e fizeram delas um ambiente de estudo e reza.

Para se adequar aos locais onde iriam habitar, os judeus adquiriram hábitos e formaram uma vasta cultura muito mais heterogênea do que a existente na época dos Templos. Desse modo surgiram os dois principais grupos judaicos: *ashkenazim* e os *sefaradim*, sendo os primeiros os judeus oriundos do leste europeu e dos países mais frios - Rússia, Alemanha, França; e os segundos oriundos do oeste europeu e África - Espanha, Portugal e Marrocos, por exemplo. Atualmente é possível encontrar outras

variações e formações judaicas, tais como os judeus etíopes conhecidos como *falashas*, e os orientais, por exemplo.

Com essa divisão tão clara entre os dois principais grupos, os *ashkenazim* e *sefaradim*, o cotidiano do povo judeu não poderia mais ser o mesmo que aquele visto na época dos Templos. Uma determinada localidade possui seus hábitos peculiares de acordo com o clima, a vegetação, e até mesmo com os rituais religiosos vigentes, mesmo que não sejam os judaicos. Por isso a bagagem cultural dos judeus aumentou muito, já que na Rússia, por exemplo, por causa do inverno tão rigoroso, eles precisavam comer muita gordura animal e carnes pesadas; enquanto no Marrocos, todos se adequavam ao clima e aos alimentos ricos em ervas e legumes, mais leves. A cultura dos *sefaradim* tem muitos aspectos similares aos hábitos dos árabes que também habitavam a região, e inclusive há muitas semelhanças físicas entre os dois grupos.

Essa diferenciação básica entre os judeus aparece em alguns momentos dos rituais religiosos, como também na entonação das canções, nas vestimentas e até mesmo nos traços físicos que se moldam ao longo das gerações. Esse modo de vida em cada localidade é parte da constituição identitária do grupo, que não se restringe somente aos fatores externos, como o clima e a alimentação. Há costumes particulares de cada divisão, porém, mesmo com tal variação, um judeu é judeu em qualquer lugar do mundo e deve seguir os preceitos da Torá, que são imutáveis e atemporais, sem exceção. Assim, independente se é *ashkenazi* ou *sefaradi*, o judeu deve seguir tudo aquilo que está determinado para o cumprimento das *mitzvot*, que são boas ações, e dessa forma ele pertence a uma unidade indissolúvel e a-geográfica, pois não importa onde ele esteja e que idioma fale - a reza será sempre em hebraico e os ditos sagrados não se modificam diante de outras realidades, apenas se adaptam, mas sem perverter o seu sentido maior, que é a obediência ao que foi postulado por D'us.

Um bom exemplo dessa adaptação aqui no Brasil é o caso da feijoada *kasher*. A alimentação *kasher* sugere o seguimento de várias regras no preparo e consumo das comidas. As mais básicas são não comer carne de porco ou crustáceos, não misturar carnes com leite e consumir apenas peixes que têm escamas. Claro que o código da alimentação *kasher* é muito mais detalhado e extenso que isso, mas não é o propósito desta pesquisa abordar a fundo essa questão. O que importa saber é que, a exemplo da feijoada *kasher*, a carne de porco, tradicionalmente usada em qualquer feijoada, é trocada por carne de boi, e vários temperos são acrescentados. Ou seja, o judeu pode se adaptar à cultura brasileira e comer a feijoada, que faz lembrar o período da escravidão,

quando os negros não tinham acesso a carnes nobres, mas mesmo comendo-a, o judeu não precisa sair dos seus hábitos, não precisa burlar as proibições da Torá. Basta que mude um pouco a receita, e assim torna-se possível um sentimento de pertença à localidade, pois uma receita é adaptável conforme as necessidades, mas a Torá não. O mesmo ocorre com a atual moda da comida japonesa entre os jovens. Ora, sabe-se que o sushi é um alimento saudável e leve, muito pertinente a um país tropical, por isso as comunidades judaicas têm realizado eventos com a presença de um *sushiman* que não usa crustáceos nas combinações, mas que abusa do salmão, um peixe *kasher*.

Outro ponto a ser destacado é a questão do judeu praticante e do não praticante, também chamado de religioso ou não religioso. A escolha por não praticar a religião é algo relativamente recente, provavelmente iniciada com a saída dos judeus dos guethos e com o período iluminista, e acentuada posteriormente, especialmente pelo forte anti-semitismo que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma que Freud, muitos judeus que desejavam ter reconhecimento e influência nos países da Europa, tentaram mudar de nome e se integrar a outros ambientes, para disfarçar a identidade judaica. Freud era Scholomo Sigismund Freud, 'meu Sigi de ouro' para a sua mãe, e só depois passou a ser Sigmund Freud. Perdeu uma parte tão bonita do seu nome, o Schlomo, que em hebraico corresponde a Salomão e significa paz.

Não há dúvidas de que, apesar do seu afastamento de todas as práticas religiosas, Freud, principalmente quando as investidas anti-semitas se propagavam pela Europa, afirmava-se judeu. Em 1926, tomado por uma terrível decepção, declarou: "Minha língua é alemã, minha cultura, meus vínculos são alemães. Eu me considerava intelectualmente um alemão até me perceber do aumento crescente dos preconceitos anti-semitas na Alemanha e na Áustria. Desde então, não me considero mais um alemão." E continua, afirmando: "Prefiro denominar-me judeu". (FUKS, 2000, p. 39)

Mais adiante, ainda no livro *Freud e a judeidade*, a autora afirma:

Mas o prolema da identidade judaica não se reduz à crise da modernidade vienense; e até mesmo a precede, e de muito, caso se tome a judeidade como uma expressão de uma errância milenar, de uma alteridade multiplicada, fragmentada em estilhaços pelos cortes significantes do que ela própria esconde. Em Viena, após um longo período de assimilação, o judeu, diante do iminente retorno de mais um exílio e da ameaça de extermínio, foi buscar, na prática milenar da experiência escriturária de seus antepassados, uma estratégia para a elaboração de um novo-antigo luto. Conforme a tradição milenar, com a destruição do Templo e a expulsão de Jerusalém, os judeus

engajaram-se na prática de suportar e ultrapassar a vivência da desterritorialização pela escrita da história. O Livro, suporte permanente de escritura, junta o povo na diáspora. (FUKE, 2000, p. 86)

Novamente, a importância do livro sagrado dos judeus é situada, como escritura que agrega os membros do grupo e promove o amparo diante das adversidades. Com essa função tão especial, desde a destruição do segundo Templo, a Torá é o código necessário aos judeus da diáspora, porque implica uma unidade indissolúvel da religião - com suas histórias sagradas e mandamentos ao povo judeu, nunca alterados.

Voltando às reflexões sobre o ambiente hostil europeu que se instaurou antes da Segunda Guerra, as concepções do positivismo chamam a atenção. Essa corrente emergiu quase ao mesmo tempo das manifestações de anti-semitismo na Europa, e de acordo com ela, crer em alguma religião começou a parecer ilógico ou mesmo ignorante, pois a existência de D'us não poderia ser comprovada cientificamente, então facilmente era considerada absurda. Assim, nessa época de não-crença por parte dos intelectuais, e de anti-semitismo constante, os judeus praticantes passaram a ser cada vez mais afastados do convívio social com não-judeus, passando a se reunir somente onde era seguro expor idéias de crença religiosa e realização de cultos. Enquanto isso, os não praticantes faziam de tudo para penetrar no ambiente europeu tão hostil e preconceituoso, mas que brilhava academicamente em vários âmbitos da intelectualidade, embora isso não garantisse a exclusão da câmara de gás anos mais tarde. Ao contrário, os judeus influentes na Europa foram alvo de intensas calúnias, manifestações odiosas e roubos de bens materiais, entre outras torturas já conhecidas e muito mais cruéis - o próprio holocausto. Sessenta anos depois, já existem algumas piadas sobre o tema, mesmo com a dor ainda tão recente. Segue uma delas:

O avião da *El Al* estava sobrevoando o atlântico, indo de Israel para os Estados Unidos, quando o piloto informou que tinha ocorrido uma falha numa das turbinas e, a menos que alguns passageiros saltassem do avião, todos morreriam. O avião precisava aliviar a sua carga. Um francês se levantou e gritou: *Vive la France!* - e pulou. Em seguida, um inglês berrou: *Long live the Queen!* - e saltou. Finalmente, um judeu se pôs de pé e berrou: *Deutschland über alles!* - e jogou um alemão para fora do avião. (SPALDING, 2001, p. 173)

Essa narrativa exhibe de forma clara a mágoa dos judeus para com os alemães, e os generaliza bruscamente, pois nem todo alemão foi partidário de Hitler, e sabe-se que

as novas gerações abominam e se envergonham pelo ocorrido. Mas como já foi dito anteriormente, a realização de um chiste ou de uma piada lida com estereótipos, com o exagero, portanto o único alemão num vôo da *El Al*, a mais famosa empresa de aviação israelense, aparece como alvo perfeito para "aliviar a carga" do nazismo. Vale lembrar que o desfecho da narrativa acontece no terceiro momento, conforme observado na primeira parte deste estudo.

Atualmente, os judeus não praticantes são maioria em todos os locais do mundo, porém com a tolerância religiosa eles têm se aproximado mais do judaísmo nos últimos anos. Até a contracultura, era altamente *démodé* praticar algum ritual religioso no ocidente, e hoje esse retorno tem sido visto em todas as religiões, bem como a criação de novos grupos, seitas e afins, buscando amenizar as adversidades da vida moderna. Nos tempos atuais, ter uma religião mostra que a pessoa é honesta, 'do bem', e com isso os grupos para todas as crenças e faixas etárias têm se proliferado com uma grande rapidez, visto que a contemporaneidade anseia por algum tipo de lei mais valiosa que a constituição de um país - a lei de D'us. As pessoas buscam uma lei que transcenda qualquer regimento público, que seja reflexo do divino, e não do profano tão visto por meio da corrupção e golpes políticos ao redor do mundo. Trata-se de uma necessidade muito atual de estar vinculado a uma religião ou similares, e esse retorno às práticas religiosas tem sido visto também entre os judeus, especialmente os mais jovens, que acabam por direcionar a família afastada à sinagoga.

Com todos esses aspectos citados acerca dos judeus, entende-se que eles se configuram como um povo sem feições definidas, pois existe a variação dos grupos judaicos; adaptável à cultura do local sem transmutar a sua e, de acordo com a caracterização mítica, além de tudo isso, ainda é um povo errante. É um povo que transita e, mesmo com o Estado de Israel já estabelecido depois da Segunda Guerra Mundial, continua ao redor do mundo, caminhando na errância da diáspora. Há comunidades judaicas enormes e outras mínimas, e para isso é necessário haver vários meios de comunicação que atendam até as localidades mais distantes e os judeus menos praticantes.

Para suprir essa demanda do ambiente judaico, há atualmente jornais e revistas comunitárias, impressas e virtuais, histórias da Torá narradas pelos rabinos, e o ensino dos costumes em aulas, ao longo das rezas e até mesmo com músicas. Mas o que realmente se destaca nesta pesquisa é a questão da tradição oral, das histórias que são passadas ao longo das gerações e, entre elas, está o humor. É possível observar que nos

encontros judaicos constantemente existe o momento da contação de piadas e, mesmo em momentos diversos, quando um grupo, ou até um par de judeus se reúne, geralmente alguma história engraçada é contada. Esse fato é visto especialmente nos homens da comunidade e, embora esta pesquisa não pretenda se aprofundar na questão de gênero, essa ressalva não poderia deixar de ser mencionada.

Assim, parece que para ser judeu, especialmente homem judeu, é preciso ter à mente ao menos algumas narrativas temáticas que narram os hábitos do povo. Existe uma identificação grupal que faz com que as narrativas humorísticas continuem se perpetuando ao longo das gerações, pois o pai as conta entre amigos, os filhos as escutam e as repassam em outras situações. É claro que crianças muito pequenas não têm o entendimento intelectual constituído para as exigências dos chistes, ou mesmo das piadas que necessitam o entendimento de metáforas, como foi abordado na primeira parte deste trabalho, mas a aquisição da identidade judaica pode ser percebida ainda muito cedo, e exercida mais profundamente depois.

Para exemplificar o sentimento de identidade judaica, existe uma história recente com um garotinho religioso da comunidade judaica de Recife, na época com mais ou menos sete anos de idade. Ele estava tomando banho de mar na praia de Boa Viagem e fez amizade com outro menino, um desconhecido. Eis que um pergunta para o outro:

- Eu sou judeu. E você, o que é?
O menino pensou, pensou, e disse:
- Eu sou matuto!

Para o jovem religioso, ser judeu era uma condição de existência maior que qualquer outra qualificação que ele poderia ter, pois os seus pais freqüentam ativamente as reuniões da comunidade judaica e seguem os rituais litúrgicos tanto em casa quanto na sinagoga. Para ele, ser qualquer outra coisa além de ser judeu é secundário, porque primeiro ele é identificado com a sua religião, e depois ele pode ser outra coisa. Já o outro menino, com sua resposta tão inocente no momento e tão chistosa para um adulto que ouve, se vê claramente como as pessoas oriundas do interior do Estado são estigmatizadas como "matutas", ou seja, pessoas da roça, da lavoura - além do conteúdo pejorativo da palavra, que de certo modo denota também ignorância, já que o matuto não tem acesso a longos estudos. Assim, nascidos no mesmo Estado de Pernambuco, um se julga judeu e o outro se julga matuto, e nenhum dos dois percebe os adjetivos como xingamentos que há pouco tempo eram usados largamente, e ainda são, mesmo

com a proibição legal de discriminação de raça, de credo ou de cor, considerada crime inafiançável no Brasil.

As histórias contadas oralmente existem entre o povo judeu muito antes de serem judeus, ou seja, existem desde quando eram os hebreus. Os hebreus passaram a ser judeus com o recebimento da Torá, livro sagrado escrito por Moshê e ditado por D'us logo após a saída do Egito - o Êxodo. Assim, mesmo antes de haver o livro que contém a história e os mandamentos do povo, já havia uma organização não documentada, pois as narrativas dos e sobre os patriarcas regiam uma população, especialmente no que tange à proibição da idolatria, que já circundava intensamente na mais antiga religião monoteísta.

Ao receber a Torá, Moshê também recebeu a Torá Oral, o conjunto de explicações dadas por D'us oralmente. E dessa forma Moshê prosseguiu com os ensinamentos, repassando-os também oralmente aos sábios e alunos. Posteriormente, os grandes estudiosos e rabinos tiveram o cuidado de interpretar a Torá em debates, suas conclusões eram faladas e, ao longo dessa rotina, entendeu-se que tudo isso precisava ser registrado. Então surgiu o Talmud, que é a interpretação da Torá de modo oral, só que atualmente está transcrita. O Talmud contém vários ensinamentos obtidos nessas discussões interpretativas, mas em momento algum desconsidera o conteúdo do principal livro sagrado, que é a Torá. Ao contrário disso, o Talmud é um complemento fundamental ao povo judeu.

Resumindo, o Talmud é um complemento da Bíblia. Preenche as lacunas e explica as leis da Torá. Além disso, inclui histórias e ditos que tanto direta quanto alegoricamente oferecem a filosofia e sabedoria do Judaísmo. No entanto, o Talmud é um texto difícil de ler porque contém muitas discussões (que ocorreram durante centenas de anos) na forma de prova e refutação. (fonte: www.chabad.org.br)

Com vista nessa herança oral do povo judeu e com base nos livros sagrados, incluindo os Salmos de David, percebe-se que, nos escritos, há passagens que incentivam a alegria nas pessoas e o riso contra a infelicidade e, especialmente interessante, contra os algozes. Algumas passagens bíblicas foram selecionadas para ilustrar a tão antiga tradição de ridentes vista nos judeus.

Sobre o riso na Torá, inicia-se a explanação com um versículo de Mishlê, os Provérbios, 14:13, que diz: "Mesmo quando ri, pode doer o coração, e ao terminar o momento de regozijo pode haver tristeza". Essa passagem mostra claramente o que já

foi dito sobre uma das características do chiste, que é o seu uso no desenvolvimento da hostilidade e agressividade, muitas vezes a única saída para alguém que sofre. Isso indica que, embora se faça um chiste e ele seja engraçado, nem sempre o autor está satisfeito com a situação, ou ao contrário, produz-se o chiste para fugir por alguns momentos daquilo que dói. É o caso da narrativa abaixo, vista na *Enciclopédia do Humor Judaico*:

Na época do czar Nicolau, um judeu simpático embarcou num trem para Minsk. No mesmo compartimento, em frente a ele, estava sentado um tenente do exército czarista com um cachorro pequeno no colo.

O judeu, amigável, tentou iniciar uma conversa, mas o oficial russo lançou-lhe um olhar tão fulminante que ele se pôs em silêncio.

Mas não satisfeito em silenciar o judeu odiado, o tenente ficou acariciando o cachorro e chamando-o maliciosamente de Isaac.

Finalmente o viajante judeu achou que já era o bastante.

- Uma pena, o seu cachorro - observou com inocência.

- O que há de errado com ele? - grunhiu o tenente.

- Pena que ele tenha um nome judaico.

- Continuo não sabendo do que você está falando.

- Bem, se não fosse pelo nome judeu que ele tem - explicou educadamente e em voz baixa o judeu - algum dia poderia ser um tenente, como o dono. (SPALDING, 2001, p. 151)

Assim, é mesmo de 'doer o coração' o fato de uma pessoa precisar de uma ironia tão fina, que é exatamente o oposto de uma afirmação clara, para realizar algum tipo de rebeldia sem que seja punido. Não se trata exatamente de uma transgressão da lei vigente, e sim de um manifesto oral primordial para a manutenção do ego abalado pelas perseguições constantes. Com isso, ser judeu é também tentar burlar todas as adversidades por meio da palavra, embora essa característica não seja particular do povo em questão, já que tantos outros povos ou grupos étnicos fazem o mesmo.

Um outro momento da Torá que interessa a este estudo, é a aproximação do riso com a melancolia. Em Cohélet - Eclesiastes 2:1 e 2:2, lê-se: "Disse a mim mesmo: Experimentarei o prazer e verificarei o que é alegria. Eis, porém, que também aí só encontrei futilidade. Em relação ao riso concluí: é loucura! - e em relação à alegria me perguntei: A que conduz?" Logo depois, no belíssimo capítulo 3, vê-se em 3:4: "um tempo para chorar e outro para sorrir, um tempo para lamentar e outro para dançar." Ainda em Cohélet, 7:3 e 7:4: "Sobriedade é melhor que riso fácil, pois também através

de um semblante sério pode o coração se alegrar. O coração do sábio encontra-se na casa enlutada, enquanto o dos tolos no recinto de alegrias frívolas."

Não cabe a este trabalho uma análise teológica do discurso citado, mas percebe-se com uma certa facilidade que desde os tempos bíblicos existe essa alternância entre alegria e melancolia já citada anteriormente e validada com um trecho de Freud. Para recapitular, quando uma pessoa está ou é alegre, sua atividade chistosa ou humorística naturalmente diminui, porque não precisa usar desse artifício nos momentos agradáveis. E quando uma pessoa sente-se mal, deprimida ou cerceada, aí sim é o momento de usar a narrativa como escapatória, por isso é algo tão dual. Assim, na citação de Cohélet, os alegres são tolos, e os que sofrem são aqueles que fogem da futilidade.

Continuando com as explanações da Torá, em Bereshit - Gênesis, é o Senhor quem traz alegria. Em 21:6 lê-se: "E Sara disse: D'us preparou-me alegria, e todo aquele que ouvir se alegrará comigo." Já nos Salmos, uma outra perspectiva é mostrada, pois o conteúdo apresentado lembra mais uma vingança de D'us contra os perversos, ao invés de simplesmente clamar por alegria. Em 2:4 "Aquele que está sentado no céu rirá, o Senhor zombará deles." Em 37:13 "Mas meu Senhor ri dele pois Ele vê que seu dia se aproxima." E em 59:9 "Mas, quanto a Ti, Senhor, Tu ris deles, Tu zombas de todas as nações".

Um povo que acredita somente em D'us e em todos os Seus mandamentos, não poderia fazer diferente. Se D'us faz zombaria com os algozes e perversos e é a representação máxima de poder frente ao povo judeu, é perfeitamente plausível que um simples mortal a faça também. Esses exemplos extraídos da Torá servem para ilustrar uma espécie de tradição do riso dentro do judaísmo, como algo muito antigo e presente nos livros sagrados, os quais não podem ser desacatados. É como se houvesse uma autorização implícita de D'us para com o humor judaico, uma permissividade, porque Ele mesmo já o fez. Assim, como D'us já riu sarcasticamente dos malfeitores e adversários, então os judeus espalhados pelo mundo contemporâneo também podem fazer uso desse poder - o de tornar ridículo e frágil aquele que é odiado.

Outro ponto que vale ser lembrado e ajudará na compreensão do próximo tópico, sobre os conceitos de identificação e tradição oral, é o mandamento *Ahavat Israel*, uma das melhores premissas que denominam os judeus - ama ao próximo como amas a ti mesmo. Certa vez, um grande sábio chamado Hillel, foi questionado sobre como ele poderia descrever a Torá num intervalo em que a pessoa possa estar apoiada em um pé só. Ou seja, o que ele poderia dizer tão rapidamente, para um aluno estudar em alguns

segundos. A resposta foi justamente o mandamento do *Ahavat Israel*, considerada a base de toda a Torá.

Se esse conceito de amor ao próximo, que ao mesmo tempo faz menção ao povo no todo enquanto uma unidade integrada, é assim tão presente, então é de se concluir que a identificação com o outro no judaísmo é algo recorrente em todos os aspectos. Caso não fosse, não seria possível haver um grupamento social como esse que não se transmuta há quase seis mil anos. Não se trata apenas do humor judaico que é passado ao longo das gerações, mas sim de toda a totalidade impressa no 'ser judeu', que acompanha até mesmo aqueles que se convertem a outras crenças, ou mesmo a uma não crença, porém com a consciência - ou inconsciência, de sua irreversibilidade. Parece que não há uma saída, o sentimento judaizante está presente tanto nos mais religiosos quanto naqueles que se assimilam, porque de alguma forma sempre há um retorno às origens, e não somente às origens daquilo que já foi vivenciado pela própria pessoa, mas sim daquela que ainda existe apesar de tão arcaica: o sentimento ancestral de ser.

2.2. Tradição oral e identificação

"A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa."
Freud, 1921, p. 133

Este tópico tem o propósito de explicar alguns conceitos do que tem sido chamado aqui de tradição oral e identificação. Já foi dito que os judeus têm o hábito de contar suas histórias por meio das mais diversas narrativas, entre elas, o humor. São meios de comunicação escritos, falados, sagrados ou profanos, mas sempre há o registro desses relatos. Com isso, ao falar constantemente dos momentos de êxito ou sofrimento para as gerações mais novas, o povo judeu consegue manter as tradições mesmo nos lugares menos propícios a isso, e promove assim o fortalecimento da identificação entre o grupo.

Os judeus não são uma raça e nem um padrão de ser humano, mas sim um grupamento sócio-religioso que transita pelo mundo há mais de cinco mil anos. Mesmo com a criação do Estado de Israel, os judeus da diáspora ainda somam a maior parte, e jamais será possível tirá-los dos locais onde vivem atualmente. Ainda que haja idéias sionistas, anti-semitas ou neo-nazistas, os judeus não podem migrar em totalidade para Israel, e muito menos desaparecer como alguns gostariam. O povo está totalmente arraigado na cultura de cada local onde vivem e, ao menos em Pernambuco, os judeus são parte considerável da história e esse status é mantido respeitosamente.

Com isso, ao ver que o povo judeu já passou por tantas mudanças geográficas e que o mundo já teve tantas percepções sobre o mesmo grupamento, é de se espantar que ainda restem algumas famílias judias transitando por aí. O mais interessante dessa espécie de resistência judaica ao longo dos tempos, é ver que todos sabem sobre a sua própria cultura, e que mantêm os livros e leis sagradas sem alterações, mesmo que haja a tentação de empreender mudanças de acordo com as demandas contemporâneas.

Pode-se supor que há várias razões para a continuidade do povo judeu. Inicialmente, e a razão mais óbvia, é a preservação da Torá. O livro sagrado dos judeus e os demais exemplares que se agregam a ele, contém as regras de conduta que devem ser seguidas pelo sujeito e, ao menos por poucos, são respeitadas até os dias de hoje. Além disso, a Torá possui as histórias dos patriarcas, que são lidas e repassadas aos mais novos constantemente, e especialmente nas datas comemorativas. Com isso, ao ler

e falar sobre a tradição de um povo, a oralidade dos fatos religiosos e culturais se mantém firmes.

A festa de *Pessach*, que significa passagem, é um grande exemplo dessa transmissão oral. Todos os anos a saída dos judeus do Egito é comemorada. Uma série de adaptações são feitas atualmente nesse período festivo, para que, por exemplo, as pessoas não comam alimentos que contém fermento. Os hebreus daquela época não tiveram tempo de fazer pão para levar à caminhada pelo deserto, então só conseguiram fazer *matsá*, uma espécie de bolacha de farinha e água, e esse foi o alimento deles. Como ainda não tinham recebido a Torá, não se pode chamá-los de judeus, eram ainda os hebreus - a instauração do grupo se deu pela escrita. Guiados por Moshê, esses hebreus, além de *matsá*, comeram *maná*, o alimento espiritual e invisível enviado por D'us, que podia ter o gosto de qualquer coisa que se desejasse.

Pois bem, ainda em 2008 da Era Comum, se come *matsá*. E nos três jantares em família para celebrar *Pessach*, a mesma história da saída do Egito é contada. Toda ela, das pragas ao mar vermelho, da construção das pirâmides egípcias aos dez mandamentos. Tudo é dito oralmente, muitas vezes com o auxílio de um livro chamado *Hagadá*, mas ainda assim é oral. E todos precisam escutar a história ao menos três vezes por ano, a mesmíssima e sem alterações, nos três jantares consecutivos.

Esse é somente um dos muitos exemplos que poderiam ser citados para tratar a tradição oral no povo judeu. Mas além de exemplos, é preciso também exibir algum fragmento teórico ao menos, para justificar essa exposição. Sabe-se que o objetivo da pesquisa não é o estudo das narrativas orais ou da linguagem falada, mas ainda assim ela passa por esses temas, e não seria justo que essa passagem fosse tão simplificada.

O que se vê, pois, é que a tradição judaica de lembrar não consiste apenas e essencialmente na preservação de uma herança ou em uma transmissão mecânica da memória, mesmo que, na aparência, seja essa impressão. *Zakhor* significa fazer da memória uma aventura de historicidade criativa a partir de um conjunto de traços a serem reinscritos permanentemente, a cada geração, por todos os sujeitos, mas sempre individualmente e diferencialmente. O modo de percepção da história no judaísmo, determinado pela dinâmica da leitura do Texto, distribui o espaço da memória em uma ordem de criação que não obedece à temporalidade linear. Em cada época, em cada geração, o leitor interpreta subjetivamente aquilo que lhe é transmitido, preservando as estruturas tradicionais da transmissão e assegurando-lhes continuidade. Não seria descabido lembrar também que o modo de se fazer narrativa, o ritmo, o timbre, o som das melodias e os movimentos do corpo são também uma linguagem

plena de sentidos, sem que necessariamente chegue-se a conhecer sua significação. (FUKS, 2000, p. 135 e 136)

Com essa citação de Fuks, percebe-se que a tradição oral permite que o próprio sujeito dê a sua leitura para cada passagem bíblica e cada manifestação cultural do povo judeu. Trata-se de um movimento que é individual e coletivo ao mesmo tempo, pois o conjunto de leituras dos fatos forma uma idéia sobre o próprio fato, que é sutilmente variável a cada geração.

Existe um livro chamado *Usos & abusos da história oral*, que é uma coletânea de artigos. Nele, há discussões muito aprofundadas sobre os usos e definições da história oral, que provavelmente são de grande valia aos historiadores. Porém, o conjunto da obra interessa ao humor judaico - um dos artigos trata a memória, e com isso, a história da memória, o que parece bastante pertinente ao tema desta dissertação.

Entende-se como memória a presença de passado, e o passado freqüentemente traz ressonâncias ao presente. Fala-se também de uma memória que concerne não apenas aos fatos históricos datados em livros, mas também a uma memória que remete a uma construção psíquica do indivíduo, e que não foi vivida individualmente, levando a crer que a memória é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva.

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (ROUSSO, 1992)

Em outro capítulo do mesmo livro, Julie Cruikshank aborda a tradição oral, tão citada nesta dissertação. Apesar de seu foco ser o trabalho com comunidades indígenas, ela aponta as percepções de alguns pesquisadores sobre o tema, que estudam áreas distintas.

Percebe-se, ao longo do texto, que a tradição oral é um conjunto de informações que visa a transmissão de conhecimentos. Estes conhecimentos extraídos das mais diversas populações são válidos para pesquisas qualitativas de modo geral, ou como auxílio para outros materiais coletados, porém não se adequam aos propósitos positivistas presentes em algumas linhas de pesquisa. Ainda assim, os autores que tratam o tema permitem situar a tradição oral como parte da história de um povo,

mesmo correndo o risco de ser um processo mutável, pois pode não haver registros escritos e, portanto, provas históricas sobre o que é dito.

"Se verificarmos como a tradição oral é utilizada na prática, veremos que, para a maioria das pessoas, ela não é um conjunto de textos formais: é uma parte viva, vital da vida." (Cruikshank, 1994). Essas curtas reflexões sobre memória e tradição oral estão em concordância com o que tem sido trazido por esta dissertação, e a importância de tais conceitos é vista na prática e nos conteúdos que são passados transgeracionalmente - de geração a geração, no povo judeu.

Essa forma de pensar a vivência judaica também em sua especificidade oral, amplia as possíveis relações do humor judaico com o conceito de identificação visto em Freud. Ao longo de todo o trabalho, foi falado que o povo judeu se apresenta unido por seus conteúdos sócio-religiosos expressos no anedotário, agora resta entender os motivos, de acordo com a psicanálise, desse processo identificatório.

No texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, escrito por Freud em 1921, é dito logo na introdução que a psicologia de grupo se interessa pelo indivíduo como parte de algo, seja ele membro de um grupo, um povo, uma raça, uma profissão, ou qualquer outra organização que o identifique entre e como os demais.

Embora o indivíduo tenha a propensão a se identificar com pessoas próximas e que representam demandas de afeto, a psicologia de grupo pretende entender esse indivíduo dentro de um contexto social, num grupamento que o introduza. Freud fala de um instinto social que só vem à tona quando existe uma ruptura de algo que é naturalmente interligado, e avisa que pretende investigar esse conceito de instinto social a partir do seu suposto primórdio, nos círculos mais estreitos, representados especialmente pelas bases familiares.

Em meio à grande descrição da teoria dos grupos construída por Le Bon, que visa uma introdução, Freud supõe que há algo capaz de unir os componentes de um grupo, um elo que é característico e unificador. Depois de tratar alguns outros pontos, no capítulo VI do mesmo livro, ele remete a um laço libidinal existente entre as pessoas, embora sem nomeá-lo como o elo referido anteriormente, que faz diminuir o narcisismo individual e, assim, torna-se possível a convivência em grupo. Esses laços libidinais são formados regularmente pelos membros de um grupo e, conseqüentemente, a relação entre eles passa a ser prazerosa e sólida socialmente.

A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que uma têm parte nesse processo. E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo. E isso é verdade tanto do amor sexual pelas mulheres, com todas as obrigações que envolve de não causar dano às coisas que são caras às mulheres, quanto do amor homossexual, dessexualizado e sublimado, por outros homens, que se origina do trabalho em comum. Se assim, nos grupos, o amor a si mesmo narcisista está sujeito a limitações que não atuam fora deles, isso é prova irresistível de que a essência de uma formação grupal consiste em novos tipos de laços libidinais entre os membros do grupo. (FREUD, 1921, p. 130 e 131)

A natureza desses laços formados no grupo também é trabalhada por Freud, por meio do conceito de identificação. A explanação sobre esse conceito, em Freud, se inicia com a trajetória do complexo de Édipo, tanto no menino quanto na menina, e toma alguns rumos. A identificação acontece primeiramente com os pais no desenvolvimento do complexo de Édipo e escolha do objeto, e depois se expande a outras pessoas que possuam características que possam ser copiadas.

O sujeito tende a imitar parcialmente pontos negativos ou positivos vistos em figuras próximas, que exercem uma função de modelo, de ideal do ego. Freud cita a identificação de Dora com a sua mãe, oriunda de um desejo hostil de tomar o seu lugar. Dora desenvolveu o sintoma da mãe, uma tosse, para que pudesse se assemelhar a ela e conquistar o amor objetal do seu pai. Em contraponto, Freud menciona que a identificação também pode surgir para com o próprio pai, pois Dora conseguia imitar a tosse característica dele, a pessoa amada. Para melhor explicar tal situação, Freud faz um enunciado afirmando que: "a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação." (Freud, 1921, p. 135)

Outro exemplo mencionado por Freud, trata a identificação num grupo de moças e remete a formação de sintomas, sem que haja relação de objeto com a pessoa copiada. Ele supõe que apenas uma moça de um internato receba uma carta de um rapaz, e nessa carta exista algo que lhe deixe enciumada. Por conta disso, a moça tem uma reação histérica que será copiada por várias outras moças, sendo que as demais não receberam carta alguma. Essa espécie de contágio é chamada de infecção mental por Freud, e ocorre pelo desejo de também receber correspondências e sentir ciúmes, pois isso denota estar apaixonada e ter um amante.

O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Seria errado supor que assumem o sintoma por simpatia. Pelo contrário, a simpatia só surge da identificação e isso é provado pelo fato de que uma infecção ou imitação desse tipo acontece em circunstâncias em que é de presumir uma simpatia preexistente ainda menor do que a que costumeiramente existe entre amigas, numa escola para moças. Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido. (FREUD, 1921, p; 135 e 136)

Mais adiante, Freud sintetiza as explicações anteriores e conclui que, no processo de identificação, é possível haver qualidades partilhadas entre o sujeito e os demais, sem que esse outro seja um objeto do instinto sexual. Parece ser nesse ponto que a investigação sobre a identificação interessa ao estudo do humor judaico. Freud, ainda no texto de 1921, refere a existência de um laço entre membros de um grupo, que se faz por meio de uma qualidade emocional comum a todos, e quanto mais firme for esse processo de semelhança e identificação, mais coeso estará o grupo. Freud ainda diz que "essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder", (Freud, 1921, p. 136).

Freud menciona por diversas vezes a função do líder nas organizações de grupo, porém para esta dissertação, uma análise a fundo do texto não se faz necessária. Este tópico visa expor a questão da tradição oral do povo judeu, bem como situar a importância da identificação entre os membros desse povo, pois sem esse processo, os judeus não poderiam existir.

Então, volta-se para a questão das qualidades partilhadas que compõem um laço entre os membros do grupo. Já foi dito que o povo judeu é um povo de característica sócio-religiosa, que se baseia num livro sagrado principal e em outros posteriores; e que tem uma rica cultura derivada da formação religiosa, mesmo sendo uma cultura aparentemente desvinculada dos textos sagrados. Depois, deve-se lembrar a questão da tradição oral como forma de comunicação e exercício de memória entre os povos, e como meio muito usado entre os judeus, especialmente para a formação do que se chama humor judaico.

Com todos esses aspectos apresentados ao longo do texto, a vinculação dos dois conceitos - identificação e tradição oral - é algo inegável para esta dissertação. Ao longo da pesquisa, percebe-se que o processo de identificação facilita a comunicação entre os membros do povo judeu, e ao mesmo tempo a tradição oral facilita a identificação. Mesmo sabendo que o caminho da identificação passa pelo complexo de Édipo, e que é algo muito mais especial e delicado do que simplesmente falar sobre si mesmo, ainda assim é possível dizer que a tradição oral facilita a identificação, pois o humor judaico, muito mais oral do que escrito, é passado como se fosse um dos documentos de um povo, a cada geração, e essa função oral de transmitir é um sucesso, tanto na manutenção do humor judaico, quanto ao longo da existência do povo judeu.

2.3. A festa de *Purim*

Para comer as orelhas de Haman.

A festa de *Purim* foi escolhida para ilustrar este estudo por uma razão muito peculiar: trata-se da festa mais alegre do calendário judaico. É a comemoração da salvação do povo judeu na Pérsia, mais ou menos no ano 450 da Era Comum, e seus protagonistas são Mordechai e Esther.

Muitos dizem que é o *halloween* judaico, ou mesmo o carnaval judaico, visto que as pessoas se fantasiam para celebrar, mas na verdade é uma festa de alto simbolismo religioso, pois a história de Esther é contada todos os anos, do início ao fim. *Purim* significa sorte, a sorte que Haman lançou contra os judeus, em prol do seu aniquilamento, porém não obteve sucesso e a má sorte se voltou contra ele. Durante todo o mês de *Adar*, o povo judeu fica espiritualmente mais forte e a alegria aumenta logo que o mês começa, por conta dos dias de *Purim*. Segundo Esther 9:28,

E que estes dias seriam lembrados e comemorados geração após geração, por todas as famílias, em todas as províncias e em todas as cidades, e que estes dias de 'Purim' jamais caducariam entre os judeus, e que a memória deles jamais se extinguirá entre os seus descendentes.

Para entender toda a história de *Purim* e suas articulações, é necessário situá-la na Torá antes, para que posteriormente seja possível comentar com clareza a respeito dos rituais contemporâneos em comemoração à data.

Inicia-se então com o castigo dado pelo rei da Pérsia à Vashti, mulher que não compareceu ao seu chamado. Ela foi destituída do seu reinado e, como punição, se realizou uma pesquisa entre as virgens mais belas para ver qual delas agradaria ao rei e tomaria o lugar da outra que lhe tratou com desprezo. Esther foi a moça escolhida pelo rei Ahashverósh para substituir Vashti, e logo a moça judia virou rainha. Seu primo, Mordechai, que a criou como filha, acompanhou esse processo compulsório de subida ao trono, pois em momento algum foi questionado se Esther o desejava. Ela foi orientada por Mordechai a não comentar sobre a sua origem judaica.

Depois que Esther virou rainha, e sem dizer que era judia, o rei persa Ahashverósh passou a engrandecer Haman mais do que fazia com qualquer outro dos seus ministros, e quando Haman devia ser saudado pelos servos do rei, Mordechai não se inclinava e nem se prostrava, não participava do ritual. Essa recusa do plebeu judeu

enfureceu Haman, que rapidamente descobriu sua linhagem e procurou destruir todos os judeus em retaliação à insubordinação vista.

Então Haman disse ao rei Ahashverósh: 'Existe um povo, espalhado e disperso entre os povos, em todas as províncias do seu reino, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as do rei; pelo que não convém ao rei tolerá-lo. Se bem parecer ao rei, decrete-se por escrito que sejam mortos, e através dos que executarem a obra eu pesarei, através deles, 10.000 talentos de prata que entrem para os tesouros do rei. Então o rei tirou o seu anel da mão, deu-o a Haman bem Hamedáta, o agaguíta, o adversário dos judeus. E o rei disse a Haman: 'Essa prata seja tua, como também esse povo para fazeres dele o que melhor for de teu agrado'. (Esther, 3:8, 3:9, 3:10 e 3:11)

Com a autorização do rei explícita por meio da palavra e do anel presenteado, a ordem seguinte era que todos os judeus deveriam morrer; homens, mulheres, crianças e idosos, não era permitido deixar ninguém vivo - e toda a matança deveria acontecer em um único dia, o dia 13 do 12º mês, que é justamente o mês de *Adar*. O decreto ordenou ainda o saque dos bens dos judeus, e cada província deveria obedecê-lo.

O luto se generalizou entre os judeus em todas as províncias: eles se vestiram de luto, fizeram jejum, choravam seus lamentos, e logo as mulheres do reino deram a notícia a Esther. A essa altura Mordechai já estava vestido de pano de saco e cinzas em sinal de luto, e com esse traje ele não podia entrar no palácio. Então Esther ofereceu-lhe outras roupas, mas não foram aceitas porque ele se negou a trocá-las, e assim eles se serviram de um eunuco de Esther para conseguir conversar - um dentro e o outro fora do palácio. Por meio de relatos orais de um e de outro, debateram o assunto naquele dia. Mordechai queria que Esther falasse com o rei e pedisse por seu povo, porém ela não podia dirigir-lhe a palavra sem ser chamada, e o castigo para tamanha audácia era a morte. Como saída, Esther pediu que Mordechai e todo o povo das províncias jejuassem por três dias, sem comer nem beber, e ela faria o mesmo com as suas mulheres da casa real. Após os três dias, falaria com o rei mesmo sem ser convidada e agüentaria as conseqüências do ato.

No terceiro dia, Esther vestiu seus trajes reais e se exibiu às vistas do rei, que a convidou a falar. A rainha pediu que ele e Haman fossem a um banquete organizado por ela, e durante o banquete do vinho, o rei questionou o que ela desejava pedir-lhe. Sugeriu então que os dois comparecessem novamente a outro banquete na manhã seguinte. Por conta desse convite, Haman ficou muito orgulhoso de si, sentindo-se

importante, porém tal sentimento não foi suficiente para amenizar o seu ódio contra os judeus, pois na saída do palácio deparou-se com Mordechai outra vez. Então, a esposa de Haman, Zéresh, sugeriu a preparação de uma forca para matá-lo, já que esse judeu era um incômodo para o seu marido.

Outro episódio fez inflar de raiva o vilão Haman: o rei lembrou que Mordechai havia denunciado os servos que pretendiam atentear contra ele, e não foi retribuído de nenhuma forma. Quando o rei pensou como poderia recompensá-lo, Haman logo imaginou que as honrarias seriam para si, alto ministro, e no entanto foram direcionadas ao judeu mal vestido que ficava sentado na porta do palácio real. Assim, Haman voltou para casa de cabeça coberta e contou à sua esposa e seus amigos o episódio, e esses alertaram ao próprio Haman, que ele não prevaleceria diante do judeu, ao contrário, que provavelmente cairia diante dele.

Chegou a hora do banquete promovido por Esther, e novamente o rei perguntou o que ela desejava. Ela pediu por sua vida e por seu povo, e acusou Haman de ser o malfeitor. Com isso, o rei se retirou da sala e foi ao jardim, e quando retornou, Haman havia caído no divã onde Esther estava, de modo a fazer o rei pensar que ele queria forçar a rainha dentro de sua própria casa. Logo em seguida, no meio da conturbada situação, um eunuco informou que Haman havia construído uma forca de cinquenta metros para matar Mordechai, um homem que tinha feito bem ao rei. Assim, o rei ordenou que Haman fosse morto nessa mesma forca, e assim aconteceu.

Com a morte de Haman, o rei deu a casa dele a Esther, e a mesma informou ao rei o que Mordechai lhe representava, que são familiares. Assim, o rei tirou seu anel que havia dado a Haman e deu a Mordechai, enquanto Esther solicitava o cancelamento da lei que mataria todos os judeus. O rei disse que não poderia revogar aquilo que tinha sido escrito e selado com o seu anel, pois o que o rei escreve é irrevogável, mas concedeu o direito de defesa por parte dos judeus, e estes poderiam lutar em seu favor como fosse necessário. No dia 13 de *Adar* os judeus receberam o edito e se prepararam para lutar com muita força e orgulho, pois naquele momento Mordechai era um homem de vestes reais dadas pelo próprio rei, era alguém respeitado e sua fama crescia por todas as províncias.

No momento da luta contra o aniquilamento e os saques, uma enorme quantidade de homens inimigos morreram nas mãos dos judeus na batalha, e os dez filhos de Haman foram mandados à forca por sugestão de Esther e decreto do rei. Depois da vitória, os dias 14 e 15 do mês de *Adar* ficaram marcados como dias de

alegria e banquetes, e os judeus passaram a enviar porções de comida uns aos outros. Assim, o mesmo mês deixou de ser um período de tristeza e passou a ser de alegria, transitando do luto ao dia de festa. Esther e Mordechai escreveram cartas ao povo judeu e esta data deve ser lembrada todos os anos, sem exceção.

Ainda hoje esse relato não foi esquecido, e os judeus de todo o mundo comemoram a festa de *Purim*. Esse marcante período do calendário judaico foi escolhido para ilustrar um trabalho sobre o humor judaico porque, após a leitura da *meguilá* de Esther, as pessoas dançam e fazem muito barulho para celebrar a vitória. É um brinde à vitória e à desgraça de Haman ao mesmo tempo, pois sempre que o nome de Haman é dito, todos batem nas mesas, gritam, giram matracas, apitos, buzinas e riem como se a vitória do povo fosse algo muito recente.

Em *Purim*, tanto as crianças quanto os outros membros se fantasiam, inclusive os mais respeitados rabinos, que acabam por usar algum adereço cômico ao menos. É a festa em que se faz graça com o algoz, em que se goza de sua morte e do trunfo dos judeus, além de ser a data mais alegre do calendário, como já foi dito antes. É interessante perceber também que, como se não bastasse a força dada a Haman e a vitória das batalhas nas províncias persas para o deleite de todos, ainda há um doce muito peculiar para incrementar o banquete dos tempos modernos: as orelhas de Haman, *oznê Haman*. São biscoitos triangulares que realmente parecem com uma orelha, sendo que deliciosamente recheados por tâmaras ou mesmo goiabada brasileira, contanto que sejam doces. Lembra um pastel e faz sucesso entre os membros da congregação, de todas as idades.

O fato de fazer chacota em *Purim* com o mais terrível algoz não é algo extremamente ligado ao estudo do humor judaico, mas há uma sutil relação desse fato com os a hostilidade vista no humor e em todo o anedorário, pontos já trabalhados. Observa-se também, e mais uma vez, a alternância entre luto e vitória, alegria e tristeza, movimento recorrente já visto anteriormente nos Salmos de David.

Por ser justamente a data em que a alegria é imposta, a necessidade de fazer um chiste pode até ficar abrandada, pois se nota uma maior incidência de chistes em momentos de lamento e, naqueles de alegria, eles naturalmente diminuem. Mas esta pesquisa não trata unicamente os chistes, e sim toda a complexidade do humor judaico, que se configura também ou quase sempre pelas manifestações do povo com base nas referências da Torá. E *Purim*, festa de alegria, banquetes, álcool em abundância,

fantasias, barulho, gozação e orelhas de Haman, não poderia ficar de fora das considerações deste texto.

Assim, com base nos ensinamentos da Torá e em alguns hábitos culturais, tais como a gastronomia e suas relações com as datas comemorativas, o povo judeu parece ser ensinado a fazer piadas pelo livro sagrado. Trata-se de uma imposição dos costumes - o de comer as orelhas de Haman e rir de sua desgraça, como também parece ser uma espécie de humor natural do povo judeu, pois se está na Torá que esse dia deve ser lembrado assim, gozando e rindo do vilão, assim será feito ao longo de todas as futuras gerações, da forma como Esther orientou.

2.4. Características fundamentais, necessidade e função do humor judaico

"O humor do sorriso entre lágrimas" ou
"O prazer humorístico derivado de simpatia"
Freud, 1905, p. 261.

Ao longo de todo o texto, as características que fundam o humor judaico vêm sendo exibidas. Quando os chistes foram comentados na primeira parte deste trabalho, já houve considerações específicas sobre os chistes judaicos na obra de Freud, bem como se falou sobre as suas razões de existir.

Porém, mesmo com exemplos e objetivações já mostradas sobre o humor judaico, é necessário expandir suas definições e centrar os relatos naquilo que realmente qualifica um humor ou dito humorístico como humor judaico. Para isso, este tópico irá recapitular aquilo que já foi falado, bem como irá avançar nos conceitos. Portanto, mesmo parecendo repetitivo, as definições e re-definições são pertinentes e necessárias.

Primeiramente, para dizer o que é o humor judaico, é preciso antes falar do humor de modo geral. Cada disciplina estuda o humor de acordo com as suas bases teóricas, então em virtude da variedade de conceitos que cercam o tema, vê-se estudos significativos em suas mais variadas formas - na literatura, lingüística, filosofia, antropologia, entre outros âmbitos. Aqui, interessa o humor articulado com a psicanálise freudiana, pois cada pesquisa precisa delimitar seu campo de interesse para que o estudo se aprofunde em algo, não sendo mais um comentário resumido ou generalista.

O humor visto na psicanálise remete a uma necessidade humana de sentir prazer e de se inserir na cultura. O homem é atravessado pela cultura de onde e em que habita, pois não é possível alguém viver sem isso, e com base nessa experiência cultural, surge o humor. Portanto, mais uma vez destaca-se o humor como completamente inserido no laço social, e mais que isso, percebe-se claramente que existe uma função social do humor.

Já foi visto que o humor faz uso de alguns artifícios descritos por Freud, como deslocamento, condensação, por exemplo, além de ser um mecanismo de defesa ao qual o ego recorre constantemente. Essas formações e conseqüências do humor deixam claro que o sujeito inserido na cultura continua nela, mesmo quando faz narrativas agressivas ou fala de algo proibido. O humor permite isso sem marginalizar o narrador, é uma forma lícita de continuar entre os demais sem transgredir as regras do social.

Cada localidade tem o seu modo específico de fazer piadas. A formatação do humor pode mudar completamente de acordo com o país e o modo de vida que ele tem. O *timing* se difere, e seu conteúdo mais ainda, especialmente se os temas das narrativas são ligados a questões políticas ou de cunho institucional ou social, entre outros. Pode-se ir ainda mais além ao pensar que o tipo de humor é variável mesmo dentro de um país, pois as regiões são demarcadas por sua constituição peculiar e as rixas com outras localidades tendem a aparecer no humor. Como exemplo, as piadas brasileiras sobre os nordestinos, vistos como "matutos", subdesenvolvidos e especialmente preguiçosos, que são contadas pelas pessoas residentes no sul-sudeste ou mesmo nas capitais nordestinas, onde o "ser matuto" já está incorporado ao modo de vida mais corrido e intelectualizado, próprio dos grandes centros. Assim, quem profere algo contra os nordestinos em tom de humor, de alguma forma tenta marcar a diferença existente entre um pólo e outro, e mesmo que o narrador também seja nordestino, certamente ele não se identifica em nada com as hostilidades proferidas.

O mesmo acontece com o humor judaico. Nesse tipo de humor também há um distanciamento do seu conteúdo, de modo a fazer uma separação por meio de uma barreira simbólica executada pela narrativa. Mas aí cabe uma questão: por que essa barreira é feita, já que, como foi dito, o humor judaico é feito de judeus para judeus? Esse é um ponto de grande importância neste trabalho, pois parece ser um impasse.

O humor judaico se diferencia dos outros tipos de humor justamente pelo seu direcionamento autocrítico, que é a maior característica averigüada. Não importa ao humor judaico fazer chistes ou piadas que possam denegrir a imagem do colonizador português, mesmo que qualquer narrativa desse tipo seja feita por um judeu brasileiro. Aqui, não importam as piadas sobre loiras e nem sobre papagaios pornográficos, pois o que está em evidência é o conteúdo judaico das histórias narradas. De judeu para judeu, as especificidades da cultura são vistas nesse humor. E essa separação necessária não diz respeito à diferenciação do judeu paulistano em relação ao pernambucano, pois a piada sobre nordestinos também não importa aqui. A grande questão que se vê relacionada a essa separação fundamental que existe no humor judaico é a formação de um distanciamento daquilo que não é bom para o judeu, mas está incorporado à cultura judaica. É como uma tentativa de nomeação do que não satisfaz: o judeu tem a chance de se separar e demonstrar seu desagrado sobre alguns temas que lhe cercam, sem que haja uma punição por isso.

Esse ponto sombrio pode ser esclarecido com alguns exemplos. Começando pela famosa figura quase mítica que é a *ídiche mamme*: ela se compara com a "mama italiana", porém parece ser ainda mais possessiva e dramática. A *ídiche mamme* está presente no imaginário de todo o povo judeu, incluindo homens, mulheres e crianças, pois todos já tiveram ou terão uma *ídiche mamme* em casa, é como se fosse óbvio esperar isso. Além do mais, toda mocinha é sutilmente preparada desde os primeiros anos para encarnar essa carga de sentimentos e poder exercida pela mãe judia, e algo precisa ser feito contra isso. Pode-se dizer que se não houver uma barragem contra as cargas afetivas desse tipo de mãe, a tendência é que ela se torne uma mulher altamente sufocante. Aqui, fala-se de uma imagem, de uma lenda ou personagem folclórico incorporado por essa mãe. Não se pretende aqui apontar quem sufoca, quem neurotiza ou cria os filhos em bolhas, mas sim construir um conceito de mãe que infla seus filhos e maridos com demandas afetivas demasiadas.

Então, mesmo a *ídiche mamme* sendo parte da cultura judaica, é preciso falar mal dela. Embora sabendo que a mãe judia é a responsável por passar a alma judaica e a espiritualidade à família, e com conhecimento da lei que impera sobre não desrespeitar pai e mãe, é necessário agredir de alguma forma. Caso não se faça esse distanciamento por meio do chiste hostil ou por meio de qualquer outro método, a sensação de estar possuído pela exigência alheia tende a consumir a identidade judaica, como se 'ser judeu' fosse somente ter uma mãe ensandecida. Assim, muitos recorrem à análise, alguns viram analistas, outros vão à religião em si, e a grande maioria, aos chistes. E ainda que se fale mal da mãe pela via lícita das narrativas humorísticas, que até subvertem sutilmente o mandamento citado, vê-se que as pessoas da comunidade judaica se orgulham das características dela e, caso tivessem uma *ídiche mamme* diferente, se é que isso é possível, seriam como um estranho no ninho. Ou seja, ainda que tudo isso seja visto como defeito, é algo completamente inserido no imaginário judaico e não se pretende excluir, somente afastar um pouco. Ressalta-se também que a nomeação '*ídiche mamme*' é genérica, pois serve da mesma forma para as mães judias de origem *sefaradi*. Não importa se o dialeto ídiche é *ashkenazi*, o que está em questão é a mãe judia, seja ela de que grupo for. Para ilustrar, seguem quatro narrativas sobre a *ídiche mamme*, vistas na *Enciclopédia do Humor Judaico*:

Arthur Rubinstein telefona para a mãe e conta que vai se casar, e ela responde:

- Está bem, Arthur, é bom ouvir isso. Mas você já fez seus exercícios de piano hoje?

Um médico estava com a mãe em Coney Island e foi tomar banho não muito tempo depois de comer. Ele começou a se afogar devido às câibras. A mãe, vendo tudo, começou a gritar por socorro:

- Alguém ajude! Socorro! Meu filho, um rapaz tão simpático, bonito e educado, formado em primeiro lugar na faculdade de medicina, grande especialista e médico com consultório na Park Avenue, 1389, quarto andar conjunto 402, está se afogando!

- Mamãe, posso ir ver o eclipse?

- Está bem, querido, mas não chegue muito perto.

A aeromoça da El Al estava falando ao microfone:

- Boa noite, senhoras e senhores. Estamos sobrevoando a sete mil metros de altitude com destino a Nova York e devemos chegar dentro do horário previsto. A serviço desta aeronave, encontram-se a Sra. Goldie Kaplan e a Sra. Sadie Kaminski e, naturalmente, meu filho, o piloto. (SPALDING, 2001, 280 e 281)

Além de toda essa exaltação da mãe para com o filho judeu vista nas piadas acima, ainda existe a questão das mulheres judias com os seus maridos. No anedotário judaico, vê-se com frequência que a relação de poder versus subordinação se aplica também da mulher para com o homem. Seguem abaixo mais dois exemplos, sem referência bibliográfica, que ilustram essa relação entre a esposa judia e o seu marido:

Um garoto judeu estava contando a sua mãe como ele conseguiu um papel em uma peça de teatro da escola. Sua mãe perguntou:

- Qual o seu papel na peça, Moishele?

- Eu farei o papel de um marido judeu, respondeu.

Sua mãe imediatamente ordenou:

- Vá agora mesmo falar com a professora e diga-lhe que você quer um papel com FALA!

O Senhor Bronstein, do departamento de pessoal, justifica para um jovem por que a empresa não vai contratá-lo.

- Desculpe, mas a nossa firma só trabalha com homens casados.

- Por quê? Por acaso são mais inteligentes e competentes que os solteiros?

- Não. Mas estão mais acostumados a obedecer.

Abordar a fundo essa situação expressa nos exemplos acima seria algo extenso para os propósitos deste trabalho, mas pode-se supor que a exaltação da mulher e suas funções na Torá fazem com que esse poder seja tão exercido. No livro sagrado, a

mulher é altamente espiritualizada e tem uma função mais que nobre; fundamental ao povo judeu: passar a alma judaica pelo ventre judaico, como já foi dito acima. Além disso, é ela quem cuida da espiritualidade do lar e não precisa se preocupar com as demandas materiais e mundanas, pois isso é o homem quem deve prover. Outro ponto é que ela tem menos necessidade de rezar que o homem, já que é muito mais pura e o trabalho com a família lhe exige demais. 'Ser mulher' já é o bastante, já que a vida judia e a propagação do judaísmo dependem de seu ventre e da educação religiosa que ela passará às outras gerações. Talvez em função dessas 'regalias espirituais', digamos assim, a mulher judia - que um dia poderá vir a ser uma mãe judia; tem tanto poder e este é tão aceito e validado por todos, embora isso seja apenas uma suposição. De qualquer modo, caso essa suposição fosse desconexa, o filho que recebe a ordem de levar um casquinho consigo sob o sol de verão dos trópicos, não obedeceria. Trata-se de um poder dado por D'us a ela, e sendo assim tão divino, quem ousaria intervir?

As anedotas sobre as *idiche mames* dominam os livros e coletâneas de humor judaico, mas obviamente não representam a sua totalidade. Outros personagens folclóricos, e obviamente menos importantes, também aparecem com muita frequência. Já se falou nesta pesquisa sobre os mendigos, os casamenteiros, os loucos, e sobre os ícones político-partidários que interessam ao judaísmo - os seus algozes. Fazer piadas hostis com um *schadchen* pode parecer covarde, pois a figura folclórica que este personagem representa é simplória, sem grandes atributos intelectuais, bem como empobrecida financeiramente. Para justificar uma agressão direcionada a esse grupo, Freud menciona a necessidade de realizar uma crítica velada para com a cultura em questão, a judaica, como já foi dito na primeira parte deste estudo, da mesma forma que se faz com a *idiche mamme*.

As diferenças vistas dentro do próprio humor judaico se evidenciam quando o judeu faz piadas direcionadas ao algoz, e nesse ponto é quando a autocrítica não está mais explícita, ao contrário, quando a narrativa tem esse direcionamento externo não se trata de autocrítica, e sim de crítica aberta a outros. Talvez este seja o momento em que o humor judaico mais se aproxima das variadas formas de humor, pois apesar de o direcionamento desse tipo levar a uma reflexão bem-vinda ao povo judeu, ainda assim é uma agressão àquele que em algum momento foi sádico ou simplesmente fez mal ao povo, de modo geral. O anedotário judaico não fala de uma pessoa que maltratou uma família em especial, e sim toma o povo como um todo, como se todos tivessem sofrido aquilo que a maioria sofreu.

Para ilustrar essa característica do humor judaico, há várias piadas sobre o nazismo e as mais diversas perseguições. São narrativas tristes, que infelizmente não geram risos, a menos que seja um riso de prazer por de alguma forma atacar as formações, institucionais ou não, anti-judaicas. No livro *As melhores piadas do humor judaico*:

Diálogo ouvido na Rússia estalinista:

- Por que Isaac Bronstein foi condenado a 20 anos de prisão?
- Porque chamou o secretário do partido de idiota: cinco por ofensa e quinze por tornar público um segredo de Estado.

Um agente da KGB vê um judeu estudando hebraico em uma praça de Moscou e lhe pergunta:

- Para que estudar essa língua, judeu, se você sabe muito bem que não o deixaremos ir para Israel?
- É para o caso de se falar hebraico no paraíso; quando chegar lá, quero dominar o idioma local.
- E quem te garante que você vai para o paraíso?
- Ninguém me garante, mas se eu for para o inferno, russo já sei falar!

Uma senhora nazista, em 1942, entra num açougue em Munique, olha em volta com desconfiança e dirige-se ao açougueiro:

- Este é um açougue alemão ou é misturado com coisas de judeus?
- Ora, minha senhora! É um açougue alemão puro! Aqui só se encontram porcos! (ZYLBERSZTAJN, 2001, 132 e 133)

Esses exemplos ilustram bem o que foi dito mais acima, e os dois primeiros são fáceis de serem compreendidos. Porém, o último deles, sobre o açougue, se destaca pela quantidade de metáforas implícitas: a primeira impressão é de que o açougueiro está chamando os alemães de porcos, justamente o xingamento dado aos judeus na época do nazismo. Depois diz que "aqui só se encontram porcos", dando a entender que os judeus não comem carne de porco, por isso se um açougue vende porco, é porque é um estabelecimento alemão. Em terceiro lugar, "aqui só se encontram porcos" pode fazer referências também aos que freqüentam o local, pois se é um comércio alemão em plena guerra, só os porcos alemães podem estar lá, já que em 1942 os judeus estavam nos campos de concentração ou em locais ainda menos agradáveis.

Assim, a formatação de algumas narrativas permite um desdobramento muito maior que a interpretação mais óbvia. Essa variedade de metáforas na mesma fonte é

vista melhor quando está escrita, pois quando falada, a rapidez da fala e elaboração do ouvinte podem deixar passar as sutilezas que precisam de algum tempo para serem desvendadas.

O tipo de agressão vista no humor judaico tem um direcionamento bastante específico, e não somente a crítica pela crítica. A necessidade de atingir alguém ou alguma instituição adversária não é um mero prazer sádico, e sim uma espécie conforto dado ao ego, como já foi dito antes. É como a frase que já virou ditado popular - rir para não chorar. Ela exemplifica bem as características dos chistes hostis de modo geral, e especialmente os do anedotário judaico. *Rir para não chorar* é a mais simples sentença que está por trás do desenvolvimento teórico realizado por Freud em 1905, bem como das observações feitas aqui sobre o humor judaico. É um humor que não faz gargalhar, e é também *o humor do sorriso entre lágrimas*, como diz Freud. Portanto, a necessidade e função dos chistes e piadas hostis ao povo judeu se revelam como de máxima importância, pois a utilização de frases inteligentes e contextualizadas podem gerar um prazer confortante e um afago ao ego, tantas vezes abalado pelos muitos tiranos ao longo das gerações.

Ainda em relação aos algozes, mesmo aqueles que não agredem fisicamente, pode-se citar a atuação de alguns meios de comunicação que fazem uso irrestrito, embora velado, de anti-semitismo. Atualmente, parece que criticar Israel tem sido o sustento de algumas agências de notícias, e esse tipo de informação sempre interessa ao mundo por várias razões que não cabem a este trabalho, mas especialmente por conta dos vários valores relacionados ao país, entre eles o seu valor histórico.

Um homem viu um cão pit bull atacando uma criança. Ele matou o pit bull e salvou a vida da criança.

Os repórteres cercaram o rapaz.: Diga-nos o seu nome! Toda Paris vai te amar! A manchete de amanhã: 'Herói salva garota de cão raivoso'

O homem disse: Mas eu não sou de Paris.

Repórteres: Está bem! Toda França vai te amar! A manchete de amanhã: 'Herói salva garota de cão raivoso'

O homem disse: Eu não sou Francês também.

Repórteres: Está bem! Toda Europa irá se apaixonar! A manchete de amanhã: 'Herói salva garota de cão raivoso'

O homem disse: Eu não sou da Europa também.

Repórteres: Então, de onde você é?

Ele disse: Eu sou de Israel.

Repórteres: Ok. A manchete de amanhã: 'Israeli raivoso mata cachorro indefeso de garota'

Esse exemplo é mais um daqueles que não tem autoria estabelecida e não se sabe se ele está inserido em alguma coletânea de humor judaico, portanto não há como colocar uma referência bibliográfica ou virtual da fonte. Como já foi dito algumas vezes, isso acontece com a maioria das piadas, pois elas simplesmente circulam - rondam as conversas, os *shows* de humor, os livros e até mesmo a internet. E essa forma de transmissão independe do tipo de humor, pode ser judaico ou não, como tantos outros aspectos. Mas ainda assim, sabe-se que as narrativas foram construídas por alguém e em algum momento, significativo ou não. Portanto, é possível afirmar que, mesmo sem uma identificação individual do autor, as piadas judaicas têm uma espécie de autoria, que se funda na repetição e na validação deles por meio do povo judeu. É como se não fosse uma narrativa criada e propagada por uma só pessoa, mas sim por todos aqueles que compactuam com o gesto social que o emprego dessas narrativas denota. Mesmo que não se saiba de onde esses chistes vêm, sabe-se que eles foram aceitos, incorporados e transmitidos ao povo, de forma oral ou por meio de livros de anedotas e outros meios de comunicação. O mesmo ocorre com as narrativas que circulam sobre os líderes de governo, sobre algum esportista ou pessoa em evidência na mídia. Esse modo de propagação não é exclusivo do humor judaico, e ao que parece, quem reproduz uma narrativa está de acordo com ela, e se torna automaticamente um co-autor da história e um novo receptor do prazer humorístico gerado por ela.

Para ilustrar essa questão da autoria dos chistes e piadas, segue mais um exemplo de *As melhores piadas do humor judaico*:

Hitler, nos primeiros meses no poder, já estava furioso de ouvir tantas piadas a seu respeito; resolveu descobrir quem era o autor. Para isso, pôs em ação seu serviço de espionagem, que logo descobriu ser Jacó Bronstein o responsável pelas calúnias. Jacó foi imediatamente encarcerado e submetido a interrogatórios pelo próprio Hitler. Disse-lhe este:

- Como você, judeu, ousa fazer piadas a meu respeito? Eu sou o chefe supremo do Terceiro Reich, o dirigente máximo de milhões de alemães!

- Esta piada não fui eu que inventei! (ZYLBERSZTAJN, 2001, p. 133 e 134)

E agora, voltando ao tema dos algozes iniciado acima, seguem mais exemplos vistos em *As melhores piadas do humor judaico*:

Hitler visita uma escola primária e dirige-se a uma menininha:

- Quem é seu pai?
- O führer, Adolph Hitler!
- Muito bem. E a sua mãe?
- A Alemanha nazista.
- Ótimo! E o que você gostaria de ser?
- Órfã!

Um policial nazista vê um judeu sentado em um banco no parque, e se dirige a ele:

- Seu judeu imundo! Não sabe ler?
- Sei, sim senhor.
- E não viu que a placa dizia: "Proibida a entrada de cachorros e judeus"?
- De fato, eu vi, mas como o senhor também entrou...

Goebbels, vítima de uma terrível enxaqueca, manda chamar escondido um médico judeu. Este, após examiná-lo, receita-lhe água fria.

- Como devo proceder?
- Consiga uma bacia de água fria, mergulhe a cabeça três vezes e retire-a só duas.

Numa recepção, quando se conversava sobre viagens, diz o anti-semita, sem saber que o convidado principal era judeu:

- Adorei o Alasca. Não vi por lá nem um judeu e nem um porco!
- Ao que, em meio ao embaraço geral, responde-lhe polidamente o judeu:
- Se tivéssemos ido juntos ao Alasca, teria sido diferente. (ZYLBERSZTAJN, 2001, p. 135, 136 e 137)

Com esses exemplos em vista, nota-se que o humor judaico pode ser tão agressivo e ácido quanto outras formas de humor, porém os conteúdos abordados continuam em torno das temáticas que interessam ao povo judeu. Mesmo ao tratar a tirania imposta ao povo, ainda assim se fala especificamente do povo judeu, e não do sofrimento vivido por outros grupos. Com isso, autocrítica e auto-referência se alternam e se misturam na constituição do humor judaico.

Existe ainda uma questão que está visível no humor judaico, que é a prevalência de narrativas feitas por pessoas do sexo masculino, especialmente adultos e idosos. Este trabalho não pode entrar a fundo na questão de gênero, mas também não pode desconsiderar tal fator. De acordo com o que foi tratado até então, os chistes e piadas precisam de maturação intelectual, pois para a elaboração deles é preciso haver domínio da língua, entendimento de ironias e metáforas, como também conhecimento histórico e

cultural. Esses pré-requisitos não se encontram entre as crianças novas, e normalmente afloram somente na adolescência, ainda assim se adequando às limitações próprias da idade. Já o adulto e o idoso têm todas essas qualificações para fazer um dito humorístico, bem como possuem uma carga melancólica adquirida ao longo da vida social - com base na violência, nas dificuldades diversas e nas decepções, entre outros fatores. Assim, os adultos e idosos estão mais propensos a sentir melancolia em algum momento da vida, e a fazer uso dos chistes e piadas para reverter a situação e negar o humor deprimido. Esse mecanismo não é abrangente nas crianças e adolescentes, porém isso não significa que todos os menores de dezoito anos são felizes, mas em geral fazem uso de outras defesas psíquicas contra a tristeza.

Sobre o homem judeu elaborar mais piadas e chistes do que a mulher judia, isso pode ser pensado com base no mandamento de recato, a *tсениut*. A Torá ensina que tanto homens quanto mulheres devem ser recatados em público, especialmente em meio ao sexo oposto. Há leis para os dois sexos, mas aquelas direcionadas às mulheres são mais visíveis e, curiosamente, atualmente as mulheres que seguem esse mandamento acabam se destacando mais do que as outras no cotidiano dos dias atuais. Visto que as demandas da moda e a cultura vigente no ocidente são partidárias da exibição excessiva do corpo, as mulheres que se preservam dessa tendência acabam sendo mais notadas, e a marca da diferença fica impressa por meio das roupas e atitudes que lhe conferem a característica de mulher religiosa.

De acordo com os escritos do livro sagrado, a mulher deve se resguardar para não exibir uma imagem vulgar, e ao mesmo tempo, várias regras de livros contemporâneos de etiqueta se mostram em concordância com os ensinamentos religiosos tão antigos. Não se trata somente da preservação do corpo feminino, coberto por roupas sóbrias; a *tсениut* engloba um conjunto de comportamentos, que vão das vestimentas até as variadas formas de falar, estar em público, e lidar com as pessoas.

As mulheres, segundo o judaísmo, possuem um traço especial denominado biná, traduzido aproximadamente como "profunda compreensão." Na Torá, as mulheres são exemplificadas como tendo um rico mundo interior, possuindo um poder único de influenciar o caráter das pessoas; são descritas como tendo discernimento e percepção além da lógica, fatos externos e fachadas superficiais. Se as mulheres são observadas externamente, sem o caráter e espiritualidade, são privadas de seu dom e força singulares. Existe o perigo de que sejam degradadas e transformadas em objetos. De fato, vemos que as culturas que admiram as mulheres basicamente por suas características físicas, em última análise as degradam e tiram

vantagem delas. Tendo em vista esta perigosa possibilidade - combinada a uma forte tendência entre os homens de perceber o físico e externo, e de serem estimulados visualmente - as mulheres fariam bem se não enfatizassem tanto o corpo, a fim de realçar aquela que é sua verdadeira beleza: sua força interior, sua alma. (fonte: www.chabad.org.br)

Se for possível visualizar uma cena de contação de anedotas, em geral pode-se pensar numa roda de amigos próximos, rindo em bom tom e gesticulando demasiadamente. O conteúdo das narrativas também é variável, e mesmo considerando os ditos mais pornográficos como algo distante ou com mínima aparição no humor judaico, ainda assim há a hipótese de surgir algo do tipo. Tudo isso vai de encontro às regras de recato feminino, e talvez para evitar eventuais constrangimentos, as mulheres não se colocam nessas ocasiões, em sua maioria. Vale ressaltar que o recato é cumprido em totalidade apenas pelos judeus mais religiosos, enquanto a maioria cumpre somente o básico para se viver em sociedade - a adequação do vestuário e dos comportamentos em lugares sagrados, por exemplo, e ainda assim estas são atitudes coerentes tomadas por qualquer pessoa, judia ou não.

Ao longo desta pesquisa, fica claro que ser judeu, independente de ser muito ou pouco praticante, está diretamente ligado aos hábitos religiosos e aos mandamentos da Torá. Então, mesmo que nem todas as pessoas sejam tão educadas e discretas quanto os mandamentos ensinam, em algum momento da vida do sujeito judeu isso será percebido, mesmo que ele não seja religioso. Há uma generalização dos hábitos judaicos em que o ponto de apoio para tais especulações é a Torá, bem como os outros livros do judaísmo. Ainda assim, nada aqui pode ser apontado como verdade única ou para todos, mas é inegável que as aproximações relatadas nesta pesquisa têm um fundamento bastante sólido, que é o modo de vida judaico instaurado a partir do judaísmo. Mais uma vez, pode-se dizer que o judaísmo cultural e o religioso não se dissociam.

Dessa forma, é possível pensar que a necessidade do recato é uma das razões para os homens fazerem mais piadas e manifestações de humor no judaísmo do que as mulheres, ainda que seja somente uma suposição, sem profunda maturação, pois vários fatores podem contribuir para tal questão. E ressalta-se que a mulher tem a capacidade de fazer chistes tanto quanto os homens, e os faz, mas talvez não os repita em formas de piada com tanta frequência. Esse campo permite uma vasta investigação, que é bastante

interessante, porém a sua abrangência sairia parcialmente do foco e limite adotados previamente neste trabalho.

Observada a prevalência masculina na contação de piadas, parte-se então para a exibição de um exemplo que mostra um outro lado, que é o humor contemporâneo realizado por mulheres judias. O seriado televisivo escolhido para o desenvolvimento do próximo tópico exibe algo ambivalente: mulheres com pouco recato realizando ditos humorísticos a todo momento, exatamente o oposto ao que acaba de ser citado. Porém, ainda que elas façam chistes e piadas, eles não são exibidos da forma tradicional, numa roda de comparsas que visam o prazer com a narrativa. Ao contrário, o humor de *The Nanny* não é premeditado, mas se mostra extremamente engraçado e prazeroso, tanto quanto, ou mais, do que qualquer outro.

2.5. O humorista judeu do séc. XX/XXI - *The Nanny*

The power.

Este tópico tem a finalidade de exemplificar o humor judaico contemporâneo por outras vias, que não as já trabalhadas - os chistes falados e escritos. As passagens da Torá sobre o riso e sobre o poder da zombaria de D'us para com os algozes já foram relatadas, e uma vasta demonstração do anedotário judaico também já foi expressa neste trabalho. Porém, as manifestações que circundam o humor judaico são muito amplas, e com o aumento dos tipos de meios de comunicação, essa amplidão desafia até mesmo o conhecimento de tudo o que se passa.

Se antes os adultos judeus somente se reuniam nas festas judaicas para a sessão de contação de piadas, hoje esse universo está muito mais elástico. Novas formas surgiram como alternativa às narrativas, e a criatividade para fazer humor acompanha esse inevitável avanço tecnológico, seja qual for o seu tipo. É possível citar a classe média e as mais abastadas como os grandes consumidores do produto humorístico, que vai dos filmes alternativos de Wood Allen aos seriados norte-americanos transmitidos por televisão a cabo. Outro ponto forte que surgiu há alguns meses é o You Tube, uma espécie de arquivo de vídeos que são encontrados por meio de palavras-chaves, como no já conhecido Google, fundamental aos internautas. O You Tube é o Google dos vídeos, melhor dizendo.

Como o You Tube é um meio de comunicação gratuito, embora seja necessário arcar com os possíveis custos do acesso à internet, a quantidade de vídeos arquivados e vistos por este programa é incontável para o presente trabalho, de modo a propagar rapidamente o que quer que seja - desde entrevistas sérias até imagens cômicas, de *shows*, jogos esportivos, animais de estimação e etc. Ele está acessível para todo o mundo e em qualquer idioma que se queira.

A importância de um programa tecnológico atual para esta pesquisa é muito simples: inúmeros vídeos temáticos e de curta duração são apresentados, e o humor judaico não ficaria de fora. Há clipes caseiros feitos e vistos por milhares de pessoas, sobre os mais variados temas, inclusive sobre os debates do meio judaico e o seu humor. São gravações que rodeiam a política internacional, as questões de Israel com a organização terrorista *Hezbollah*, a sátira com grupos judaicos extremamente religiosos, entre outros. O universo desse material é imenso, e para esta pesquisa é necessário

estabelecer um recorte, para que possa ser feita uma boa descrição e análise das referências escolhidas. Portanto, mesmo esclarecendo sobre o You Tube e as produções caseiras de videoclipes humorísticos, esta pesquisa focará a análise apenas no seriado televisivo *The Nanny*. Para tanto, ressalta-se que este seriado também está disponível no referido programa.

Há tantas outras formas de expressões do humor judaico, além das piadas faladas e escritas, que não caberiam neste trabalho. Mesmo assim, não é possível deixar de mencionar os grandes humoristas judeus e aos famosos cineastas - entre eles, Woody Allen, os irmãos Joel e Ethan Coen, Jerry Seinfeld e o brasileiro Bussunda, por exemplo. São vários expoentes midiáticos para representar o humor judaico, porém esta dissertação tem um foco determinado, e para alcançar o objetivo da pesquisa, somente o seriado *The Nanny* será trabalhado. Ele foi escolhido dentre tantas opções porque mostra claramente as características do humor judaico trabalhadas nesta pesquisa, e torna palpável a teoria por meio de um exemplo do senso comum. *The Nanny* foi feito para o americano médio, mas após entender tudo o que foi tratado aqui sobre o humor judaico, este seriado ganha uma importância superior. É possível dizer que o roteiro é uma obra rara, e nele há expressões em ídiche, estereotipia da comunidade judaica, gestos exagerados, figurino teatral, entre outros aspectos que remetem aos chistes vistos em Freud e à comicidade vista em Bergson.

The Nanny é um seriado norte-americano que foi filmado de 1993 a 1999, e foi bastante conhecido na década de 90. Aqui no Brasil ele foi transmitido poucas vezes por televisão aberta, e atualmente é reprisado no canal Sony da televisão a cabo. Com isso, o seriado não é dos mais ambicionados pelos jovens no mundo, já que os atores não estão na moda, se trata de uma estética cafona até mesmo para os anos 90 e, além de tudo, *The Nanny* nunca teve a pretensão de fazer um sucesso arrebatador. Aqui no Brasil, só as pessoas que têm televisão a cabo podem assistir o seriado, e dentro desse grupo, tira-se todos aqueles que têm ocupação no horário comercial, já que os episódios passam às 10h da manhã. Sobra um mínimo percentual, em geral composto por estudantes adolescentes, que por alguma razão gostam do seriado. É interessante haver um grupo numeroso desses adolescentes interessados, já que *The Nanny* não tem no elenco rapazes e moças erotizantes, que freqüentam as festas badaladas do *show business* e estão em evidência agora. Ao contrário.

Outro ponto é que poucos judeus conhecem a trama, e a maior parte dos espectadores é composta por pessoas de outras religiões ou sem religião alguma. Esses

dados foram colhidos por meio de observação em outro espaço virtual, o Orkut. No Orkut, as pessoas podem compor um perfil individual e fazem parte de "comunidades" destinadas a debates de temas específicos. Existem comunidades para todo o tipo de assunto, polêmicos, sérios ou fúteis. Por exemplo: sobre políticas públicas, mestrado e doutorado, destinos de viagens, gastronomia, criação de animais, filmes, religiões, atividades esportivas, flores, música, moda, e até mesmo sobre *The Nanny*. São várias comunidades sobre o seriado e seus atores, por sinal. Na maior delas, a que tem mais membros - são 4.235 atualmente, somente 27 são judeus ou se declaram judeus. Não foi preciso questionar os participantes sobre as suas preferências no seriado ou sobre a religião de cada um, pois essas informações já são visíveis de outras formas, publicamente. Nenhum internauta foi consultado para fins de pesquisa.

The Nanny foi dirigido pela própria protagonista da trama, Fran Drescher, e por seu marido na época, Peter Marc Jacobson. O elenco conta ainda com nomes famosos, como Daniel Davis, Lauren Lane, Renée Taylor e Ann Morgan Guilbert; além de Charles Shaughnessy, Rachel Chagall e os mais novos - Nicholle Tom, Benjamin Salisbury e Madeleine Zima. Vale ressaltar que Nicholle Tom era uma pré-adolescente no início da série, e os outros dois, Benjamin Salisbury e Madeleine Zima, eram crianças.

Fran Drescher interpreta Fran Fine, uma moça judia que mora com os pais no Queens, bairro classe média em Nova Iorque. Ela trabalhava em uma loja de noivas decadente, cujo dono era seu próprio noivo, e logo no primeiro episódio, a personagem descobre que estava sendo traída. Com isso, pede demissão da loja e tenta vender cosméticos de porta em porta para a elite da sua cidade, e assim se depara com a residência de Maxwell Sheffield, um produtor da Broadway que nunca conseguiu fazer sucesso.

Max, como ele é chamado ao longo da trama, é um viúvo de origem inglesa, pai de três filhos - a adolescente Maggie, o problemático Brighton e a caçula Grace. Maggie é a filha que traz temáticas adolescentes como a mudança do corpo, o desejo de ter namorados e de sair com as amigas, como também apresenta as típicas alterações de comportamento vistas nessa fase. Brighton rivaliza com Maggie em todo o processo de desenvolvimento do seriado, mas no início esse ponto chama mais a atenção. Além disso, ele tenta espantar todas as babás que por vezes já haviam se candidatado na residência, fazendo espetáculos que encenam mortes súbitas e acidentes domésticos. Fran Fine logo identificou a demanda de atenção de Brighton e não absorveu as cenas

planejadas como algo real. Essa atitude representou a aprovação num teste velado, tanto pelo garoto quanto por seu pai. Já Grace, a caçula, é a mais tranqüila. A personagem faz análise e, aos cinco anos mais ou menos, ensina aos demais como se portar na vida, com verdadeiros *insights* e conclusões bastante amadurecidas que desestabilizam os demais e os fazem refletir.

É nessa família que *The Nanny* se faz, e o título, a babá, é uma referência direta ao trabalho desempenhado pela protagonista. Ao invés de vender cosméticos, ela foi chamada para cuidar dessas crianças, e aceitou. Mudou-se para a casa dos Sheffield e, com isso, mudou também toda a rotina e parte dos valores que eles tinham, passando a ensinar os seus, numa empreitada de judeização da família em questão. Esse ponto será tratado mais adiante.

As demais personagens também têm funções fundamentais à trama. Daniel Davis é o mordomo Niles, que desde criança reside na família. Seu pai foi mordomo do pai de Maxwell, e ele se tornou mordomo de mais uma geração do clã inglês, embora sua vontade fosse ser advogado ou produtor teatral - de modo a rivalizar com o seu chefe. Niles tem um humor fino, também é de origem inglesa, tem sotaque elegante e ironia perspicaz. Vive trocando farpas com C.C, a personagem de Lauren Lane e sócia de Max, que é eternamente apaixonada por ele e passa a detestar a permanência de Fran na casa. "Nanny Fine" é como C.C a chama sarcasticamente.

Há ainda a família de Fran, que é composta por personagens fixos e eventuais agregados, que não cabem nesta exposição. Os fixos são Renée Taylor, como a mãe mais *ídiche mamme* já vista, chamada Sylvia; Rachel Chagall, como Val Toriello, a melhor amiga de Fran, e Yetta, a avó materna de Fran, vivida por Ann Morgan Guilbert. Sylvia e Fran, com suas problemáticas familiares, são as principais referências ao humor judaico vistas no seriado. Já Val é uma moça de raciocínio falho por toda a trama, limitada intelectualmente, e por isso, muito engraçada. E Yetta é uma senhora idosa, que esquece tudo, mas ao mesmo tempo é livre e mora sozinha num asilo, além de ser fumante e sexualmente liberada. Na última temporada Yetta começa a namorar Sammy, um pianista negro vivido por ninguém menos que Ray Charles, e formam um casal adorável.

Morty é o pai de Fran, que nunca aparece, mas é sempre mencionado. É um pai enfraquecido pelos poderes de Sylvia, que domina até mesmo a peruca dele. Somente nos últimos episódios Morty surge fisicamente, interpretado por Steve Lawrence. Outros grandes nomes de Hollywood fazem participações especiais em vários episódios,

embora não se tornem personagens fixos. São eles: Pamela Anderson, como uma amiga de Fran, Jon Stewart como um rapaz que Fran se interessou e depois descobriu que eram primos; além dos contatos artísticos de Max, que incluem Bette Midler, Elizabeth Taylor, Lynn Redgrave, David Letterman, Donald Trump, Celine Dion, Elton John e Whoopi Goldberg, entre outros. Interessante é que a maior parte desses artistas são tratados como parceiros de negócios de Maxwell, e interpretam a si mesmos na trama.

Maxwell é cristão, diferente de Fran. Outras características destoam entre eles - Max é obsessivamente organizado, não assume riscos financeiros, valoriza os estudos e o aprimoramento intelectual, é discreto e elegante na forma de vestir e tratar as pessoas e, de modo geral, é muito conservador em seus hábitos. Já Fran é o seu oposto - fez somente um curso para ser esteticista, seu máximo desenvolvimento intelectual se dá ao ver o Oprah Winfrey Show ou novelas, usa roupas chamativas, fala alto, tem voz nasal estridente e gesticula demais. Apesar de suas roupas serem ridículas e minúsculas, ela não tem uma imagem vulgarizada. É uma estereotípia do mau gosto, mas o foco do roteiro não privilegia esse ponto, que é apenas mais um ponto da trama. Fran usa suas mini-saias para persuadir Max nos momentos de discordância, mas isso não faz dela uma mulher a-moral, e sim cômica.

Mesmo com tantas diferenças básicas entre eles, Fran e Max desenvolvem um romance ao longo da trama. São seis anos de tensão sexual, pois o início da paquera já ocorre nos primeiros episódios. Ainda assim não é cansativo, é instigante ver o desenvolvimento deles, que não queriam se precipitar com um romance sem ter certeza de que daria certo, pois a relação de Fran com as crianças era sólida demais para ser desfeita em razão de um *affair* mal resolvido. Em todo o desenrolar da trama, especialmente quando o foco é o relacionamento amoroso e Fran e Max, vê-se respeito mútuo do início ao fim - eles aceitam as características do outro sem questionamentos, embora algumas vezes Max queira tirar Fran da sala, para não envergonhá-lo diante das visitas famosas. Essa atitude se dá porque ela tem a capacidade inata de cometer lapsos diante das visitas, e sempre o envergonha ou compromete os seus projetos profissionais de alguma forma. Mas além disso, em se tratando do ponto central da relação, cada um conserva em si o que é seu e ninguém pode mudar. Nem o casamento com Max nos últimos episódios mudou Fran - ela não passou a ser inteligente e elegante após o matrimônio, e todos a amam e se identificam com ela da mesma forma.

Fran tem a difícil tarefa de cuidar de três crianças e de desempenhar um papel feminino de referência na família, já que primeira esposa de Max faleceu anos antes de

sua chegada. Esse encargo é delicado, pois a personagem não pode substituir Sarah, a mãe, mas precisa exercer um papel parecido. Assim, Fran é uma mãe pela metade, que teme ultrapassar a barreira imposta pelas lembranças familiares da qual formalmente ela não faz parte. Por conta disso, Fran faz questão de lembrar Sarah, e estimula as crianças a pensar nela. Com a proximidade do casamento com Max, já na última temporada, eles resolvem que Fran adotará as crianças, num gesto de plena garantia do amor surgido na nova configuração familiar.

Durante o processo de adoção, e mesmo ao longo de toda a série, Fran questiona se pode usar "o poder" e, na dúvida, sempre o usou. Porém, no episódio em que Maggie, já crescida, resolve morar com seu namorado sem se casar oficialmente com ele, Fran se desespera com as possíveis repercussões dessa atitude. Então visita a sua própria mãe, Sylvia, para uma consulta sobre como ser mãe. Sylvia simula um ataque histérico de propósito, para mostrar a Fran como as mães judias são poderosas e podem fazer uso desse artifício. Didaticamente, a *ídiche mamme* mor, Sylvia, ensina como usar a culpa em seus filhos - a essa altura os três já eram tidos como os próprios filhos de Fran. Com muita surpresa, Fran questiona a mãe: - "Ma, você acha que eu já posso usar "o poder"? Sylvia a autoriza e faz Fran se transformar numa verdadeira mãe judia, que usa a culpa para manipular seus filhos, e Fran aceita essa passagem, justamente no momento em que os trâmites da adoção estão em processo.

Sentindo-se mãe, nomeada e verdadeiramente empossada da titulação, Fran vai à casa do namorado de Maggie e os encontra lá. Faz uma cena brilhante, com direito a chantagem emocional e desmaio no sofá, exatamente da mesma maneira que Sylvia fez, tão didática - ela não se machucaria desmaiando no chão. Maggie percebe o esforço de Fran em fazê-la voltar para casa, como também percebe que o sofrimento é teatral, e rebate: "isso não funciona comigo, eu sou uma *chicsa*!" Em outras palavras, não funciona com ela porque esse tipo de culpabilização é exclusivo dos judeus, e ela, *chicsa* (moça não judia) esclarecida e católica, não cairia nesse tipo de argumento. Depois, na mesma cena, Fran faz outra encenação de culpa para Max, e ele responde: "isso não funciona comigo, eu sou inglês!" Há uma separação explícita entre eles - judeus são diferentes de católicos, e americanos são diferentes de ingleses. Mas no fim das contas a armação de Fran deu certo, e Maggie percebeu que magoaria muito a sua família caso fosse morar com o namorado sem haver uma união formal. Assim, ela volta para casa e "o poder", mesmo com falhas de aceitação, foi desempenhado.

Ao longo de toda a trama, Fran exhibe as suas famosas expressões em ídiche, e sempre tenta justificar os seus atos com passagens bíblicas. Um episódio particularmente interessante sobre esse ponto se desenrola quando Fran resolve dar uma festa de *Bar Mitzva* para Brighthton. Ora, se o adolescente não é judeu, por que teria a comemoração da passagem à vida adulta, que acontece aos treze anos de idade do menino no judaísmo? Mesmo assim essa dúvida não chega a ser a questão central do episódio. Ocorre que, na mesma época, Fran ainda não tinha firmado um relacionamento com Max, e resolveu fazer um cruzeiro com sua amiga Val. Eis que Max sugere: "Vamos fazer o *Bar Mitzva* de Brighton num cruzeiro!" E o cruzeiro era o mesmo de Fran.

Assim, em desespero porque encontraria toda a família Sheffield na viagem que pretendia ser de férias e paquera, Fran rebate com astúcia: "Somos gente do deserto, não gostamos de nos molhar, por isso abrimos o mar vermelho!" Mesmo com um argumento tão válido como esse, toda a família termina no cruzeiro e no fim das contas isso não foi um problema para a protagonista.

Outros argumentos são usados por Fran e incluem as passagens bíblicas. Houve um episódio temático sobre a festa de *Pessach*, em que, ao mesmo tempo, retratava um emprego que Maggie tinha conseguido. Ela não precisaria ter um emprego, porque o pai rico poderia prover-lhe tudo, mas ainda assim resolveu ser funcionária de uma amiga de Fran, que virou atriz de Hollywood. Era um trabalho de assistente, mas muito duro porque a empregadora "escravizava" Maggie.

Depois de perceber que esse tipo de trabalho não estava sendo prazeroso, Maggie desiste do emprego que "escraviza" e vai à casa de Sylvia, a mãe de Fran, para um jantar de *Pessach* com a família Sheffield. Lá ela diz que não agüentava mais, e faz uma passagem bastante simbólica: sai do emprego que escraviza, e vai à festa de *Pessach* que comemora o fim da escravidão dos judeus no Egito. *Pessach* significa passagem, pular, ultrapassar. É a festa que comemora o fim da escravidão dos judeus no Egito.

Terminada a refeição, todos voltam à mansão dos Sheffield, empanzinados com tanta comida da festa judaica. Max, quase passando mal, questiona: "Todos comem tanto assim nos feriados judaicos?" E Fran responde prontamente: "Claro! Por que você acha que ficamos quarenta anos no deserto? Para fazer a digestão!" Com esse argumento altamente chistoso, Fran exhibe uma ótima perspicácia narrativa e ao mesmo tempo, sutilmente, um raciocínio falho nos moldes daqueles descritos por Freud. Ela faz

pensar que primeiro veio a festa de *Pessach*, e somente depois o exílio no deserto, porém a ordem está inversa - a festa comemora essa saída, então, obviamente, a caminhada no deserto veio primeiro. Fran faz com que as histórias da Torá se moldem ao seu interesse próprio, num movimento de explicar e desexplicar empreendido com muito humor.

Ainda nesse episódio da festa de *Pessach*, quando todos estão sentados nos sofás da mansão, inertes por terem comido tanto no banquete oferecido por Sylvia, a caçula analisada Grace resolve assumir algo, envergonhada de si, e diz: "Eu comeria mais um docinho..." Essa frase espantosa gera um silêncio na sala, cortado por Fran, que surge em auxílio à menor dizendo: "Eu comeria um pedaço de *cheese cake*." Depois dessa frase, cada membro se levanta, um a um, em direção à cozinha para comer mais. Isso mostra o poder de Fran, que praticamente define os limites da família, e permite que se queira comer mais. Ela já representava a matriarca judia há muitos episódios antes desse, e a sua tentativa involuntária de judaizar os Sheffield é sutil, bem sucedida e quase sempre se realiza por meio do humor.

Nos últimos episódios, durante a sexta temporada, o seriado ganha um caráter tragicômico. Continua sendo uma série humorística, porém com reflexões profundas e dramáticas, que pegam o espectador da comédia desprevenido. É uma espécie de despedida dos capítulos, que pretende dar um fechamento a cada nicho da trama, como se essa exposição não fosse necessária somente a quem assiste, mas também aos roteiristas e diretores, incluindo Fran Drescher e seu ex-marido, Peter Marc Jacobson.

Para exemplificar essa carga dramática, pode-se citar o episódio de *Chanuká*. Nele, Max se nega a permanecer em casa no primeiro dia da festa das luzes, *Chanuká* para os judeus. Fran fica muito decepcionada, pois gostaria de manter as tradições junto à família recém-formada, embora na mesma sala onde está a *chanukiá* (candelabro de chanuká) também se encontra a decoração natalina.

Max não dá ouvidos e sai de casa para um compromisso de trabalho em outra cidade, juntamente com a sua assistente C.C e a filha mais nova, Gracie, que visitaria uma nova escola com o pai. Muito triste e surpreendentemente elegante nos trajés, Fran espera pela volta do marido e da enteada, quando eles fazem uma ligação e dizem que sofreram um acidente em meio à nevasca do inverno americano. Rapidamente surge um momento de tensão no episódio, que logo é quebrado com algumas frases espirituosas empreendidas pela protagonista.

Ainda assim, há a mistura de tragédia e comédia, tão bem dosada pelo roteiro e elenco. Desesperada com a situação, Fran começa a rezar e encontra uma freira no meio da rua, em frente à sua casa, onde ambas rezam juntas. Supõe-se que, pela força da reza das duas mulheres, logo Max está de volta com Gracie. Mesmo com um tom religioso ecumênico, e que prima por um tipo de ensinamento tal qual um "moral da história", o seriado não perde a sua linha inicial. Ainda que se tratem questões delicadas nos últimos episódios, o tema central continua sendo o humor judaico e, apesar do denso conteúdo, o seriado sempre consegue ser engraçado.

Existe uma estética própria que acompanha *The Nanny* do início ao fim. Trata-se do exagero das roupas, gestos e emoções, exibindo o seriado dentro dos padrões do *kitsch*, ou seja, daquilo que é cafona e pretende ser luxuoso. No seriado, Fran tem um mau gosto estético que se destaca, como também toda a sua família e qualquer um que seja mostrado como judeu. Os ingleses e as demais pessoas "normais" são bem vestidas, harmoniosas e agradáveis, enquanto o judeu é feio, mal educado, mal vestido e, quase sempre, gordo. Esse exagero é o que dá o efeito cômico das piadas, é uma caracterização grosseira e feita por um judeu - a protagonista e produtora executiva, Fran Drescher, é judia na vida real, e realizou a série com o seu próprio marido, Peter Marc Jacobson, então eles têm esse direito. Eles têm imunidade nas piadas, como diz Seinfeld. Este, personagem de outra série, Seinfeld, explica essa questão da imunidade nas piadas com muito bom humor, porém de modo semelhante em conteúdo ao que já foi dito nesta dissertação. Só para constar, Seinfeld é um comediante judeu nova iorquino, tanto na vida real quanto na ficção da sua série homônima, e ele ensina que os católicos podem fazer piadas sobre católicos, os negros podem fazer piadas sobre negros, e os judeus, sobre judeus. Imunidade nas piadas é poder falar sobre, ser autorizado a isso, sem que pareça grosseiro e preconceituoso.

Voltando, a estética *kitsch* vista em *The Nanny*, na verdade, é uma crítica ao *kitsch*: trata-se da gozação com o que supostamente é luxuoso, mas na verdade é ridículo e exagerado. Todos sabem que, verdadeiramente, os judeus não se vestem e se comportam daquele jeito retratado. Porém, o olhar lúdico e piadista dos autores da série, bem como a judeidade impressa nas falas, o permitem essa percepção. Eles podem brincar com esse referido exagero e com o senso de ridículo, porque na vida cotidiana não é tão ruim assim. Então, se Fran Fine e sua família são mostrados como *kitsch*, isso se dá porque a série pretende brincar com esses parâmetros grosseiramente estabelecidos, e o faz com maestria.

Outro ponto que interessa ao estudo do humor judaico é o fato de que *The Nanny* subverte a regra implícita de homens judeus humoristas, como já foi dito ao final do último tópico. Nesse caso, são as três mulheres, das três gerações, que fazem as piadas - Fran, sua mãe e sua avó materna. E, ao contrário do poder masculino visto normalmente nos chistes, em *The Nanny* os homens são enfraquecidos e submissos às mulheres. Homens de toda a trama, qualquer um, não só os homens judeus.

Essa observação do homem enfraquecido no seriado só reforça a explicação sobre os poderes divinos dados às mulheres, explicados em outro momento deste trabalho. *The Nanny* consegue captar com sutileza a força da mulher no judaísmo, e exhibe essa particularidade com o uso de todos os exageros possíveis. Então, o tema é sério e delicadamente tratado, porém a estética que o transforma em humor é cheia de elementos que tomam a atenção da questão central. *The Nanny* não se preocupa em teorizar sobre a mãe judia em sua essência, pois é um programa de humor, mas consegue dizer ao telespectador com muita graça o quão poderosas, manipuladoras, extravagantes e amáveis elas são - tudo ao mesmo tempo.

No seriado, percebe-se a utilização das palavras estrangeiras em ídiche, do começo ao fim das filmagens. O ídiche é um dialeto muito parecido com o alemão, e que contém certas palavras que se aproximam do hebraico, inclusive é escrito com o alfabeto hebraico. O ídiche era, e ainda é, falado pelos judeus que vivem ou se originam do leste europeu. Mesmo que as pessoas não tenham o ídiche fluente e nem um vocabulário tão rico, é possível dizer algumas palavras e expressões que só outro judeu entenda. É como um código falado, usado para contar segredos, fazer xingamentos ou, como já citado, os chistes.

Existe um outro utilizado pelos judeus oriundos dos países africanos ou da Península Ibérica, os *sefaradim*. Esse dialeto seria equivalente ao ídiche, e se chama hakitia - pronuncia-se ráquitia. Da mesma forma, usa-se o hakitia para os mais diversos fins, ainda que o locutor não possua um rico vocabulário. O que os difere, além obviamente da origem e sonoridade, é a inserção no humor, pois as piadas com hakitia não são vistas facilmente, podem até existir, mas não são tão divulgadas quanto as *askenazim*, com palavras em ídiche.

The nanny, constantemente, faz uso do ídiche e, voluntariamente ou não, ensina ao telespectador alguns verbetes principais. A família britânica do seriado logo aprende o necessário, pois eles precisam entender tudo o que a babá os diz. Essa utilização de uma língua estrangeira reforça a diferença entre os personagens judeus e os demais,

porém isso não é tratado como um abismo cultural, ao contrário, é visto como uma espécie de judaização que Fran desenvolve involuntariamente para com os membros da nova família, e eles aceitam na mesma proporção. Não se trata de uma conversão, nem de ensinamentos formais sobre a Torá, mas sim de uma inclusão no ciclo subjetivo dela.

Essa diferença citada não pretende situar as personagens como superiores e inferiores, ricos e pobres, de bom gosto e de mau gosto. O seriado não é tão maniqueísta assim. O que ocorre é a exibição de duas culturas diferentes, encarnadas nas nomeações judeu-americano e católico-inglês, mas que em diversos momentos se misturam e sempre se respeitam, sem que haja um juízo de valor sobre quem é o melhor, até porque não existe essa concorrência.

Fran Fine já é americana, então ela se insere perfeitamente naquela realidade geográfica, da mesma forma que os ingleses. São grupamentos de estrangeiros nos Estados Unidos, totalmente adaptados, embora resguardando seus hábitos pessoais. Só que a questão proposta pelo seriado não é compactuar o sentimento de estrangeiro no país, pois Fran já nasceu lá, e Max foi aos EUA por vontade própria, com perspectivas de crescimento profissional e financeiro com a Broadway. No seriado, a avó de Fran, Yetta, fugiu das perseguições na Polônia, como muitos outros judeus que habitam Nova Iorque e as américas de modo geral, ou seja, Fran já é a segunda geração de judeus americanos na sua família. Portanto, a necessidade de Fran judaizar a sua nova família não é geográfica, e sim muito mais ancestral e importante que isso. Ela pretende mostrar quem é e o que pensa por meio de seus hábitos judaicos, alguns altamente deturpados em relação aos ensinamentos formais da Torá, mas ainda assim vistos como judaicos. Na trama, todos se inserem na cultura dela, como se ela fizesse um convite a essa abertura ao novo e desconhecido, algo que é aceito por todos da casa.

The Nanny, o exemplo do humor judaico escolhido em meio a tantos outros para ilustrar esta dissertação, cumpre o papel de retratar o judaísmo no cotidiano do cidadão médio, sem tantas vinculações religiosas ou ligações com o divino. As personagens são pessoas normais, daquelas vistas em qualquer lugar do mundo, independente da religião vivenciada. Suas problemáticas são comuns, despretenciosas, e toda essa simplicidade da trama favorece a identificação do espectador com o seriado, sendo ele um espectador judeu ou não.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desta pesquisa teve como base um projeto que foi adaptado várias vezes, até chegar a um modelo que permitisse a sua realização nessa configuração. De acordo com o projeto, esperava-se desenvolver uma leitura aprofundada sobre o chiste e o humor vistos na obra de Freud, bem como as conceituações do cômico encontradas no texto de Bergson. Esperava-se também entender o humor judaico articulado aos fundamentos teóricos desses dois grandes autores, e ao mesmo tempo exibindo algumas formas práticas e corriqueiras do humor judaico, para ilustrar o texto. Ao final da pesquisa, pode-se dizer que tais expectativas foram concretizadas, e a hipótese inicial de que o humor judaico se funda na autocrítica do povo judeu, foi desenvolvida e fortalecida.

Pesquisar o humor, e especialmente o humor judaico, parece estranho numa primeira impressão. As pessoas recebiam o tema com as mais diversas feições, e quase sempre sem nem imaginar o que se pretendia com este trabalho. Por várias vezes houve o questionamento do que se pesquisaria exatamente no humor judaico, ainda mais o ligando à psicanálise freudiana. E outras tantas vezes, ironicamente ou não, o humor judaico foi confundido com amor judaico. Ou seja, muitas pessoas sabiam que a pesquisa se funda no humor, mas sempre teimavam em dizer que o humor era amor judaico.

Assim, esse ato-falho não poderia passar despercebido. O amor judaico de fato esteve presente em todas as linhas desta dissertação. Seja por conta dos autores escolhidos, ou mesmo por quem a escreve, mas amor judaico de fato nunca faltou. E talvez esse amor judaico tenha impulsionado o humor, e vice-versa, de modo a colocar no meio acadêmico temas que trazem o riso à pesquisa.

Foi muito interessante realizar uma dissertação com o constante trabalho de ler piadas. Todos riam dessa situação, e assim a carga de um mestrado se dissolveu em meio a sorrisos e descobertas estéticas. Sim, existe uma estética judaica impressa nas piadas, e um seriado televisivo que abrange toda a estereotipia do modo mais lúdico possível.

De forma geral, pode-se dizer que a realização deste trabalho foi imensamente feliz e tranquila, e mesmo com as exigências de prazos, teorizações e formatações, ainda assim foi algo muito leve e simples de fazer. Com um tema como esse, não seria

possível enquadrar palavras difíceis, parnasianas, e nem elaborações altamente prolixas, pois os exemplos já explanam a teoria perfeitamente. Exemplos esses já vistos em Freud de 1905, pois somente se continuou com a tradição de exemplificar com os textos humorísticos.

Portanto, ao seguir à risca aquilo que estava registrado no projeto de pesquisa, este trabalho tornou-se um texto fiel ao que se pretendia averiguar no início. Ao longo da escrita, houve momentos em que um estudo exigia outro, e assim um novo mundo de teorias se abria a cada tópico. Porém, infelizmente e como já foi dito na introdução, é impossível dar conta de todas as motivações e explicações que se agregam ao humor judaico. Assim, para manter o foco e enquadramento teórico do texto, tais estímulos externos extremamente interessantes precisaram ficar para outro momento, pois existe uma infinidade de pontos a pensar, a mais que os já mostrados, sobre o humor judaico.

Talvez por essa razão, espera-se que este trabalho, mesmo chegando ao final, nunca esteja de fato concluído. Espera-se também que o leitor tenha compreendido adequadamente o que foi exposto, e que este texto possa estimular novos e antigos pesquisadores a pensar melhor o humor, judaico ou não. E por último, que o humor não fique, jamais, restrito às comédias anencéfalas e perversas contemporâneas, porque ele pode, e deve, ser muito maior do que isso.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Bíblia Hebraica: edição educativa baseada no hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas. Tradução: David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2006.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. (ORG.) **Usos e abusos da história oral**. 6 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2005.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneios**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

FREUD, Sigmund. **O humor**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

FUKS, Betty B. **Freud e a judeidade**: a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FUKS, Betty B. **Freud & a cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Tradução: Pedro Tamen. **Vocabulário da psicanálise**. 3 ed. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: do romantismo até nossos dias. Volume III. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Rei David Bem Ishai. **O livro dos Salmos**. Tradução: Adolpho Wasserman e Chaim Szwertzarf. 2 ed. São Paulo: Maayanot, 1995.

SPALDING, Henry. **Enciclopédia do humor judaico**: dos tempos bíblicos à era moderna. 2 ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

ZYLBERSTAJN, Abram. **As melhores piadas do humor judaico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

www.priberam.pt - **Dicionário on line de língua portuguesa**

www.chabad.org.br - **Site do Beit Chabad do Brasil**. Artigo:
<http://www.chabad.org.br/BIBLIOTECA/ARTIGOS/talmud/home.html>

www.morasha.com.br - **Site da Revista Morashá**